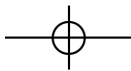
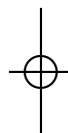
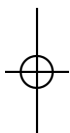


# Asas de Saturno



## **COLEÇÃO TRÁS-OS-MARES**

### **coordenação**

Renato Rezende e Maria João Cantinho

### **projeto gráfico**

Sergio Cohn

### **capa**

Lucio Ayala

### **revisão**

Luca Jinkings

### **distribuição**

Editora Hedra

### **edição adotada**

*Asas de Saturno*, Porto, Exclamação, 2020

**Com o apoio da Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas  
– DGLAB / Cultura / Portugal**

### **Dados internacionais de Catalogação na Publicação – CIP**

C231

Cantinho, Maria João

*Asas de Saturno* / Maria João Cantinho. – Rio de Janeiro: Circuito; Lisboa: DGLAB, 2020. (Coleção Trás-os-mares).

128 p.

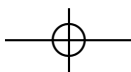
ISBN 978-65-8697-417-1

1. Literatura Portuguesa. 2. Romance. I. Título. II. Série. III. Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas (DGLAB).

CDU 821.134.3 CDD 869.3

2020

[www.editoracircuito.com.br](http://www.editoracircuito.com.br)



# **Asas de Saturno**

MARIA JOÃO CANTINHO



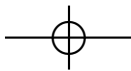
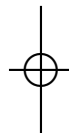
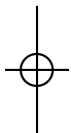
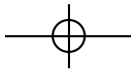
**REPÚBLICA  
PORTUGUESA**

**CULTURA**

**DIREÇÃO-GERAL DO LIVRO, DOS ARQUIVOS E  
DAS BIBLIOTECAS**

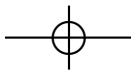
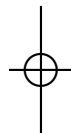
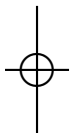
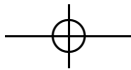
**CiRCiTO**

**2020**



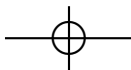
## Sumário

|                              |     |
|------------------------------|-----|
| A casa. . . . .              | 9   |
| O canto. . . . .             | 14  |
| A partida . . . . .          | 27  |
| O livro . . . . .            | 28  |
| As asas de Saturno . . . . . | 47  |
| Margarida. . . . .           | 57  |
| A voz . . . . .              | 60  |
| Férias de Natal. . . . .     | 86  |
| Porque o tempo. . . . .      | 107 |
| Tempus fugit. . . . .        | 116 |

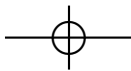
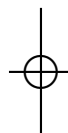
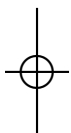


Words move, music moves  
Only in time; but that which is only living  
Can only die. Words, after speech, reach  
Into the silence. Only by the form, the pattern,  
Can words or music reach  
The stillness, as a Chinese jar still  
Moves perpetually in its stillness.

**T. S. Eliot**, *Four Quartets*



*Ao Meu pai (In Memoriam), que me legou a paixão pela música.  
Em agradecimento a António Cabrita, que reviu pacientemente o livro.*





## A casa

No ar ondula a cortina das janelas. Ao longe, uma fileira de prédios, nem novos nem velhos, com as suas marquises fechadas e as fachadas escuras, sujas de umidade e de poluição. Ao menos não são tão altos que tapem o sol e impeçam a circulação do vento, sobretudo ao final da tarde.

A secretária reflete o brilho da luz que entra. Há a desordem habitual sobre a secretária: lápis, canetas, folhas de papel rabiscadas com minúcia, uma caligrafia minúscula e metódica. Uma pilha de livros, aparentemente desordenada, mas da qual ele conhece a sua secreta ordem.

O rapaz assenta o queixo sobre a mão direita e tenta concentrar-se numa frase de Spinoza que transcrevera, na margem da folha, mas o seu espírito está bem longe dali. A música invade o quarto. À sua volta, a realidade sacode-o: um cão que ladra na rua, o barulho de tacões de saltos altos, correndo apressadamente, arranca-o ao devaneio. Uma luz crepuscular fustiga-lhe os lábios, deixando neles o seu tênue calor.

Observa o sol a declinar. Uma luz rubra desaba sobre os móveis e tudo ganha uma vida própria, infiltrando-se e acendendo as ripas do assoalho; grãos de poeira rodopiando sobre si e trepando secretamente os acordes da sinfonia. Daqui a pouco será noite. Sobrevirá esse silêncio, cobrindo as árvores do jardim, deixando nuas as ramadas das árvores e o mundo recolher-se-á na escuridão.

Florimundo fecha os olhos e ouve o murmúrio da folhagem crescendo, num som que lhe chega da memória, ao longe, e esse chilreio é-lhe familiar, antigo. Os seus olhos batem na iluminação dos candelabros, emergindo fantasmaticamente. E o som do piano escoa-se para dentro de si, transformando-o, acolhendo-o.

O odor das flores do terraço perturba-o, entrando pela janela, desperta-o desse limbo para onde a música sempre o conduz, esquecido de si.

O instante fende-se e Florimundo acede a um qualquer ponto obscuro de si mesmo. Por momentos é arrastado até ao passado. Ao tempo em que o vento era um murmúrio, soprando nas dunas da sua infância, ao longe avistando-se a casa. Esse tempo escava-lhe na pele uma

dor vaga, a cicatriz reabrindo-se. Descontínua, a torrente de imagens flui livremente, indo e vindo numa lentidão aquática. O som do violino perde-se na dobra do tempo, da carne, faz-se voz na noite que desaba. É este saber que o move e o transporta para um lugar que nada alcança, neste desvão de ser e de escombros.

O casarão vermelho sobre os penhascos, sobranceiro ao mar, assalta-lhe a memória. E, como se estivesse a olhar para um filme antigo, tudo se fragmenta, reacendendo o mundo petrificado. A casa rasga o horizonte, na sua solidão imponente sobre o mar. Surge-lhe a imagem da criança debruçando-se curiosa sobre um carreiro de formigas caminhando em fila, imperturbáveis. Era preciso descobrir para onde caminhavam essas obreiras, absorvidas na sua interminável tarefa de sobrevivência.

Florimundo levanta-se. Doem-lhe as pernas pela insistência da posição. Está há horas sentado, concentrado na leitura de um livro de estética musical. Espreguiça-se e encosta a cabeça à vidraça fria e brilhante. Os olhos são arrastados pelo pardal pousado nas grades da varanda. São as pequenas coisas que o emocionam, arrancando-o a um mundo frio, de noções abstratas, vazias. De súbito, o cansaço abate-se sobre si, deixando-o suspenso entre a luz que deseja e a sua própria escuridão. Essa luz do passado.

O passo arrastado de Clara fá-lo lembrar-se que é tarde. Nada avançou significativamente, às voltas com os seus pensamentos. Há muito que lhe falta algo para o guiar. Sorri, com ar triste e ensimesmado.

— Comeste alguma coisa? — O ar dela é o de quem já sabe a resposta, enfiando as mãos dentro dos bolsos. — Está cá uma nortada! O vento rasga-me a pele.

Ele olhou-a como se procurasse o rasgão da pele, a ferida, entre as muitas que ela tinha. Como de costume, não encontrava nada para dizer. Tal como a solidão, o silêncio transformara-se numa segunda veste, à força dessa mudez, uma melancolia cúmplice entre ambos.

A casa é a sua própria infância, afundando-se no mar e numa escuridão líquida.

Daquilo que ele se lembra melhor é a sua solidão. O aspecto inóspito que rasga o horizonte, dando à paisagem o seu ar selvagem e bravio, do longo areal batido pelo vento durante todo o ano. Das ervas solitárias e abandonadas no areal selvagem, onde se amontoava a areia, formando dunas. E do cheiro a maresia, às vezes violento porque o vento fustigava o mar e trazia um cheiro de água viva, das ondas a rebentar, no meio do

silêncio. Reconstrói à sua volta uma imagem, não sabe bem se memória ou sonho, e quase consegue ouvir o uivo do vento, ver o salitre roendo as grossas paredes da casa e trespassando-a de umidade.

Lembra-se delas, das aves, das suas asas a rasgar a linha do céu, cortando a penumbra. De quando acordava em criança, flutuando entre o seu voo lento e o azul da madrugada. Do canto das aves junto de si, do lado de fora da janela, perdurando na noite.

Quando o sol irrompia, o corpo enchia-se de um formigueiro e de vontade de ir até a praia. O rapaz descia pela falésia, através de uma escadaria interminável em madeira. A madeira rangia, inchada pela umidade. O cheiro da maresia impregnava-a. Ao fundo havia o mar, essa paisagem interminável, sempre presente e viva.

A mãe cantava e a sua voz rasgava o frio da manhã. Florimundo caminhava para ela, que o esperava de braços abertos, o corpo magro e seco, envolto num vestido já desbotado, que lhe refletia a cor dos olhos. Lembra-se dos seus lábios, das sardas no rosto e dos anéis alourados do cabelo. É difícil esquecer essa leveza que havia nos seus gestos rápidos e nervosos. Difícil era também esquecer-lhe a voz. Não raro, via-a avançar ao longe, no passo ligeiro que a tornava deslizante, pelo quintal. Espreitava-a silenciosamente pela janela. Era essa a medida exata do seu mundo.

Depois, sabia que ela estava ali. Chamava-a pelo seu nome: Clara. Às vezes, Gabriel brincava, chamando-lhe “claridade” e a ideia divertia-o. O nome da mãe era mais do que um nome, uma concha que trazia em si um segredo, com o dom de rasgar a escuridão com um simples relance dos seus olhos azuis.

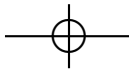
E vinha-lhe às narinas o odor do café, acabado de fazer, do pão quente à sua espera, ritual de cada manhã. Clara esperava-o, à entrada da cozinha grande e antiga, iluminada pela luz que entrava pela janela. E, na maior parte, das vezes, a porta que dava para o terraço estava aberta, se fazia calor.

— Vai calçar-te. — Os olhos dela fingiam mal a rispidez e assomava um sorriso que não resistia a aparecer-lhe ao canto dos lábios.

O silêncio dos olhos do gato espreitava-o, do fundo do seu olhar amarelado.

— Tira-me esse gato daí. Ele não pode estar sentado aí. — Pedia-lhe a mãe. — Que mania a do gato, de se sentar sempre na mesma cadeira, como se fosse uma pessoa.

O rapaz agarrava no gato e acariciava-o. Colocava-o com suavidade no chão.

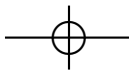


De cada vez que regressa, ainda vê o casarão vermelho enclausurado entre as árvores. Envoltos nessa cápsula que o tempo lhe trouxe. A erva cresce em redor das rosas, em desleixo emaranhado. Mas subsiste o desejo nostálgico do regresso, sobretudo quando os dias mais longos de Primavera retornam e o pólen flutua, quando o ar é invadido pelos esporos que se agarram à roupa, à pele.

Florimundo regressa incansavelmente àquela imagem que lhe traz a presença da infância concentrada, lembrando-se de como descia a escadaria a correr. Agora, descer a escadaria, que apodrecera com os anos, tornara-se perigoso. Com a umidade e a degradação dos anos, a madeira tornara-se frágil, estremecendo perigosamente, prestes a ceder. Era o mar a puxá-lo para si, a trazê-lo até a sua orla, onde gostava de brincar e de andar na areia molhada e grossa, de enterrar os pés na areia, seguindo trilhos que só ele e o pai conheciam. Até meados da Primavera, a praia estava praticamente deserta. Apenas as gaivotas a invadiam, era o seu território e ocupavam-na às centenas, sem haver perturbação da presença humana. Chegavam ali com o seu voo lento, quase solene, e escolhiam o lugar para fazerem os seus ninhos, abrindo-se nas pequenas cavidades naturais, entre as escarpas que as protegiam das intempéries e do vento, sobretudo no Inverno, quando este se tornava gélido, na costa voltada a Norte.

Florimundo perdia-se horas a fio, de olhos presos ao mar. Começava por ser um ponto de fuga onde cravava os olhos, deixava-se arrastar pelas fantasias que nasciam dos livros que lia, navios imaginários sulcando o mar, como nas histórias de piratas e exploradores que o pai lhe passava para as mãos. Olhava para esses barcos que partiam, largando linhas de espuma invisíveis e que só ele via. Hoje era o capitão Ahab percorrendo a senda da sua branca baleia, amanhã, talvez um pirata sanguinário, um herói dos mares, cheio de marcas pelas lutas que travara.

Fosse o que fosse esse mar, esse sonho ou desejo, havia nele a necessidade de se deixar ir. Outras vezes ouvia, apenas. Pela alba, mal o sol havia nascido, já ele percorria a praia até a zona afastada das dunas. Atirava-se para a areia e rolava por ali abaixo, ouvindo o vento, a valsa lenta do mar, o piar das gaivotas, deitava-se de barriga para o ar e ali ficava preguiçosamente, deitado de costas, os braços atrás da cabeça, apoiando a nuca, atento à música das ondas, ao som dos jatos de água salgada infiltrando-se nas fissuras dos rochedos e retornando à sua origem. Tão incrível era a profusão de sons que o ouvido desatento perdia, as vozes que o vento trazia, ora em sussurro, ora mais violentamente. E, no entanto, esses sons tinham um padrão essencial que absorvia e



integrava essa diversidade. E, de novo, a música se renovava até a sua vertigem, sempre, sempre, sem tempo nem espaço, incessante.

Fora Gabriel, o pai, que lhe havia ensinado esse gesto de concentração. Dizia-lhe que na natureza nada era desperdício, mas a mais perfeita economia do canto e da criação musical. Da vida que se confundia com o ritmo da natureza. Um padrão regular e repetitivo, que se aplicava a tudo o que vivia. Um ouvido atento, dizia-lhe Gabriel, poderia ir até a perfeição da audição de um animal. Os homens, explicara-lhe, quando ainda era muito pequeno, pareciam ter perdido essa capacidade de perceber o ritmo, a respiração das coisas, a regularidade das suas leis. Haviam-se evadido no labirinto das “suas pequenas vidas”, achavam que tudo se reduzia ao que viam e apenas a isso. A atenção era coisa de velhos, de gente que não tinha nada para fazer. Ou, então, de loucos que viam coisas que os outros não viam.

Às vezes, Florimundo avistava ao longe um ou outro vulto de solitário pescador, mas havia quase sempre aquele deserto, um universo intocado e selvagem, entre o amarelo esmaecido da areia e o azul do mar, uma névoa de espuma e salitre. Homens que se integravam na paisagem, como figuras de sempre, confundindo as suas roupas com o tom acastanhado dos penhascos, as mãos grossas e firmes, os dedos deformados pelas artrites e pelos calos.

Ainda hoje Florimundo sabe que pertence a este mundo fragmentado e que se apresenta em estilhaços na sua memória. Mesmo que o presente se tenha sobreposto a tudo, com o seu véu de tristeza, a sua pertença está entranhada na música que ouve. Nada poderia roubar-lhe essa pertença. Ao mesmo tempo vem a dor, a sombra que esconde a luz de cada criatura. Conhece o silêncio que tudo envolve em si, a repetição do fragor das ondas, atirando-se contra os penhascos. Cada lembrança evoca um mundo que escapa às palavras. Gabriel ensinara-o a ouvir essa linguagem íntima da matéria e chamava-lhe carinhosamente “meu anjo do futuro”.

Em torno da casa havia sempre as aves. Às centenas, iam e vinham, de todo o lado, misturando-se e desaparecendo, em formação, desordenadas, rasantes, por vezes rápidas, outras vezes tão lentamente que pareciam flutuar na espuma branca que se elevava das ondas, batendo contra as rochas. Aninhavam-se nas fissuras das falésias, escuras e altas, onde procriavam e procuravam alimento. Esse foi o primeiro som que aprendeu e conheceu. Ao mesmo tempo que aprendeu a falar. Cedo começou a imitá-las e rapidamente aprendeu que era simples comunicar

com elas. Percebeu, mesmo antes de falar, que já conhecia uma outra fala, uma outra linguagem, uma outra música.

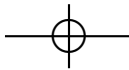
As gaivotas eram capazes de passar horas seguidas, imóveis e silenciosas, esperando o peixe. Para elas, não havia tempo. Alimentavam as suas crias e estas partiam quando se tornavam aptas. Depois vinham outras aves, substituíam as que morriam e tudo recomeçava. Sem sobressaltos ou angústias. O mar estava ali sempre, imemorial, como as aves, a areia e os sonhos.

### O canto

Um dia, Florimundo encontrou um cadáver de uma gaivota e debruçou-se sobre esse corpo inerte, fascinado. Uma frieza de mármore, ainda que o vento fizesse oscilar as penas, dando a impressão de que algo ainda se movia. Pela primeira vez viu uma criatura morta. A princípio não compreendeu, a ausência de movimento. Já tinha visto insetos mortos, mas não era a mesma coisa. As aves eram mais próximas de si, como o gato, a mãe ou o pai. Teve medo, a princípio, de tocar naquele corpo, qualquer coisa o repelia e não sabia o quê. Não sabia explicar, não compreendia, limitou-se a olhar para aquele corpo a tentar compreender o que era já não estar vivo. Depois deu-se conta de que isso podia acontecer com tudo, consigo próprio, deixar de respirar, deixar de ter o corpo quente.

Abraçou o corpo e aqueceu-o. Começou a cantar baixinho. O vento percorria a praia, levantando uma fina camada de areia que rodopiava sobre si. Tudo era atravessado pela desolação. Uma necessidade interior impelia-o a cantar e era como se o canto suavizasse essa estranheza que sentia. A opacidade daquele corpo, daquele ser que não reagia. Cantava sem compreender, seguindo a voz do vento, numa língua que ele desconhecia. E os sons saíam-lhe como se sempre tivesse conhecido essa língua que não compreendia.

Florimundo percebeu que o seu canto tinha um estranho poder sobre o corpo da ave. Sentiu que ela retomava o seu calor e se movera ligeiramente. Horrorizado, deixou-a cair e desatou a correr pela praia, completamente desorientado. Soube-o, nesse instante. Como os animais ou os homens no seu estado mais puro e instintivo, a criança sabia que não devia usar a força cujos limites desconhecia.



Gabriel encontrava-se a poucos metros. A princípio observara a cena entre o rapaz e o pássaro. Ficou atônito. Quando ele fugiu, aproximou-se da ave e também ele se assustou. Soube-o também Gabriel. Olhou para os caracóis loiros, a oscilar ao vento, o rosto branco e assustado, à medida que se afastava. O pai foi encontrá-lo a uma larga centena de metros dali. Escondera-se por detrás de uma duna. Abraçou-o, fingindo que nada se tinha passado, e trouxe-o para o pé do mar.

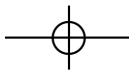
O rapaz lembra o pai descalço, sentado na areia, o rosto mergulhado na sombra da tarde, ao final do dia. Estavam sós, quando Gabriel lhe falou pela primeira vez desse estranho e indomável deus, a primeira imagem, na origem da vida, da arte e da música. E de poderes inexplicáveis que alguns seres humanos possuíam.

Do lugar onde se encontrava via o rosto do pai no seu nítido contorno, em contraluz, com o cabelo ligeiramente comprido e solto, caindo-lhe sobre o rosto. Estava de frente para ele. E sentiu-se amedrontado. Descobriu o horror de um rosto na escuridão, mesmo sendo o do seu pai. Nesse momento, o sobressalto do coração deu-lhe a primeira das muitas indicações que teria do mal. Uma sombra devorando o rosto.

Lembrou-se de que poderia ficar horas a ouvir Gabriel falar das suas viagens, com os seus gestos largos e lentos, das lendas e histórias mitológicas, contendo significados estranhos. Esse mundo em que os deuses, os duendes e os seres mágicos convivem com os homens e a noite corre densa, profunda. Não a noite do esquecimento e do sono, mas a grande mãe dos sonhos e da poesia, da metamorfose.

De Gabriel guarda ainda uma imagem vaga, vinda de uma memória longínqua, com os seus traços fortes e mediterrânicos meio esbatidos, o seu rosto de maxilares proeminentes e angular, como se apenas fosse possível lembrá-lo com a neblina do mar, avançando pela praia, ou no alpendre da casa, sob a lâmpada fosca, em redor da qual esvoaçavam insetos atraídos pela luz. Às vezes eram besouros que se atiravam cegamente contra o candeeiro, fazendo-o oscilar. Depois estatelavam-se pesadamente no chão.

Havia noites em que a luz da lua atravessava o jardim e deixava uma cintilação prateada, iluminando-os aos três. O pai encostava-se ao muro do alpendre e lia alto. Possuía uma voz lenta e grave, de timbre claro. Jamais ouviria alguém ler poesia como Gabriel o fazia, erguendo as suas mãos compridas e de dedos longos e esguios que pareciam levantar voo, os versos a demorar-se na sua voz, até caírem no silêncio. Mergulhava num estado meio hipnótico que o rapaz se habituara a ver-lhe.



A mãe semicerrava os olhos. Mas não escondia uma certa apreensão diante do seu alheamento. Esse transe, à medida que o tempo passava, acentuava-se cada vez mais, como se estivesse fora do mundo, e Clara sentia-o. Como se visse para além do visível e o fixasse.

Ouvira vezes sem conta o poema “Burnt Norton” de Eliot, um dos favoritos de Gabriel. Conhecia-o de cor e salteado. Ainda não compreendia o significado das palavras e já se sentia arrastado, esmagado pelo poema, pelo canto, que se insinuava no cérebro e se fundia com imagens, fragmentos.

*“Mas para quê/ Perturbar a poeira numa taça de folhas de rosa/ Não sei./ Outros ecos/ Habitam o jardim. Vamos segui-los?/ Depressa, disse a ave, procura-os, procura-os/ Na volta do caminho. Através do primeiro portão,/ No nosso primeiro mundo./ Ali estavam eles, dignos, invisíveis (...).”*

Sentada na cadeira, a mãe ouvia os versos, empurrando as costas da cadeira contra a parede. Tinha o cabelo solto, movendo-se com a brisa. Sonolenta. Reflexos da lua acariciavam-lhe o pescoço, subiam-lhe a nuca, afogando-se nos anéis do cabelo. Florimundo deitava a cabeça no seu colo, enquanto ela lhe afagava o cabelo.

O pai sentava-se no alpendre e ensinava-lhe o nome das constelações, enquanto olhavam para o céu e procuravam pequenos pontos luminosos na noite. Tudo, no seu universo, tinha uma correspondência precisa. A palavra, o canto, o som, o número. Um alfabeto, dizia-lhe o pai, sorrindo na escuridão. Uma escrita indecifrável. Florimundo não compreendia por que o mundo não podia ser simples e acessível e brincava às escondidas. Era então que o sono vinha e ouvia a voz de Gabriel a flutuar ao fundo, como um peixe luminoso numa camada indistinta de sons.

Gabriel voltava-se, detendo-se no rosto adormecido do filho. Pegava nele e abraçava-o, deitava-o na cama a ouvir-lhe o manso ressonar que se confundia com o vento na folhagem.

Alheia ao sonho de Gabriel, que durante anos perfilhara, Clara queria voltar à cidade, trabalhar, conviver, sair do ambiente opressivo, porém, ele não consentia. Dizia-se demasiado feliz para abdicar da sua solidão perfeita. “E Florimundo?”, perguntava ela, insistindo que o rapaz deveria ir à escola. A mãe receava que o miúdo se tornasse selvagem, incapaz de acatar leis, de as respeitar. Discutia isso com Gabriel. E ele respondia-lhe, com alguma tristeza na voz e no olhar: “Por que desejas tanto que ele seja igual aos outros? De que tens medo?”



Clara calava-se. Qualquer coisa dentro dela fazia-a pensar que, depois daquela infância, o rapaz se revelasse incapaz de aceitar a dureza e a crueldade da realidade, do mundo. Era de tal modo protegido que ela receava o pior, como o alheamento que via crescer de dia para dia em Gabriel.

No recanto mais afastado da casa, no primeiro andar, iluminado por uma pequena janela que dava diretamente sobre o mar e para o jardim, ficava a biblioteca. No princípio, Clara gostara de brincar, dizendo que ali era a “torre do alquimista”. Depois cansou-se e começou a achar que era uma ideia estafada. As paredes forradas de livros, de cima a baixo, o espaço que já não chegava e os livros amontoavam-se e subiam como trepadeiras, proliferavam por toda a sala em desordem incalculável. Cobriam-se de poeira, o que dava a entender que alguns haviam sido esquecidos e deixados ao acaso.

Às vezes, Florimundo penetrava nesse espaço caótico, onde os livros se acumulavam uns em cima dos outros, pois Gabriel não gostava que os tirassem da sua ordem. Enfurecia-o não os encontrar à primeira. O miúdo sentava-se no chão silenciosamente e folheava os livros sobre pássaros, flores, pedras, mitos e lendas, que o pai lhe ia passando para a mão. Outros era ele que os escolhia. Ficavam assim durante muito tempo, ambos concentrados, até a chegada da noite. Enquanto isso, Gabriel escrevia ou lia, muitas vezes desenhava.

No entanto, se a biblioteca lhe parecia um espaço fascinante quando o pai ali trabalhava, assim que o sol declinava, ele ganhava um certo receio de entrar nela. Ao olhar para as paredes, parecia-lhe ver estranhas sombras, movendo-se com lentidão, provavelmente reflexos das ramadas das árvores. Ao longo da parede, pequenos corpos silenciosos e imateriais. Escuros. Talvez os livros ganhassem vida própria e se deslocassem e as histórias e personagens ganhassem vida.

E depois havia também as perturbadoras gravuras de Piranesi e as imagens de bestiários antigos, que o aterrorizavam. O pai bem tentava explicar-lhe que tudo aquilo eram projeções da sua mente, que nada tinham de ameaçador, mas nada feito. O rapazinho corria a refugiar-se nos braços da mãe. E pedia-lhe que ela cantasse, para que afastasse o medo. Murmurava o nome da mãe, baixinho, como um talismã.

Clara queria protegê-los. Tinha sérias dúvidas de que Gabriel chegasse algum dia a publicar aquilo a que ele chamava a sua obra. Ele tinha-se proposto escrever um tratado sobre seres imaginários, animais, anjos, feiticeiros, fadas, monstros, seres de passagem, procurando concentrar nessas imagens as suas obsessões, desde muito jovem. Tinha

dedicado uma parte da sua vida ao estudo da vasta galeria de seres imaginários que existiam na literatura. Mantinha caixotes guardados e empilhados, resultantes das suas investigações e que mantinha intactos, muitos desenhos, feitos por ele próprio.

Os anos haviam passado e Gabriel não parava de ler tratados antigos, poetas arcaicos e autores medievais, cabalistas, herméticos que lhe despertavam uma infinita curiosidade, mas que o desviavam do seu objetivo. Quando se lhe referia, falava na *Obra*, com letra maiúscula, e punha-se sério como se estivesse a desvendar segredos. Quando falavam nisso, ele próprio dizia-lhe que receava fazê-lo. Havia naquele dédalo infindável e construído como uma sobreposição de referências e histórias vividas uma profusão de personagens que se metamorfoseavam e recusavam a fixar-se na sua escrita. Vida e ficção fundiam-se e entrelaçavam-se. Por brincadeira, Gabriel dizia-lhe muitas vezes que queria escrever a vida ou que a sua própria vida se escrevia através dele.

O pensamento de Gabriel, Clara sabia-o, era ágil, pulava de clássico em clássico, dos pensadores gregos aos gnósticos e aos poetas orientais, indianos e chineses, onde se deixava enredar infinitamente. A tragédia grega comovia-o intensamente. Propusera a si mesmo que haveria de escrever uma tragédia moderna, procurando recuperar o sentimento que a alimentasse.

E atirava-se à escrita, incansavelmente, numa concentração que excluía o mundo. Não dava pelo passar das horas, numa suspensão que fazia pairar a sua própria vida e integrá-la nas páginas dos seus livros. As palavras, esses seres com vida própria, pequenos animais autônomos e fechados na sua música, resistiam-lhe. Procurava-as como um caçador, organizava-as e voltava a organizá-las, numa nova sequência, recombina-as, mas parecia-lhe ainda que não atingira a consistência da obra que procurava. Aspirava a um ideal capaz de o resgatar ao real e ao desgaste das palavras, à inutilidade dos gestos.

Esta forma de viver radicalmente a escrita e a criação, e que o rapaz viria a herdar, afastara-o definitivamente do mundo e dos pequenos gestos, das conversas cotidianas, dos outros, dos amigos que o faziam perder tempo. E sempre que fazia um esforço para romper um pouco a sua barreira, procurando agradar a Clara, sofria horrores que ela jamais poderia adivinhar. Só o simples fato de dar aulas, provocava-lhe imenso sofrimento.

Depois do trabalho, saía exausto, para apanhar ar, mesmo quando chovia, deambulando entre os caminhos da falésia. Via na escrita o seu espelho, onde se descobria cada vez mais perto de um fundo qualquer

que não ousava nomear. Essa dilaceração insinuava-se como um golpe afiado de vento na pele e ia alastrando surdamente por toda a sua epiderme e pelo seu sangue, sufocando-o.

As mãos prendiam-no à realidade. Eram ainda as suas mãos que ele reconhecia, enquanto procurava aquela frase justa, certa, com os dedos que pareciam navegar na escuridão e procurava a claridade do mar, quando tudo se aquietava. Quando as palavras-animais ou as palavras-concha já não o maceravam nem o obrigavam a perseguir-se a si próprio. Eram as mesmas mãos que mergulhava na areia, à procura de uma luz qualquer, de uma matéria limpa. Não havia beleza que não lhe doesse, ao sentir que o mundo lhe fugia mesmo debaixo dos pés. E essa maldição que lhe parecia sempre tão próxima, diante de si, era uma fulguração vislumbrada na escrita. Obsessiva. Gabriel dava-se conta do imenso terror que é escrever sobre o mais obscuro dos desígnios, o mundo. Estar perto de tocar o sonho ou de pensar tocá-lo e não o atingir endoidecia-o.

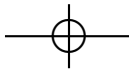
Parecia regressar com um aspecto mais sereno. Clara adivinhava-lhe a angústia. Uma parte dele queria libertar-se, esse lado selvagem e irreduzível, que assomava inesperadamente por detrás do seu rosto. Via bem que ele vivia asfixiado.

Silenciosa, trazia-lhe algo para que ele comesse e também ele o fazia em silêncio. E depois agradecia-lhe, nesse único gesto que parecia ainda restar-lhe.

Colava-se àquela expressão de gratidão simples a ameaça de um olhar arruinado. A muralha que se interpunha entre ambos. De nada adiantava explicar-lhe o vazio e a nudez, o seu fechamento. Uma coisa viva a petrificar-se. Ela própria haveria de lá chegar e compreender, pobre Clara, mas queria protegê-la desse conhecimento.

O que estava a acontecer-lhe? Perdido, Gabriel interrogava-se. Queria compreender o que sentia, mas sobrevinha-lhe a impotência. Sentia-se abandonado. Seria a escrita uma forma de desafio dos deuses? Ecoava-lhe no cérebro o riso, momentaneamente entregue ao cão da loucura, que o despedaçava e se alimentava da sua alegria, deixando-o exangue.

Tinha momentos de desespero e, depois, voltava à serenidade. O halo branco do vazio descia sobre ele. Todos os fantasmas e terrores de que fora acometido se afastavam. Inexplicavelmente, tal como tinham vindo, sem que isso dependesse de si. E repetia interiormente Eclesiastes como uma oração monocórdica, num esforço sobre-humano, sonhada e recomeçada em cada dia. Como uma forma de reinventar a alegria.



Florimundo espiava-lhe o regresso, a fome. O silêncio. Quase sempre o pai reparava no olhar da criança que o esperava. Sentia aquele halo de vazio à sua volta. À medida que crescera, o rapaz apercebera-se da crescente distância do pai em relação ao mundo, engolido por ele. E, à medida que a melancolia se acentuava, compreendia claramente que só o seu canto o acalmava. Nos olhos negros e sombrios do pai assomavam as lágrimas, o cansaço.

Florimundo aprendia rapidamente as línguas que ele lhe ensinava, aprendia a contar pelos elementos naturais: pedras, conchas, estrelas, pássaros, flores.

Quando passeava com o pai, percorriam o longo caminho que se estendia ao longo da falésia, colecionando objetos fora do vulgar, pequenos fósseis, pedras de formatos estranhos, observando os pássaros e escondendo-se nos arbustos. Distinguia as flores, pois o pai ensinara-o a reconhecê-las. E tudo tinha um nome, um desejo, uma fonte. Gabriel procurava ensiná-lo a reconhecer cada coisa pelo seu nome. O nome de cada flor, de cada animal. Achava Gabriel que só assim seria possível o filho conhecer o mundo, tornar-se apto a comunicá-lo aos outros. Como uma partilha íntima. Isso, sim, era conhecer. Conhecer pelos nomes, pelo som, pela essência.

Nesse tempo, já o pai o sabia, ele transformava os sons que ouvia em música. Desde o episódio da gaivota que Gabriel sabia existir no filho esse poder estranho, de pequeno xamã. Com algum receio, contou a Clara apenas uma parte da verdade, dizendo-lhe que a criança possuía uma audição fora do vulgar:

— Ele ouve música, Clara...

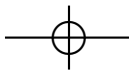
— Como? — Perguntara-lhe ela, sem compreender o que ele queria dizer.

— Enquanto nós ouvimos palavras, sons, ele ouve música. É difícil explicá-lo...

— Como é que o faz? — Boquiaberta, ela olhava-o, sem acreditar. Também ouvia a criança trautear um canto que não reconhecia e que parecia fazer mexer as coisas à sua volta, mas pensou que isso não passava de imaginação sua. Agora aquilo?!

— Meu Deus? Que fazemos? Isso não é normal... as crianças não andam a ouvir coisas. É uma alucinação, Gabriel...

Gabriel pensou que nunca se atreveria a contar a história daquela tarde a Clara. Mais tarde ela descobri-lo-ia, certamente. Queria poupá-la.



Alarmada, propôs-lhe levá-lo a um psicólogo ou a um médico, mas Gabriel opôs-se.

— Que disparate! Como vais fazer? Chegas lá e pagas-lhe, enquanto ele explica à criança que o que ela ouve intuitivamente não passa de uma alucinação?

— Mas não achas que pode ser um sintoma de esquizofrenia? Ou de histeria? Ouvir música? É assustador...

— Sempre que tens de lidar com a diferença, assumes essa incapacidade. Por quê? Passas o tempo todo a querer que ele seja igual às outras crianças. Bolas, encara o fato! Tens um filho que não é igual. Por que não aceitas o fato? Já reparaste que nada, nele, é comparável, nem a capacidade de expressão, nem o modo como sente ou representa o mundo? É um sonhador, talvez seja o termo mais adequado.

— Queres transformá-lo num pequeno gênio, é isso? E se o tornas incapaz de viver? Não tens o direito de o moldar às tuas imagens...

— Não estou a moldá-lo, estou a deixá-lo ser o que ele é. Deixa-o ser ele próprio. Ajuda-o a descobrir-se. Sem lhe alterares a vida ou anulares o prazer que ele retira da sua forma de ser. E acredita que aquilo o leva para regiões inimagináveis. Basta que o observes atentamente, quando está sozinho, e perceberás que ele nunca está triste. Há uma alegria nele que nos escapa. Olha para ele, raios! — Disse-o num tom furibundo, mas baixo.

Era esse o tom de Gabriel, quando se irritava, fazendo o possível para não perder o controle.

— Clara, ele fala com os pássaros, sabe coisas que nem imaginas, um saber que nenhum de nós possui. Florimundo pertence a um mundo antigo, arcaico, que desconhecemos.

— Eu não tenciono fazer nada que altere a ordem das coisas. — Acrescentou em voz baixa, mais para o acalmar do que por acreditar no que dizia. — Mas fico aterrorizada. Sabes como tenho medo... vive completamente isolado, provavelmente nem sabe brincar com nenhuma criança da sua idade, mas isso não te preocupa. Devias ver a questão do ponto de vista dele. Como é que vai viver com os outros quando chegar a altura?

— Ele é diferente dos outros, não tenho dúvidas. Tu recusas-te a aceitá-lo.

— Mas é diferente por quê? Por que queres que ele seja diferente? Mais criativo que as outras crianças? Tens o direito de o isolar para manter essa diferença?

As palavras de Clara iam-lhe direitas ao coração. Pela primeira vez, ela ousava dizer-lhe o que pensava e a educação do filho cavava entre eles um abismo de que jamais suspeitara. Toda a sua concepção de vida, o ideal que julgara partilhar com Clara desfazia-se em pó.

— Evoluir talvez seja aceitar isso sem o questionar. Há tanta coisa que nunca conseguirás compreender com essa tua clareza racional. Esse tem sido o meu longo combate.

— Estás louco, Gabriel... Cada vez... — Não chegou a concluir a frase, pois ele já lhe virara costas. A frase proferida como um soco perturbava-a. Que espécie de combate era esse com o que não compreendia?

Para Clara, o mundo era transparente e reduzia-se às suas leis. Era o mundo das coisas naturais, visíveis, com as suas regras bem estabelecidas. Optara por afastar do seu entendimento as questões que não compreendia. E irritava-a que se pudesse perder tempo a questionar as obscuras razões. O sentido pragmático da vida empurrava-a para uma compreensão sem zonas de sombra. A única frivolidade que se permitia, de vez em quando, era interrogar-se sobre a existência de Deus. Esse pragmatismo que, na verdade, roçando a falta de imaginação ou a recusa do que se teme, empurrava-a para um combate cada vez maior e mais tenso contra Gabriel, em nome de Florimundo.

Taciturno, Gabriel fechara-se na biblioteca. Mantinha firme a ideia de ensinar música ao filho e educar-lhe o ouvido. Parecia-lhe ser essa a única forma de racionalizar o obscuro sem lhe anular a potência do dom. Antecipava para ele um destino de músico, tal a facilidade e intuição com que ele era capaz de apreender e produzir a linguagem musical.

Contra o seu próprio desejo, o rapaz foi estudar música com uma professora que vivia na povoação mais próxima. Essa seria a forma como iria familiarizar-se com a aprendizagem mais técnica da música, a leitura do solfejo e de um instrumento. Era demasiado jovem e habituado à liberdade para perceber a utilidade de tal aprendizagem. Respondeu a Gabriel que não precisava de aprender o que já sabia, provocando-lhe um sorriso. O garoto detestava atravessar o umbral daquela casa que cheirava a mofo, onde a poeira se estendia como um finíssimo tapete sobre os móveis antigos da sala meio submersa na penumbra, demasiado arrumada, muito diferente do mundo que conhecia.

Duas vezes por semana, Clara descia à pequena povoação, perto do mar. As mulheres espreitavam-nos pelas janelas, nas ruas, procurando perceber por que razão Clara, de corpo ágil e rosto bonito, nunca saía do seu exílio. Levava-o à professora e entretinha-se nas proximidades, ora sentada no café à sua espera, a ler um livro, ou então dava um passeio

pela povoação, entrando ao acaso numa ou noutra loja e detendo-se com o seu olhar vago e habitado por uma tristeza indefinível que o tempo cavava.

Para Florimundo era um absurdo aprender o que já sabia. Era como encher um recipiente que já estava repleto.

O início da tempestade ameaçava o ar. O silêncio carregava-se de eletricidade; um pássaro negro deslocava-se velozmente no céu.

Florimundo desenhava, reproduzindo inteiramente a casa. Um mundo entre dois lugares ou entre dois tempos. Gabriel olhou-o com aprovação. Os olhos detiveram-se nos pequenos traços brancos, de texturas cheias, as asas das gaivotas que pontilhavam o obsessivo vermelho. Por cima do desenho observou a legenda escrita em traços indecisos, onde estava escrito “A Minha Infância”. O desenho emocionara Gabriel. Um universo opressivo. Uma marca de irrealidade e de expressionismo distinguia-o de um simples desenho infantil.

Era verdade que o rapaz tinha apenas seis anos, passados num isolamento quase total, sem convívio, mas já escrevia coisas bem complexas. Escrevia, contava e desenhava bem.

Durante muito tempo, Gabriel mergulhou num silêncio sem razão de ser. Sentado no alpendre até bastante tarde. As palavras de Clara, opondo-se a tudo o que ele defendia, haviam-no perturbado. Mas ele amava-a e compreendia que ela tinha razão.

Uma neblina persistia em torno da casa. Gabriel compreendia agora como o seu ideal implicava a perda de liberdade dos que o rodeavam. De Clara, que continuava a amar, apesar de achar nela uma estranha oposição a tudo o que ele sempre defendera para Florimundo, negando-lhe a possibilidade de uma vida *normal* a que qualquer criança tem direito. Ele não sabia sequer o que significava isso, já estava tão afastado do mundo que tinha de fazer um esforço para se lembrar de como era ou para imaginar como seria.

Viu o olhar triste de Clara numa apatia crescente, pois aquela casa isolada no penhasco deixava-a exaurida pela tristeza. O rosto e a expressão abatidos constituíam uma acusação silenciosa que ele não podia ignorar. E a tensão dela avolumava-se, culpando-o pela solidão que a deixava quase sem ar, durante o dia, a olhar pela janela, a procurar um sinal de vida humana. Jamais se habituaria a esta clausura, que só se atenuava pelo fato de Florimundo ser muito pequeno e se absorver inteiramente na sua educação. Por muito que se ocupasse e preenchesse os seus dias, precisava do bulício urbano, do barulho dos carros e das pessoas, incomodando-a aquele silêncio que parecia tudo engolir, como se

a vida tivesse deixado de acontecer. Os dias permaneciam iguais e sem qualquer alteração, a rotina ia se tornando cada vez mais impossível de suportar.

Nessa noite Gabriel não falou. Foi passear à praia. Algures entre a noite e as dunas tomou uma decisão. O medo perlava-lhe a testa de suor. Então, Gabriel viu-o. Imóvel, ele esperava-o. Repetia-se em todos os lugares para onde ele dirigia o olhar, aterrorizado. Jamais a alucinação se fizera tão insistente. Enigmática, resistente a qualquer compreensão. Havia nessa figura uma mudez ameaçadora, um rosto ausente. De frente, era tão opaco como se estivesse de costas. Mas o que doía e fazia avançar as asas da loucura era essa vertigem de imaginar um olhar que tanto podia ser o de um deus como o de um demônio. A mansidão da noite não era suficiente para lhe aplacar o terror, o gelo que lhe contaminava o sangue e o fazia estremecer. Era inútil esperar.

Regressou tarde, a lua ia alta e foi até a biblioteca. Desenhou e redesenhou o homem sem rosto, em todas as suas variantes, em todas as posições em que o vira, na esperança de, pelo desenho, matar o que estava a dar com ele em doido, numa alucinação que não ousava contar a ninguém. Tinha os seus momentos de lucidez, pois tinha uma clara noção de que as alucinações e as imagens eram produzidas por ele. Sentia-se encurralado entre imagens, sonhos, palavras. Era como se tivesse penetrado um lugar interdito, do qual não sabia sair.

A sua alma não conhecia sossego. À medida que o representava, procurando destruí-lo, erradicá-lo da sua imaginação e memória, parecia abrir-se, então, uma nova clareira, convocando uma infinidade de visões que se confundiam com as representações. Finalmente, entorpecido pelo cansaço e pelo delírio, Gabriel escreveu numa folha de papel: *“De espelho em espelho”*.

Não conseguiu adormecer e sentia-se exausto e horrorizado. Ele continuava ali sentado, à sua espera. Lá fora, o sol atravessava a névoa da madrugada. O homem sem rosto jamais dormia. Virado na direção do mar, era como se procurasse algo, como se apontasse para alguma coisa que ele não conseguia ver.

O romance de Gabriel não tinha fim e ele já não sabia quanto lhe faltava para terminar essa montagem de fragmentos estilhaçados, após uma vida que sacrificara em nome de uma ideia. Desde que saíra de Lisboa que começara a escrevê-lo. Tecia o seu manuscrito com uma minúcia digna de Penélope, numa complexa tapeçaria em que ele representava um herói moderno e seduzido pelo canto da sereia, hesitante em retornar. Fosse ela onde fosse. Na verdade, possuía em si essa fome



de exílio, que o arrastava para fora do mundo. Clara jamais compreenderia isso. Essa contradição que nele existia, entre a vontade de um regresso a si próprio, inscrita na linguagem pela escrita, e o desejo de um lugar físico que lhe permitisse sustentar indefinidamente a sensação de exílio. Substituíra a geografia do seu corpo e dos lugares por uma outra, indiferente à passagem do tempo e às contingências humanas.

Não sabia que o seu sonho de descoberta haveria de revelar-se um fracasso. E que a floresta, mais do que uma promessa, era uma ilusão onde cada atalho ou vereda o conduzia a locais de onde jamais poderia sair. E soube que não se encontrava mais perto das coisas e do mundo, não se aproximara da essência, como havia pensado. Justamente, a linguagem afastara-o irremediavelmente dos seres. Ao ponto de não se reconhecer. A obsessiva procura dos limites da alma revelara-lhe um abismo, onde não conseguiria jamais tocar o solo.

Florimundo sempre conhecera apenas aquele universo. Tinha nascido quase imediatamente à mudança de Lisboa, pois a decisão de Gabriel era encontrar um sítio onde a natureza fosse a escola do filho. A Clara, a decisão parecera-lhe encantadora, ficando deslumbrada pelo aspecto extraordinário da casa, descoberta durante um passeio pela costa. Na altura em que a tinham visto, ela parecera-lhes semiabandonada.

Gabriel ficara tão entusiasmado com a ideia que parara o carro junto ao portão e olhara-a durante muito tempo. O céu estava cinzento e o mar brilhava como prata. Um belo dia, sem dúvida. Enquanto Clara sonhava, dentro do carro, a olhar para a vasta paisagem, ele foi tocar à campainha. Ninguém veio atender. Não desistiu. Na casa mais próxima perguntou quem era o dono da casa, acrescentando que desejava comprá-la.

O vizinho encolhera os ombros. Não gostava da casa nem nunca gostara. Os últimos donos que nela tinham vivido já tinham morrido, sem deixar filhos. Eram pessoas sombrias e que nunca tinham estabelecido contatos com ninguém. Não gostavam de aproximações e o modo como tinham fechado a casa revelava o seu modo de viver.

Os sobrinhos lutavam entre si, tanto mais que ela teria de ser recuperada. Gabriel passou a ocupar-se do assunto com uma obstinação que raiava a obsessão. Ao fim de dois meses de uma negociação complicada, acabou por conseguir comprar a casa que estava em ruínas. Depois, teria de ir para obras. Nessa altura, Clara ainda nem grávida estava. O processo demorara tanto tempo que só lá conseguiram instalar-se na altura do nascimento da criança.

A casa e o seu universo fechado formavam uma unidade. O manuscrito, quando pensava nele, parecia-lhe todo organizado a partir

desse universo. Nunca desligado. Sentia agora que Clara era incapaz de acompanhá-lo na sua procura. Não imaginava concluir o romance em nenhum outro lugar que não ali. Como se aquele lugar fosse o único capaz de conduzi-lo à reconciliação consigo próprio.

Gabriel pensava frequentemente nos arquitetos das catedrais, que passavam o seu testemunho às gerações vindouras. Também via a impossibilidade de o terminar em vida. Vislumbrou em Florimundo o prolongamento da sua obra. E essa percepção, tida pela primeira vez, causou-lhe repulsa. Tinha usado Clara e o filho para servir o seu propósito, tornando-os escravos da sua solidão, para que nada interferisse com a sua obra. Compreendeu a sua loucura, aparentemente tão normal. O seu egoísmo sobre os outros, privando os que o rodeavam de toda a necessidade de relações sociais, do seu caminho. Na verdade, tinha criado à sua volta um ambiente cuja estabilidade lhe permitia escrever. Um círculo fechado e sem interferências. A única presença tolerada eram as esporádicas visitas da sua mãe e dos sogros.

Tudo lhe parecia agora uma aberração monstruosa. Queria encontrar as palavras certas, o juízo que lhe permitisse avaliar o seu comportamento. A vida pareceu-lhe impossível de ser resgatada. Nesse dia entrou a pique nos seus próprios labirintos. Descobriu-se nos seres erráticos que atravessavam as múltiplas entradas que havia criado. Seres que se sonhavam e se fechavam nos anéis que os envolviam. O homem sem rosto esperava-o ao canto da biblioteca.

Queria libertar-se desse mundo artificial, rasgado por inúmeras passagens e reflexos. De uma profusão alucinante de imagens e rostos que se confundiam entre a sua imaginação e a sua memória. Em que ele já não reconhecia o seu próprio passado, transformado numa ficção. Um mundo em que as leis de Hermes vigoravam selvaticamente, deixando os seus habitantes à mercê das manhas do deus, vítimas do encantamento das palavras e da música.

O homem sem rosto permanecia sentado ao canto da biblioteca, rodeado de livros, supondo que a olhá-lo sem ver, pois não possuía olhos nem boca. Nesse rosto, o vestígio da humanidade tinha-se dissipado. Gabriel deixou de suportar a sua presença que o perseguia agora por todo o lado. Sentava-se silencioso entre ele e Clara. Entre ele e Florimundo. E, quando o rapaz sentia a sua presença, a música interior irrompia nele, afastando o mal.

Tomou uma decisão sob o paciente olhar do homem sem rosto.

## A partida

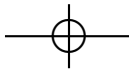
Nessa madrugada de setembro, um homem alto e moreno desceu à cave onde guardava o pequeno barco de borracha. Transportou-o às costas, pela escadaria abaixo, que rangia sob o peso excessivo. O homem sem rosto esperava-o ao fundo da descida. Esperava-o para o conduzir nessa viagem. Ele seria os olhos desse homem sem rosto, a sua boca. Estava um dia frio e o mar estava calmo. Gabriel voltou a subir, foi ao quarto de Florimundo e beijou-o na testa, com suavidade. Demorou-se à porta a olhá-lo. Os seus olhos sombrios tinham uma expressão resignada. Não voltaria atrás na sua decisão. De uma vez por todas libertar-se-ia do homem que passara a acompanhá-lo sempre, a cada minuto e instante da sua vida.

O rapaz entreabriu os olhos. Viu o pai a olhá-lo, à porta. Sorriu e voltou a adormecer tranquilamente.

Então Gabriel, esse anjo maldito, saiu porta fora, sem voltar a olhar para trás, o lugar onde ficara tudo o que tinha amado. Não sentia nenhuma emoção forte nem nenhuma espécie de arrependimento. Tinha uma missão que era a de libertar-se dessa personagem que o enlouquecia. No meio da sua confusão ocorria-lhe pensar que aquele homem não era senão ele próprio, esse pesadelo em que acabara por se transformar: alguém incapaz de ver, ouvir e sentir o mundo. Preferia ter pensado em si como um animal, consolando-o a possibilidade de sentir, apesar de não conseguir interpretar o que sentia.

Mas era ainda menos que um animal. Perdera o rosto. A capacidade de olhar, de escutar, de falar e de ver, para além de si próprio. Imergia na escuridão como Jonas fora engolido pela baleia, à procura da redenção e do sonho. Nem a memória o salvava.

Meteu-se no pequeno barco de borracha e fez-se ao largo. O vento arrepiava a água e a escuridão da madrugada dissipava-se lentamente, enquanto o sol, que se refletia em tons de cobre, começava a romper. O pequeno barco avançava na direção dos penhascos, escuros. A caminho das altas falésias, onde as ondas rebentavam e uma espuma branca se projetava no ar, a toda a volta. Ele pensou, por momentos, em como lhe apetecia mergulhar naquele abismo. Nadar e renascer.



Porém, sabia que não tinha tempo a perder. Tinha uma única ideia na sua cabeça, que o arrastava, sem que percebesse por que razão ela o devolvia à sua liberdade. Destruir a imagem, obrigá-la a recuar e a desaparecer diante de si. Depois, poderia dormir descansado. Talvez aí pudesse mergulhar no mar e sentir o corpo limpo, o espírito vazio e renovado. A ideia, a princípio, agradável e repousante, começou a assustá-lo, mas depressa sobreveio uma estranha calma. Sem desejo e sem nenhuma espécie de sentimento. Um puro vazio. Sem dor, nostalgia ou medo. Era esse o único estado que lhe permitiria encontrar a paz, agora que já não conseguia deter-se sobre nada sem que a insidiosa imagem da ausência lhe aparecesse. A mão gelada de Saturno, a mais escura das noites.

A aceitação de que teria de suprimir todas as imagens e representações que o destruíam era tão serena e natural que lhe parecia não vir de lado nenhum e era como se o seu corpo se reconciliasse ou que sempre soubesse que deveria ter sido sempre assim.

Então, Gabriel cruzou os braços sobre o peito e deixou-se conduzir pela corrente do mar. Não sabe se sonha ou se vive noutro qualquer lugar. Há uma ilha para o silêncio?

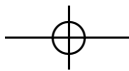
## O livro

Florimundo deu por si próprio ao sentir o frio arrepiar-lhe a pele. Estivera embrenhado nos livros durante toda a tarde. Vestiu um casaco de lã, começava a ter frio.

Ouve os passos da mãe, ecoando no assoalho de madeira.

Adormece de cansaço e é assaltado pelo sonho. Adormece por pouco tempo e acorda. Relembra o sonho. O velho homem que se afasta na planície gelada, caminhando. Incansavelmente. Os pés avançando, encharcados de neve e umidade gelada. Um fito obscuro atrai-o, empurrando-lhe as pernas, o corpo e as mãos para a frente. À sua volta, o único hálito é o da brancura.

Florimundo jamais lhe viu o rosto e tem uma suspeita vaga de que nem sequer é humano. Mas também não sabe o que é. Nunca compreendeu por que anda sempre na mesma direção, sem hesitação. Por que caminha, simplesmente. Num local desolado, onde a vida se tornou



improvável. Dirigindo-se para a montanha gelada, ele não leva nada consigo. Apenas o corpo. Cansado. Obstinado, persegue o sonho, repetindo-se, dia após dia.

Um dia ele verá o rosto. Ele talvez tenha um olhar terrível, como o dos profetas alucinados. Mas também pode ter a candura de um velho, indo a caminho da montanha, como nas lendas japonesas. Imagina algumas hipóteses, todas elas igualmente possíveis. Talvez queira apenas chegar ao monte, para aí adormecer e esperar pela manhã. Uma viagem para a encontrar, entre os trevos da montanha. A probabilidade diverte-o. O sonho persegue-o de forma constante, arrasta-o.

Um ruído seco e inesperado interrompe-lhe o devaneio, fazendo-o estremecer. Volta de um mundo inexplicável e que o projeta para fora de si. Onde as coisas são voláteis. Leves folhas, corpos embriagados e dançantes, volteando na brisa da manhã, e que varrem a calçada, deixando um rasto de nostalgia. Está-se no início do Inverno. As folhas dos plátanos resistem ao vento, balançam perigosamente nos ramos. Um brilho metálico prenuncia a escuridão.

Por detrás de Florimundo há estantes cobertas de livros, um cheiro a mofo, que Clara procura disfarçar constantemente. Um quarto imerso em livros, como lhe fazia notar Clara. Nas paredes do quarto havia alguns desenhos seus. Num deles, que se intitulava “A Minha Infância”, estava representada a casa, rodeada de aves. Os outros eram também desenhos de infância, mas não tão marcantes. Exceto, talvez, o do velho que caminhava na neve.

Procurara libertar-se do sonho, mas jamais o conseguira. Ao lado do desenho da casa estava pendurado e emoldurado esse desenho. Um era fruto do seu passado, o outro da sua imaginação. Como se poderiam interseccionar dois mundos tão distintos? Ainda que a memória fosse uma reconstituição, ela jamais poderia confundir-se com um sonho.

Desde a morte de Gabriel que Clara sentia os livros como uma ameaça. O rapaz impedira-a de se desfazer de tudo aquilo que o pai tinha guardado durante toda a sua vida. Para proteger a memória da mãe e os livros do pai, trouxera todos os que conseguira para o seu quarto. Nesse dia, ficara tacitamente acordado que aquele território era interdito a Clara. Durante muitos anos guardados em caixotes, no sótão da nova casa. As folhas haviam amarelecido ao longo dos anos. O cheiro da umidade marítima persistia ainda nessas páginas, ao fim de tantos anos, como se elas tivessem querido guardar em si a sua vida secreta.

Florimundo abria-o e folheava-o, mas era-lhe difícil compreender o universo do pai, uma escrita carregada de símbolos. Tudo em Gabriel era obscuro, arcaico, impenetrável.

Uma névoa desce, após um dia inteiro de leitura atenta e minuciosa. Começa a sentir-se cansado, sente os olhos a arder. Estuda para um exame, respira fundo, esfrega os olhos e volta à leitura. Aponta a lápis alguns fragmentos retirados de uma obra de estética musical. Anota as margens. Para. Lento, o espírito divaga no fio das frases, procura compreender a razão por que se assinala com tanta frequência, a tensão entre a palavra e a música.

Vêm-lhe à memória algumas ideias que o haviam marcado no discurso de um dos seus professores:

— Pode-se dizer que a música procura libertar-se das palavras e, muitas vezes, sobretudo na música instrumental, da materialidade da voz... procurando uma formalidade absoluta.

Deu alguns exemplos, sobretudo da música contemporânea, indo buscar ao minimalismo a justificação.

O rapaz procura compreender o alcance daquelas palavras. Pensa no que significa essa materialidade da voz, de que falara o professor. Tem dificuldade em acreditar na “pureza” da música, de que o professor fala, desse formalismo, que lhe parece vazio. A música também tem essa contaminação. Pelo menos pela subjetividade do compositor e do universo, da vivência e das suas emoções. Tudo isso, na verdade, lhe parece tão desinteressante, que desconfia dos conceitos e das suas aplicações. Parece um pouco fútil para quem, como ele, só interessa compô-la e criá-la. Pensa que as regras são importantes para dar as bases, mas depois só servem para atrapalhar.

— Mas que libertação, que pureza é essa? Não é isso um conceito vazio? — Respondeu timidamente.

Estavam sentados, à volta da mesa do bar, com o professor. Este tinha o cabelo grisalho, os olhos claros. Animado e conversador, ele gostava de discutir com os alunos, valorizava-lhes o raciocínio vivaz, a erudição. Gostava sobretudo de os espicaçar e provocar, com as suas tiradas, que, por vezes, eram um pouco conservadoras.

Nessa tarde, a conversa rodava em torno da origem da música, na continuação de um tema da aula que ficara em suspenso. Os mitos sobre a origem da música, dizia ele aos alunos, eram todos, ou quase todos, oriundos da mitologia grega e tinham nascido com ela. Não esquecendo, como ele lhes chamara a atenção, que os poemas gregos eram musicados, como letras de canções. E havia os mitos, como os de Orfeu e Eurídice, do

deus Pã, de Apolo e de Mársias, a sua competição que levou ao sacrifício de Mársias. Nunca, dizia-lhes o professor, a música aparecera desligada da mitologia e da poesia gregas.

— Mas não sejamos redutores. Se pensamos em Apolo e Mársias, por exemplo, não devemos esquecer-nos de outras origens... — aqui hesitava, porque sabia entrar por caminhos menos acadêmicos e olhados de soslaio — como o xamanismo e as religiões ligadas à música. A música sagrada e que permite a viagem até aos espíritos, por exemplo, uma equivalência para a libertação das forças operada por Mársias com a sua flauta. São muitos os mitos da possessão, por esse mundo fora...

— mmmm... Professor... — objetava um dos rapazes — quer mesmo falar de xamanismo como uma das origens para a música? É que aqui entramos por caminhos pouco claros e nada objetivos...

— Sim, por que não? Por que só considerar a tradição ocidental, ignorando esse lado mágico? Uma das principais razões para a falência dos nossos modelos racionais está precisamente no fato de ignorarmos essa origem, quando os deuses estavam em todo o lado. Como o vento ou a luz. Não se esqueçam do que diz Platão no *Íon* sobre essa inspiração divina na música.

— Claro! — Respondeu um outro — Não são poucos os compositores contemporâneos que aí bebem. Não estamos só a falar dos antigos e dos clássicos. Estou a lembrar-me, por exemplo, do Keith Jarrett... ou da influência da música sufi. Das experiências de Gurdjieff e de Hartmann. Uma componente mística da música muito marcante em alguma música contemporânea, por exemplo, que aparece nalgumas correntes e escolas.

— Claro! Há um elemento obscuro na música. — Retorquiu um outro rapaz — Mas a música sufi, por exemplo, afasta-se desse xamanismo, creio que vem de um outro filão, mais visceral e arcaico, mais ligado aos espíritos animais, por essa razão ela é ainda tão importante nas comunidades indígenas, onde o homem possui uma relação íntima com os espíritos...

Fez-se silêncio e alguém se despediu. A conversa foi interrompida.

— Voltando ao início e retomando a origem dos mitos gregos sobre a música, essa ambivalência entre Mársias e Apolo... Este simboliza a luz e a lira é o instrumento da ordem, repetindo na terra a ordem cósmica, mas é também o deus que mata. — Continuou ele.

— Ah, mata? Mas ainda não consegui compreender a razão de ser da morte de Mársias... a razão simbólica, quero dizer. — Respondeu

um aluno não muito escoreito, mas esforçado e com o cenho franzido, revelando o esforço para acompanhar a discussão.

Florimundo corou até a raiz dos cabelos.

— A música resulta dessa imposição de Apolo sobre Mársias e do domínio da ordem sobre a soberba de Mársias, que desafiava os poderes da Natureza contra a racionalidade e a ordem... — respondeu Florimundo, com a coragem que conseguira arranjar para vencer a sua timidez natural.

O olhar do professor pousou sobre ele. Gostava do seu ar calmo e inteligente, silencioso. Uma atenção rara que denunciava uma concentração do ouvido em relação à música. Era um rapaz educado, com um ar um pouco triste. Já tinha ouvido e lido algumas composições suas, embora não fosse da especialidade. No entanto, o rapaz revelava-se um ótimo aluno de teoria da música e de estética.

O outro segredou-lhe que as aulas daquele professor mais pareciam aulas de filosofia do que de música. Ele respondeu-lhe que, não se compreendendo os aspectos filosóficos da questão, jamais seria possível compreender a natureza da música. Incapaz de se compreender que ela era sempre mais do que o puro tecnicismo ou virtuosismo. Uma expressão, uma linguagem de uma outra ordem e que ultrapassava todas as técnicas e instrumentos, universal.

Imaginava se iria sentir sempre essa contradição de que o professor lhe falava. Por um lado, ser impulsionado pela música que o habitava e que não dominava, espécie de caudal subterrâneo, por outro, o ter de lhe impor a ordem e a racionalidade, domesticando a sua própria natureza. E seria ainda a música uma inscrição da ordem cósmica no corpo humano? A ideia não lhe pareceu destituída de sentido. Mas não saberia formulá-la objetivamente e, por isso, calou-se. Tudo isso constituíam questões que ficariam sempre sem resposta, pois não havia como chegar ao ponto originário.

Que música pura, ideal, seria essa que era capaz de sobreviver sem a nota de humanidade?

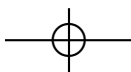
Procurava, na leitura dos filósofos e dos teóricos que estudava, uma resposta para as suas inquietações. Achava que a única ponte para a compreensão passava por essa procura ávida. Sabia que o seu talento exigia uma compreensão das possibilidades que se abriam a partir de si. Uma espécie de porta por abrir que poderia levá-lo a algum lado ou não. Mas era uma passagem necessária.



A literatura suavizava-lhe a existência, pela força das imagens e a clareza da linguagem que descobria nos grandes romancistas. O pai tinha-lhe deixado bem entranhada na carne essa dor de procurar perceber o mundo através dos livros. Nada lhe dava prazer como um longo romance, que demorava muito tempo a ler, esse tempo lento que o fazia mergulhar num universo tão diferente do seu. Onde se sentia amigo próximo de algumas personagens, outras a quem odiava, consoante o livro, a história, mas era preciso mergulhar para viver o prazer da leitura. Uma outra forma de realidade. Um repouso que se estendia muitas vezes entre as páginas. Às vezes ficava profundamente perturbado, inquieto. Mas se a vida se podia aprender e a natureza humana poderia ser compreendida, então os grandes romances eram um caminho largo.

Porém, a filosofia afasta-o da vida, tornando-a dolorosa. Com a filosofia não podia distrair-se, ainda que houvesse pensadores extraordinários de que ele gostava particularmente. Pouco ou nada, na vida dos homens, parece relacionar-se com as grandes aspirações ideais. A metafísica ou os ideais propostos, como belas asas de anjo, cujo canto deveria seduzir os homens, à partida, e arrancá-los à pequenez das suas vidas, além de inacessível, parecia-lhe impraticável. Os caminhos dessa floresta pareciam-lhe áridos, quase impraticáveis. Não que fosse difícil acreditar nessas ideias, mas impossível era levá-las à prática. Só um ingênuo acreditava nessa possibilidade e entediavam-no as grandes propostas filosóficas e ideológicas. Parecia-lhe ingênuo, patético acreditar, como o defendia Platão, num mundo de ideias puras. Platão esquecia-se do humano, desse lado sujo, material, da vida e da realidade. Para ele não havia sujidade nem fealdade, os homens não comiam, não fornicavam. Para que serviam, então, essas *belas ideias*?

Contra o tempo humano e a convulsão de história e de catástrofes, que pode o homem erguer, pensava ele, a não ser a arte. Mas uma arte que integre em si a morte, a contingência, a fragilidade humana, não essa arte despojada, limpa de emoção. Todavia, deslumbrava-o o lirismo da escrita de Platão e do pensamento, tão palpitante nas suas personagens. Ao ler *O Banquete*, sentira-se particularmente tocado, pois julgou encontrar nele algumas das concepções que o poderiam guiar ao longo da vida, como o discurso de Diotima, que relera tantas vezes que já não sabia dizer quantas. Para perceber essa dor de ser “entre”. A dor e o júbilo de não poder sair dessa clareira de desejo, entre o humano e o divino. Por outro lado, uma teimosia impelia-o a acreditar nessas ideias, menos por convicção do que por uma espécie de nostalgia e de esperança.

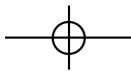


Todos os dias via à sua volta o que não desejava, a natureza humana na sua violência, que lhe causava repulsa. Esse era o mundo que o rodeava, o das guerras, do massacre e do sacrifício das vítimas, em nome de leis que permaneciam ocultas, mas que beneficiavam os senhores. Não havia nada de libertador nessa violência nem reconhecia qualquer ímpeto nietzschiano nos atentados, nos ataques diários, na impunidade e na prepotência do poder que os mais fortes impunham aos mais fracos. Se essa era uma das mais atraentes ideias filosóficas que encontrara, na prática ela não passava de um desvio da ética e da presença do mal, gratuito e sem lei.

Por isso, muitas vezes, receava dissolver-se nesse canibalismo da filosofia em relação à vida e cair num mundo de ilusões, incapaz de perceber a crueza das emoções humanas e dos sentimentos, a vida no seu estado bruto, a barbárie enquanto segunda pele. Só a arte, acreditava, lhe permitia a superação dessa banalidade da violência, não que isso se chamasse amor ou outro nome assim, mas haveria, ainda, em nome da arte a possibilidade de uma redenção? Sempre tinha sido assim, na história do homem.

E conseguiria alguma vez atingir um estado de fusão entre uma consciência racional e uma intuição imediata? Então a música seria um médium perfeito, estabelecendo todas as passagens numa ansiada fusão, que ligasse todos os lados do humano num Eu único, à maneira romântica. Nessa procura inquieta, talvez Nietzsche fosse, entre todos os filósofos, o que mais lhe agradava. Sentia-se mais próximo dele, como de Schopenhauer. De Nietzsche aproximara-se mais, atraído pela sua concepção da arte e da música, pela aceitação da manifestação do dionisíaco e do trágico da existência. Estavam mais próximos da vida do que qualquer outro. Sim, talvez parecesse ingênuo aos olhos dos outros, mas acreditava que apenas pela criação e pela arte fosse possível essa ponte desejada entre o animal e o divino.

O último andamento da sinfonia de Arvo Pärt deságua no silêncio. Um fim que nunca é um fim, mas um começo de qualquer outra coisa. É essa a imagem que perdura, ainda. Mergulhara nesse estado quase febril de ensimesmamento, como se um nevoeiro fino se interpusesse entre si e o mundo. Sente-se vagamente perdido, o frio a arrepiar-lhe o pescoço. Faz-se noite, que mansamente cobre os livros de sombra e o protege, fazendo deslizar sombras pelas paredes do quarto. Amava esse interregno entre o final do dia e a noite. O momento de ternura e de reencontro, de uma descida lenta em si mesmo.



Uma imagem apresenta-se diante dele, atravessando-lhe o olhar como uma lâmina. Sabe que deve segui-la, que está dentro do seu sonho. É o tempo, esse fulgor que emerge lentamente. O tempo da música que o engole e se apodera de si, chamando-o. O tempo de um outro rumor, onde o mundo se apaga. Um homem observa-o, na vidraça. Surpreende-o o olhar concentrado, as mãos encostadas ao rosto, onde se desvanece o contorno da face. Ali está ele, envolto pela desordem dos livros, entregue ao devaneio, à voz que vem de lado nenhum.

A mãe surge à porta do quarto. Encosta-se à parede. Olha-o, taci-turna. Assim, projeta-se a sua sombra contra a parede. Tem as pálpebras escuras, maceradas pela falta de sono e pelo cansaço.

Por momentos, revê Clara a imagem de Gabriel, sentado a escrever, diante da janela, ainda que Florimundo não se parecesse fisicamente com o pai. Era parecido com ela, nos seus traços mais claros e suaves, onde havia uma certa falta de vivacidade, precisamente como ela. Uma beleza que esmaecia rapidamente com a idade, apesar da regularidade e da harmonia dos traços, da perfeição do rosto.

Em Gabriel, tudo era paixão, os olhos escuros e melancólicos, a tez tismada, um lume que atravessava o olhar. A loucura que ela fora incapaz de deter. Nada nele deixava lugar à indiferença. No filho, havia uma suavidade que a acalmava.

— Entra. — Pediu-lhe o rapaz. — Voltou-se, tendo-se apercebido da presença da mãe, menos pelo barulho do que pelo reflexo na janela.

— Não te isoles tanto. Faz-me medo. — Clara olhava para o filho, mas a imagem de Gabriel demorava-se no filho, algo do seu cansaço, do seu abatimento, não sabia dizer o quê.

— O que fazes?

— Acho que vou sentar-me e fingir que vejo televisão. É só desgraças, atentados em todo o lado. Mortos à bomba, atropelados, esfaqueados. Na Síria bombardearam novamente, já não sei o que há para bombardear.

Parou de repente e achou que a conversa estava a ficar mórbida, não tinha o direito de lhe levar a sua angústia.

— Não vais descansar? Trabalhaste durante todo o dia.

O rapaz viu-lhe as olheiras fundas, a palidez do rosto, que ela procurava disfarçar durante o dia, pintando discretamente o rosto. Ficava com um ar mais saudável. Porém, ao cair da noite, a luz e o desaparecimento da pintura artificial, acrescido de cansaço, roubavam-lhe a frescura e fi-

cava com o habitual tom anêmico e pálido. Florimundo preocupava-se, mas de nada lhe servia admoestar a mãe. Ela comia mal, tinha falta de apetite e trabalhava excessivamente.

— Preciso de entregar este trabalho amanhã. — Disse o rapaz — Mas trabalho lentamente, não avanço nada. Perco-me a ouvir música, divago... As ideias atropelam-se-me umas nas outras... julgo que só agora e que vou começar a redigir... Também não quero sair daqui para não me distrair, vou agarrar-me ao computador. Não é que não saiba o que quero dizer, compreendes, mas as ideias fogem, desafiam-me. Espero que elas se cansem e sosseguem.

Ela sorriu. A alegria tinha desaparecido havia muito tempo. Aquela de que ele se lembrava e que lhe trazia sonhos antigos. O tempo em que ele deitava a cabeça no seu colo.

— Queres que te traga alguma coisa? — Clara procurava quebrar-lhe o isolamento. — Deves ter fome. E está frio, não achas?

Abrçou-o por detrás, como gostava de o fazer.

— Precisas de te agasalhar ou de aquecer o quarto.

Quando estavam assim, agarrados, pareciam irmãos. Fisicamente e na tristeza, na mudez antiga. Ele sentiu-a tremer, contra o corpo dele. Um corpo ossudo e desprotegido.

— Está frio. Vai deitar-te. Eu fico bem, não te preocupes.

O rapaz sabia a que ela se referia. O fantasma do pai era um grito, ecoando por todo o lado, deflagrando na memória de ambos. O fantasma que havia conduzido Gabriel a um mundo onde todas as relações lhe apareciam distorcidas, os objetos desfeitos e amalgamados, em que os efeitos da linguagem o tinham conduzido à mais absurda descrença. O eterno espectro.

Clara teria de estar sempre atenta para que não se repetisse o peso dessa mão que lhe roubara Gabriel. Para que ele soubesse sempre que o lugar no mundo era onde os pés pisavam e não num lado qualquer. Um lugar onde houvesse raízes, em lugar de vagos sonhos ou ideias desgarradas. O mundo tinha piorado muito.

Florimundo lembrava-se de quando a mãe aparecia nas reuniões de pais e ele se sentia aliviado se ela não estivesse presente. Pensa hoje que talvez quisesse protegê-la dos olhares indiscretos. Conhecia as mães dos colegas e dos amigos. Pintadas, de cabelos cuidados, bem vestidas, tudo o que ela não era. Esforçavam-se para parecerem mais jovens, falavam de uma maneira afetada, entre si, e procuravam impressionar-se mutuamente.

Estivesse onde estivesse, Clara fazia o possível para que não se percebesse que existia. Demasiado reservada para que as pessoas pudessem ter uma imagem favorável dela. Quando eram vistos juntos, nas ocasiões de festas da escola, homenagens e espetáculos, o rapaz sentia-se envergonhado e simultaneamente culpado por se sentir assim. Lembra-se de ter desejado, em criança, que Clara fosse mais exuberante e alegre.

Costumava pensar na mãe como uma ave silenciosa. Não abria a boca e escutava com atenção tudo o que se passava à sua volta. Achava inútil perder tempo a olhar para as lojas, não tinha dinheiro para comprar nada. Mantinha um rigor espartano, tanto no que se referia a si própria como ao filho. Quando, em miúdo, ele pensara em mudar de instrumento ela apenas lhe disse, o desamparo instalado no rosto:

— Florimundo, não posso comprá-lo. Não tenho dinheiro.

Não lhe dissera que não. Não fizera qualquer objeção. Apenas o confrontara com um fato incontornável. A sua pobreza não o permitia, acrescentara-o.

Com o tempo, a criança percebeu por que era diferente das outras. Por que teria de ser sempre diferente.

Durante muito tempo odiara ser pobre. A mãe revelava sempre a sua indecisão, em relação a todas as decisões que ele tomava. Perguntava-lhe imediatamente quanto é que tal iria custar.

A mãe olhava-o. Parecia esperar por ele.

A semana depressa acabara. De manhã cedo, a mãe entrara-lhe pelo quarto adentro, já vestida.

— Vou até ao jardim? Queres vir? Apetece-me apanhar sol, andar um bocadinho...

Florimundo decidiu acompanhá-la, apesar de lhe apetecer dormir mais. Despachou-se, tomou o pequeno-almoço, enfiou um casaco e saiu de braço dado com ela. Eram tão parecidos que ela poderia ser a sua irmã mais velha.

Queria andar, nessa manhã bonita e de céu claro, sem nuvens. Já havia muitas folhas de árvores espalhadas no passeio e pelo chão. Apetecia-lhe, como quando era miúdo, pisar as folhas e ouvi-las estalar. Era domingo e metade da cidade dormia, provavelmente. Na rua, um ou outro café abria as suas portas aos clientes. Agora havia enxames de turistas por todo o lado e apareciam logo de manhã, ruidosos, barulhentos. Uma coisa recente que vinha descaracterizar a cidade, aumentar os preços, desalojar os habitantes mais velhos. Ao fundo da rua da Miseri-

córdia, avistava-se uma nesga do rio. Mãe e filho desceram até ao cais do Sodré. Um vento frio surpreendeu-os. Florimundo gostava de sair assim com a mãe, era quase um ritual.

Eram capazes de deambular ao longo da Av. 24 de Julho até deixarem de sentir as pernas. A mãe embrenhada nos seus pensamentos. O filho escutava tudo, nele tudo era um imenso ouvido que se transformava em ideias musicais. Quando voltaram da longa caminhada, sentaram-se na esplanada dum jardim. A mãe estava serena, bem-disposta. Ela sempre desejara voltar a Lisboa, era aqui que tudo vibrava e parecia sentir-se à vontade com tudo. Semicerrava os olhos e encostava-se na cadeira, deixando que o calor lhe afogasse o rosto, as faces.

O olhar de Florimundo segue o curso do voo dos pássaros, hesitantes na escolha da árvore, afastando-se das pessoas. As árvores, apesar de tudo, estão cheias de ninhos. Apesar da poluição e do barulho, que não afastaram a sua alegria e o seu bulício coexiste com o ruído e a confusão. Aos domingos há menos trânsito e menos confusão e tudo parece mais sereno.

Todos os dias, mais ou menos àquela hora, chegava o jardineiro, já bastante velho. Tem as mãos sardentas e deformadas, com a pele tão grossa que parece insensível ao toque das pétalas, mas há nos seus gestos uma delicadeza devota. O homem observa meticulosamente o estado das flores, rega-as e corta as ervas daninhas que vão aparecendo. Pragueja, de cada vez que encontra um pequeno verme, um caracol ou um parasita, o que provoca o riso de quem se encontra à volta. Esmaga os caracóis e as lesmas com a pá, o que provoca um som de gordura a estatelar-se no chão. Ficam as moscas a esvoaçar, à volta dos vermes de corpo rasgado e esventrado. Feridas de gordura, ao sol, a aquecer, e naturalmente os seus líquidos servirão para alimentar outras vidas, mais invisíveis.

Ao longe, as crianças invadem o parque. Trazem os pais pela mão, é o que mais parece, querem correr, mas são travadas por eles. Ainda é manhã, demasiado cedo para quem passou a semana a levantar-se cedo e queria dormir mais. Para quem provavelmente acordou durante a noite ou se deitou tarde. Descidas velozes dos escorregas, um salto no ar do baloiço. As mães sentadas ou a ajudá-los a subir para os escorregas, para cima dos baloiços. Largam aos gritos de nervoso e de contentamento. Florimundo reviu-se nesse gesto de subir até ao cimo do escorrega.

— Agora, vá! — Gabriel esticava os braços, para o apanhar, encorajando-o.

— Tenho medo. É muito alto! — Queixava-se a criança, que não conseguia sequer pensar no salto.

O pai ria e disse:

— Estou aqui. Não tenhas medo.

Caiu e magoou-se no queixo. Um golpe pequeno, esfolou-se na dobra do escorrega.

Às vezes surpreendia os pais, correndo que nem um louco, de braços abertos, fechava os olhos e sonhava que subia nos ares.

Junto de Florimundo, sentada no jardim, a mãe mantinha os olhos semicerrados. Nesses momentos, era quase feliz. Solitária. A mãe era ainda jovem, apercebia-se Florimundo. De algum modo, doía-lhe que não tivesse nenhum homem. Devia ser necessária coragem a qualquer homem, para se aproximar de uma mulher com um ar tão triste. Clara era meiga, falava baixo e era tão silenciosa que jamais incomodaria alguém. Recordava-se dela, ao lado de Gabriel. Ele muito alto, ela um bocadinho mais baixa, muito alta, bonita, nos seus vestidos de Verão, os lábios pintados de vermelho-escuro, as unhas da mesma cor. O vermelho sobressaía no rosto pálido e leitoso, pontilhado por pequenas sardas, de um tom acastanhado. O cabelo loiro e encaracolado, sempre solto.

O sítio favorito de Florimundo, no jardim, era junto da velha faia, com mais de uma centena de anos, grossa e sólida. Insólita, naquele local da cidade. Sob a árvore, quer fosse Inverno ou Verão, um grupo de homens havia envelhecido à sua sombra, jogando dominó, conversando ou simplesmente deixando correr os dias. O dominó era sempre igual, os vencedores os mesmos, os diálogos escassos, invariáveis. Aquele estranho círculo iria certamente romper-se, um dia, mas, enquanto permanecesse, haveria de assemelhar-se às rodas que as crianças fazem, círculos mágicos, onde as vivências são preenchidas de memórias comuns, acumuladas nos anos. Era engraçado ouvir as conversas, o repto rápido, a malícia comum dos diálogos, entre homens que haviam partilhado as mesmas vivências e as mesmas amizades. Talvez as mesmas mulheres, pensava ele, já que muitas vezes a conversa maliciosa incidia sobre elas.

Era fácil amar os homens, quando eles apareciam assim, na sua simplicidade. Quando apareciam ao olhar tão despojados e nus, tocados pelo esplendor de um tempo que já não era o nosso.

Florimundo sabia que tinha trocado a vida por um ideal. Talvez a mãe tivesse algo a ver com isso, mas ele não seria capaz de a culpar pelo seu próprio isolamento, pela incapacidade de se relacionar com as raparigas, pela timidez que o afastava dos outros. Fora habituado desde

criança a ter objetivos, deixando tudo o mais de lado. O dinheiro que havia era para as coisas essenciais e sobretudo para a aprendizagem da música.

Ela própria tinha de aproveitar o tempo, para fazer coisas que não conseguia, durante o horário de trabalho, pequenas traduções, biscates. Normalmente, a lida da casa ocupava-lhe os fins-de-semana por inteiro.

O rapaz entretinha-se a ler ou a estudar, a fazer os trabalhos de casa. Poucos prazeres lhe eram concedidos. Habitudara-se de tal forma a estar sempre ocupado que lhe parecia estranho quando não tinha de fazer. Até que ponto isso iria revelar-se como um absurdo, não o sabia. Deixara a infância e o tempo escorrer para um qualquer lugar desconhecido. Um quarto, nessa casa cheia de ausência, que era a sua vida. Na verdade, se fosse feliz, pensava, não seria obrigado a procurar nada.

Quer fosse Inverno, Primavera ou Verão, fechava-se no seu quarto, indiferente às pequenas mudanças do dia, às solicitações do ócio, concentrado a dedilhar o piano, estudando composição, lendo e trabalhando. Obstinadamente, lutando contra o cansaço, desafiando as leis do seu próprio corpo, violando a sua resistência.

Possuía mãos longas, com alguma falta de mobilidade. Além disso, não se sentia motivado para a interpretação. A interpretação revelava-se-lhe como a melhor forma de se aperceber do que ia compondo. Uma coisa é escrever, outra é ouvir o que se escreve. Tal como escrever poesia e ouvi-la. Duas experiências que frequentemente se traem uma à outra.

Os professores disseram-lhe, a medo, pois conheciam-lhe e adivinhavam-lhe o empenho, que nunca seria grande intérprete de piano. Não havia nele a agilidade, a leveza e a destreza dos grandes intérpretes. Seria melhor dedicar-se à composição, já que demonstrava notáveis capacidades e uma originalidade surpreendente. Ele recebeu a notícia sem pestanejar. Com o olhar conformado, diante dos seus juízos doutorais. Sem mágoa. Sabia desde sempre, apesar da voz interior, que as suas mãos não eram suficientemente ágeis e velozes para acompanhar a música que havia em si. Tocar distraía-o da percepção da música. Percebeu que havia um lado muito racional nesse ato de escuta.

A ideia não era nova e tinha-a desenvolvido ao longo dos anos. A primeira vez que ouvira falar dos antigos pitagóricos ficara deslumbrado com a possibilidade de reproduzir o segredo da harmonia cósmica na música. Este poderia refletir, tal como um caleidoscópio gigante, a complexidade colorida e diversa do universo, em todos os seus modos de ser.



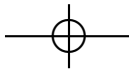
Mais tarde, estudara a evolução da música, deslumbrado pelo estatuto mítico que ela atingia em diversas épocas históricas.

Aprendera sobre os seus estranhos poderes. Como naquele episódio em que David cura a loucura de Saul, tocando harpa, ou o soar das trombetas e a vozeria que derrubaram as muralhas de Jericó. Os efeitos da música, sabia-o, podiam ser terríveis ou benéficos, de acordo com a utilização que lhe era dada. Irrrompendo em toda a sua força e plenitude, a música podia desencadear os mais terríveis ou, pelo contrário, os mais benéficos efeitos sobre o homem. Conhecia os efeitos misteriosos do xamanismo ou da possessão da música, os quais, aparentemente próximos, eram, no entanto, bem diferentes.

Na procura de autoconhecimento, investigara acerca do seu próprio poder, não sabendo como haveria de classificá-lo. Reconhecia-se entre o xamane e o possuído. Lembrava-se de, em criança, possuir uma mediunidade que acabara por racionalizar, limitando-a a uma simples capacidade auditiva, puramente receptiva. Não queria utilizá-la porque lhe temia o seu alcance. Mas queria compreendê-la, torná-la inteligível para si próprio. Havia estudado com afinco os tratados medievais de música, debruçando-se sobre os livros herméticos, com a secreta esperança de encontrar neles as leis que regulavam secretamente a música. Obcecava-o a componente oculta da composição musical, operando sobre a realidade, à semelhança da alquimia e do seu trabalho de transmutação.

Em miúdo, a evidência da música bastara-lhe, aceitando-a no seu mistério. Tal como aceitava a evidência das flores ou da chuva, da fome e dos gestos, dos caminhos e dos nomes das coisas. Nisso reconhecia a inocência e o espanto das crianças, demasiado ocupadas a descobrir o novo sem o questionarem. Mais tarde, o que lhe tinha sido evidente tornou-se obscuro.

Durante muito tempo questionara-se como lhe chegavam as sensações, as imagens e as ideias. Tal como os sonhos que o assaltavam pela madrugada, mas jamais ouvira falar do que sentia desde sempre. Desde que se lembrava. E dessa origem obscura, que permanecia para ele inacessível. Mais tarde, lera algures que os anjos não falavam, mas que faziam do canto a sua linguagem, um gesto de que se lembra de menino. Os anjos não existem, repetia amiúde, para se convencer a si próprio de que não fazia parte de nenhuma estirpe de seres inatingíveis. Porém, o episódio da gaivota, na sua infância, atestava o mistério e obrigava-o a pensar-se nessa charneira entre ser homem e anjo, entre cantar e ter linguagem.



Começara a chover. No início mansamente, molhando as pedras da calçada, as ruas, os troncos e os bancos do jardim, as folhas das árvores. As gotas de chuva assemelhavam-se a notas suaves, na sua sucessão monocórdica. O cheiro da terra encharcada subia no ar. Com a idade perdera a capacidade de distinguir a diversidade dos cheiros que a chuva trazia consigo, consoante a estação do ano, a terra inundada, os objetos inchados de água e de umidade, exalando odores diferentes.

Florimundo sentia aquele odor que despertava nele sentimentos intensos que se ligavam à infância. O regresso às aulas, nos finais de setembro, quando chegavam as primeiras chuvas e um vento macio na pele do rosto, anunciava o frio. Quando as roupas de Verão já não bastavam para lhe aquecer o corpo.

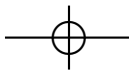
Obsessiva, a memória voltava-lhe ao passado. Queria travá-la, impor-lhe disciplina, mas a ausência do presente, esse vazio atual levava-o de volta ao tempo cheio. Lutava contra o peso e a memória operava essa transformação do não-tempo em tempo puro. Sem que isso dependesse da sua razão. As imagens reconstituindo-se sozinhas, forçando as leis da associação, rasgando a sucessão. Ficava, então, preso nas imagens como uma criança. Perdido nos escombros da infância.

Sabia de antemão que a casa continuaria abandonada ao fragor das ondas, o único ruído consentido, mas não podia deixar de desejar esse tempo primevo. Só as gaivotas permaneciam, nos seus longos voos demorados e circulares. Deixavam as suas pegadas, escritas num vestígio, que se perdia de cada vez que uma onda lambia a areia. E, à medida que o olhar se aproximava dessa imagem da casa, revia-a cada vez mais longínqua.

Por vezes, era como se estivesse a ver um filme, podia compor toda a matéria da sua experiência, metamorfoseá-la, fazer deslocar as personagens, variar infinitamente os pormenores. Nada nessa imagem era dado, pacífico, mas uma fonte permanente de signos que exigiam a sua paciência e a sua decifração.

Lembrava-se da mão da mãe, agarrada à sua, vestida de negro, logo após a morte do pai. Fora precisamente no final do Verão. A mãe vencida e enraivecida, como um guerreiro prostrado. O desamparo da vida e do amor. Havia no olhar da mãe uma dor alucinada e uma revolta que não a deixavam chorar. Que a enlouquecia de raiva e impotência. Gabriel tinha apenas deixado na mesa da cozinha uma simples folha de papel, a despedir-se dela.

Quando ela se levantara, bem cedo, estranhara não o encontrar a seu lado. Ouvira-o, durante a noite, na biblioteca, e deu pela luz acesa. Mais



uma vez pensou na tremenda fixação que ela já não conseguia combater e afundara-se nos lençóis, fechando os olhos, entre lágrimas silenciosas. O mundo desfazia-se à sua volta.

Gabriel não queria que ela trabalhasse. Dizia que não havia necessidade, que tinha o filho para criar e, se fosse trabalhar, o menino teria de ser abandonado num infantário ou numa ama qualquer das redondezas. Quando o miúdo entrasse finalmente na escola, e Deus sabia o quanto ela se esforçava por arrancá-lo à influência do clima opressivo que Gabriel havia criado à sua volta, daria finalmente o passo decisivo e libertar-se-ia da tristeza.

Tinha decidido, contra ele, uma vez que Florimundo iria fazer sete anos, que não passaria desse ano. Descansava-a o fato de a criança, apesar de tudo, saber ler e escrever. A cegueira de Gabriel havia chegado a um ponto insuportável. Compreendia que o sustentava a ideia da criação de um lugar onde pudesse educar o filho de acordo com a ideia do bom selvagem, sem as más-influências que via na sociedade.

Discutia com ele o que lhe parecia estranho e assustava-a o fato de a criança mal falar e não utilizar as palavras, apesar de as conhecer bem. Porém, havia na sua vivência um mistério que o tornava quase incomunicável. O miúdo não falava, não pedia, sentava-se e procurava compreender o que passava à sua volta. E, sobretudo, ouvia tudo com interesse. E mergulhava nesse alheamento próprio de um animal a quem lhe bastava a experiência.

Sentia que ele possuía estranhos poderes. Cantava e aquietava tudo em seu redor. Deslocava-se com a lentidão de um deus que conhecia tudo à sua volta, parecendo compreender as coisas como se elas lhe falassem. Permanecia manhãs inteiras, deitado ao sol, como se fizesse parte da paisagem. Jamais conhecera uma criança assim e não se sentia preparada para enfrentar os seus gestos lentos.

Não havia nele qualquer necessidade de procurar outras crianças, de brincar. A solidão bastava-lhe e procurava-a como um danado, onde podia esquivar-se à palavra.

Observava-o, meio entorpecida. E aos desenhos dele. De onde poderia ele extrair os temas dos seus desenhos se não tinha contato com nada nem ninguém? E, todavia, as figuras repetiam-se, o velho que caminhava na paisagem de neve, a imagem obsessiva da casa, das aves à volta da biblioteca, imagens de duendes e de fadas.

— Onde vem isto, Florimundo? — Perguntava-lhe ela, na sua ânsia por compreendê-lo. — Onde os viste?

A criança apontara para a sua cabeça com o indicador.

Atônita, ela olhou-o. Era um mistério, a cabeça dele.  
Nessa manhã, o miúdo aparecera diante dela, com o seu ar muito sério. Preocupada com a demora, sentara-se diante da janela, os cotovelos fincados no parapeito. Hesitava se haveria de ligar à polícia.

Florimundo beijou-a e disse-lhe:

— O papá não volta, mamã. Foi viajar e disse-me adeus.

— Como sabes que não volta? Que disparate! Ele disse-te algo?

— Deu-me um beijo e foi-se embora.

Havia nas palavras do rapaz um tom que a afligiu, percebeu que ele falava a sério. Agarrou no telefone e ligou para a polícia e para os hospitais. Não havia sinal de Gabriel. Ligou também para a polícia marítima, ao ver que o pequeno barco de borracha havia desaparecido.

Procurava, por todo o lado, o menor indício que pudesse dar-lhe a informação do seu desaparecimento. Na biblioteca encontrou o livro aberto e a folha onde Gabriel desenhara tantas vezes a imagem que o matara. O homem sem rosto. E depois aquela frase, deixada entre rabiscos quase ininteligíveis e que agora pareciam fazer todo o sentido: *“De espelho em espelho.”*

Esteve sentada, durante muito tempo, na biblioteca. Finalmente, penetrava no mistério de Gabriel.

Sabia que ele tinha passado ali as suas últimas horas e podia ter impedido a sua última loucura, ainda. Talvez bastasse, como sempre o fazia, sem muitas palavras, oferecer-lhe uma fatia de bolo e um chá quente, a lembrar-lhe que a vida existia fora das suas imagens.

Escondeu a frase, pensando que Florimundo poderia encontrá-la. Escondeu também os desenhos, que tanto a perturbavam. Adivinhava a tortura que essa imagem de um rosto sem conteúdo, confinando apenas consigo próprio, devia ter exercido sobre o espírito frágil de Gabriel.

Florimundo ouviu um grito na biblioteca. Subiu as escadas a correr e foi dar com a mãe hirta e de olhar enlouquecido. Pela primeira vez na sua vida sentiu-se só.

O Verão acabara. As primeiras chuvas de setembro tombavam sobre a terra. As memórias doíam. No primeiro Natal depois da morte do pai não houve festa, a mãe fechou-se no quarto, por dentro.

Nesse Natal soube que o Papai Noel era um velho ingrato, pois não chegara à sua casa, exilada da alegria. Os avós tinham vindo buscá-lo e a mãe continuara fechada por dentro. Trouxeram-lhe canções de Natal, porém o olhar era pesado. Chovia, sempre.

Depois não voltara mais à casa, vendida pelos avós. Por todos os cantos da casa, a mãe via o rosto do pai a chamá-la, perseguindo-a no alpendre, saindo do mar, com um sorriso a dançar-lhe nos olhos. O pai muito alto e a sua figura a sair do mar, com a água a escorrer-lhe pelo corpo. O pai ria-se, gelado até aos ossos. E Clara esperava-o à saída, com uma toalha. Muitos anos mais tarde, Clara guardava ainda a recordação do riso solto de Gabriel, ecoando na manhã, com a alegria das coisas acabadas de nascer. Gabriel retornava à sua própria infância.

Lembra-se ainda dessa fatídica madrugada de setembro, em que o pai se detivera a olhá-lo, à porta do quarto, com uma tristeza infinita. Revia-lhe o olhar e lamentava não ter sabido retê-lo. Porém, esse olhar derradeiro conhecia uma paz e uma serenidade que o filho não lhe via há muito tempo.

Não conseguia sentir raiva ou culpá-lo, pois tinha a certeza de que ele o amava, onde quer que estivesse. Com o tempo, aprendera a reunir todas as peças desse misterioso puzzle e compreendera que certos homens não são feitos para a vida, mas para habitar espaços e tempos entre sonhos, não sabendo como resistir à realidade.

A mãe designava essa incapacidade por loucura e lembrava-lho frequentemente, frisando uma certa amargura que, pouco a pouco, se fora esmaecendo. Ele não sabia como dizer-lhe que não acreditava na loucura e que jamais aceitaria essa ideia, sobretudo quando se aplicava àquele ser que amara tão intensamente.

Como o seu corpo jamais fora encontrado, guardava uma memória límpida da sua morte, longínqua, perdida na neblina da madrugada, entre o canto das ondas e o cheiro, a luz do mar. Como se tivesse sido um sonho.

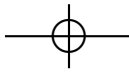
Ele tinha-lhe dito, uma vez, que procurava uma ilha, mas que sabia, também, que essa ilha se encontrava em si. Uma ilha onde não havia medo nem desejo ou ambição. Não havia “entre” mundos nem lutas interiores. Nada, a não ser a luz, a areia, o mar e o silêncio, a toda a volta.

— Papá... — interrompera-o — as ilhas não são lugares?

Gabriel olhara-o em silêncio, durante algum tempo. Não saberia explicar a uma criança tão pequena que existem ilhas que não são lugares, mas pontos de reencontro, utopias de regresso.

— E onde existe essa ilha? Também posso ir?

O silêncio permaneceu e Florimundo compreendeu que era inútil perguntar.



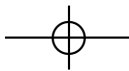
O ruído do elétrico ecoou na noite. Um lamento agudo que anunciava a paragem. Depois partiu novamente, rangendo na subida. O rapaz podia reproduzir todos aqueles sons até a exaustão. A sua concentração desenvolvera nele uma memória auditiva invulgar. E ela estendia-se muito para além dos limites do normal. Era capaz de reproduzir o som de algo, mesmo sem ouvir. O ruído da água a cair do jarro para um copo, algo que representamos imperfeitamente, ou o de uma folha que, esvoaçando e dançando no ar, cai finalmente por terra.

Esse jogo divertia-o imenso, tentava imaginar a correspondência musical com uma determinada nota, um compasso musical que refletisse o tempo demorado em cada gesto. Aprendera a perscrutar com a máxima concentração os mais ínfimos sons. Dessa forma, havia entre ele e o mundo animal uma proximidade arcaica, estabelecida por essa intuição auditiva.

Pouco a pouco, a intensidade das bátegas crescera, enquanto a luz dos candeeiros atravessava a noite, fazendo brilhar os troncos húmidos. Incansável, a chuva caía, em fios que se desenhavam contra a luz. Um ruído fustigava as vidraças da janela. Além da chuva, o vento fazia vibrar os vidros. Schubert chegara ao fim da sua *Viagem de Inverno*, compreendeu, ao ouvir os últimos acordes. Trágicos. Esse final lembrava-lhe sempre a pintura de Bram del Velde, as bandas de cor desamparadas, como se errassem a procura do sublime, de algo que as resgatasse ao incabamento. Descobrira a sua pintura na biblioteca do pai, que possuía inúmeros catálogos desse pintor.

Possuía agora um ouvido tão treinado que já não precisava de realizar nenhum esforço para operar essa transformação. Ela ocorria naturalmente, sem que ele precisasse de esforçar-se. Por vezes, até tinha medo de não vir a controlá-lo. Gostava do que ouvia, do que lhe chegava. Se um dia viesse a ouvir outra música que não desejasse? Ele limitava-se ao papel de um simples ator ou de um guardião. Cabia-lhe, apenas, a manifestação, a apresentação do modo como ela lhe chegava.

O jovem músico persistia na ideia da construção de um vocabulário musical que lhe possibilitasse uma combinatória infinita de sons. Para poder exprimir o mundo enquanto totalidade. Delirava, certamente, pensando nisso como tarefa quase impossível, mas achava que as notas e os sons produzidos eram insuficientes para exprimir a pan-musicalidade a que a sua audição tinha acesso. Ocorria-lhe a frase de Leibniz, em que ele afirmava que “a música é a álgebra de Deus.” Ou o dito de John Cage, defendendo que “tudo era música.” Ambas as afirmações eram



inteiramente verdadeiras, pelo menos para ele, que sentia trazer esse conhecimento consigo.

Gostava de imaginar que os sons que ele conhecia correspondiam a uma ínfima parte das possibilidades de escuta. O que ouviria o inseto ou a larva, no seu casulo? Seriam esses sons, ainda, audíveis? O que ouviria a ave quando voava? Ou a águia no cimo dos desfiladeiros? O som do mundo para um recém-nascido? Tentar imaginar essas possibilidades levavam-no, cada vez mais, a dilatar os limites da sua audição, convertendo o ouvido numa faculdade cósmica. O que ouviria o golfinho ou a anêmona, ao escutar o bater das suas membranas na água? Ou uma baleia nas profundezas do oceano? Seria necessário, no seu caso, não apenas usar o ouvido e a imaginação, mas partir da ideia para a sua apresentação musical. Fazer um movimento inverso e artificial. Mas poderia também lá chegar por uma espécie de analogia, o que, sem dúvida, lhe tornaria tudo mais fácil. Como poderia estabelecer uma passagem entre a visão e a audição?

Pensou que o mar e a água representam para o homem o silêncio. O fundo do mar uma espécie de ausência do som. A ideia, construída a partir da aparência e do modo como vemos as coisas, era totalmente inadequada. Um dia, certamente, produziria os sons que o fascinavam, mas essa ideia musical teria de ser extraída a partir de si próprio, num movimento de toupeira incansável. Mais do que ver e ouvir, ansiava por um perceber originário, que lhe permitisse ouvir o universo, na sua inocência primeva.

### **As asas de Saturno**

Um som baixo, como uma espécie de silvo rente ao silêncio, despertou-o dos seus pensamentos. Uma borboleta noturna, escura e de asas irisadas, caíra no chão. Cega, investira pesadamente contra a janela, procurando o ar noturno. Tentava furar o vidro. As suas asas, grandes demais para o corpo, batiam numa fibrilação pesada, deslocando camadas de ar invisíveis. Refazia o trajeto vezes sem conta. Começava a subir a vidraça, caía e voltava ao início do seu suplício. Uma cartografia traçada de forma regular, sulcando incansavelmente os mesmos caminhos, voltando atrás, lutando de forma absurda contra o seu destino. Finalmente

o cansaço obrigou-a a sucumbir e o ruído da sua queda cristalizava o som do inelutável. Anunciado num baque.

O jovem arrepiou-se, horrorizado. Por mais que se tentasse adiar o final, o baque seria trágico.

No cadeirão junto à janela, descortinou uma figura.

Envolto na sombra. Metade do rosto era visível, envolto pela luz que vinha da rua, num tom sobrenatural. Do outro lado do rosto, era a escuridão total. Apenas se podia ver o branco do olho. Tudo nessa figura de homem parecia artificial, composta à pressa para parecer verossímil. Lembrou-se de alguns quadros barrocos, em que os rostos ostentavam aquela cor cadavérica, meio esverdeada, num rosto demasiado pálido. O estranho era ver-se apenas um lado desse rosto. Ou um ou o outro, nunca os dois em simultâneo.

De repente, Florimundo ouviu a sua voz. Grave, cavernosa, arrepiava. Disse alguns versos que ele não conseguiu situar.

— ...*Ver-me e ouvir-me, contemplar-me o rosto;/ Acedo ao forte apelo, e é com gosto/ Que aqui me tens! — Que mesquinhos tremores/ Te assaltam, super-homem? E esse grito*<sup>1</sup>...

Atemorizado pelo tom da voz e pela inesperada presença, que ali havia entrado, sem ele fazer a mínima ideia como, tartamudeou:

— Quem és tu? Como é que entraste no meu quarto?

— Perguntas?! — Embora ele não lhe visse o rosto, sentia o tom irônico da sua voz — Deixo-te algum tempo para adivinhares. Foste tu que me chamaste...

Uma lâmina de ar frio percorreu o quarto. O rapaz tremeu. A janela permanecia fechada. A borboleta jazia no chão.

— Acendo a luz... — propôs o jovem. — Sempre via o teu rosto.

— Talvez prefiras ouvir-me a olhar-me...

No espelho do quarto parecia ter-se acendido uma labareda.

Florimundo estava perfeitamente abismado. Alguém sonhara aquele encontro e ele entrara no sonho dessa pessoa?

— Que te assusta? Acalma-te...

— Chamas-te?... — Interrompeu-o bruscamente o rapaz.

— Dá-me os nomes que te apetecer. São múltiplos os nomes da danação, múltiplos os rostos... — sorriu, antes de lhe fazer uma pergunta desconcertante:

— Tens tremoços? — Florimundo sentia-se atônito.

---

1. Goethe, Fausto.



— O Santo Agostinho costumava dar-me tremoços... refresca-me...  
— Antes que Florimundo reagisse, retomou — Todas as categorias se revelaram ineficazes para me classificar. Poderíamos, até, dissertar longamente sobre isso... embora creia que o louco de Sils Maria já tenha dito tudo sobre o assunto! Pelo menos, tentou ser racional. Detesto misticismos baratos...

— Se te referes a quem eu penso... — Odiou-se a si próprio pela ingenuidade. — Não me parece que seja assim tão fácil classificá-lo de louco. — Por que tremoços? A esta hora?

— Não complices! — Retorquiu-lhe o outro. — Alguém incapaz de se reger pelos parâmetros sociais... que escreve e assina com aquele nome, depois de escrever um livro com aquele título... Ora, o *Anticristo*...

— Ah! Um inconformista. Se ele não tivesse escrito assim, não estaríamos aqui a discuti-lo.

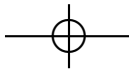
— Toda a concepção do teu filósofo era louca, inaplicável. Oh... esse livro, o do Zaratustra, será que é possível pensar a liberdade e a superioridade humana daquela forma? Toda a filosofia dele não passa de um louvor a Dionísio! A alegria de Zaratustra, a sua leveza... é a das bacantes, não achas? Porque as putas que ele conheceu eram mais graves! Só a estroinice das bacantes é que podem desfazer Orfeu. A trivialidade das Bacantes é que o destrói. Enquanto os sátiros e as ninfas se distraíam, naquela explosão de luxúria... rabos, coxas, mamilos. Sempre foi o meu alimento preferido, o sexo. Sabes, por quê? Porque nele tudo se equivale. A seriedade platônica é que me aborrece.

Florimundo viu-se a rebater, sem o desejar, como se não comandasse os seus lábios:

— Não sejas tão simplista! Tudo aquilo é uma sucessão de metáforas. Muito conseguidas, por sinal, se refletires sobre o destino da arte. É possível pensar a criação sem a libertação do peso? Era preciso devolver a vitalidade à arte. Ela estava completamente submetida aos valores, anestesiada... comodamente rendida a um maniqueísmo estéril, de uma ética que em nada...

— Tsst... tsst! Falas contra a ética burguesa, mas és incapaz de superá-la, no verdadeiro sentido. Ao pé desse filósofo és um menino de cor e ele... coitado... Os filósofos são uma cambada de impotentes... toda a arte nasce da violência e da possessão, da paixão desenfreada, da incapacidade de raciocinar filosoficamente ou de reduzir o mundo à racionalidade. Mesmo Nietzsche não terá dito essa frase que faz o meu deleite?

— Que frase?



— Que tínhamos a arte para suportar a verdade? Não era isso que ele queria dizer? Que toda a arte nasce da violência e é uma canalização dos instintos?

— Que horror! Repara no que dizes. Imagina uma comunidade artística toda ela dominada pela violência... bem vês que os artistas são seres de urbanidade.

— Sim, exceto quando se autodestroem a si próprios e se encharcam em drogas e álcool, para fugirem à possessão... e não são poucos os casos! Ou os que deixam de o ser, porque não aguentam mergulhar nas suas entranhas, suicidando-se...

Florimundo percebeu que ele se referia a Gabriel. O rapaz não reagiu. Guardava aquele segredo consigo, mas agora compreendia, em sua amplitude, a dor do pai.

— Bem... mudemos de assunto! És tão meditativo e ao mesmo tempo pareces-me tão naïve, mas vejo que estás bem instruído. Quem foi o músico que te ensinou filosofia? — O tom de voz era irônico, mas perturbador. Florimundo percebeu que ele sabia demasiado acerca de si. — Na verdade, um assunto tão inextricável é cansativo... atalhemos pela simplicidade: é preciso aceitar o que não se entende... — acrescentou, ultimando o assunto.

Florimundo tinha frio como nunca tivera, em toda a sua vida. Mesmo nas montanhas, perto da casa dos avós. Mas um frio que se tornava irrespirável, queimando tudo à sua volta. Um frio seco.

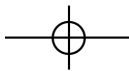
— Bom, posso chamar-te “senhor Metamorfose”? — Batia os dentes de frio, mas apetecia-lhe provocar o seu ilustre visitante. — Ou o “senhor dos Círculos?” Sempre achei alguma graça à designação...

— Sim... Ou, por que não, Mefistófeles, o mais literário de todos os meus nomes? — O riso casquinado irrompeu da sombra. — Escreveu-se tanto sobre mim! O meu poder é tentador...

— Alucino? Isto é um sonho? — um certo tom desesperado indiciava a confusão do rapaz. — Este frio!

— Há alturas na vida em que as coisas se fundem. São partes de um todo. Sonho ou realidade... será que isso importa verdadeiramente? Atualmente, parece que as distinções e os rótulos se tornaram mais importantes que os próprios conteúdos... a tirania do progresso. Eu sou demasiado velho para me incomodar com isso. Preocupa-me a arte, apenas. Se existe ou não a danação, os limites, tanto me faz... Interessa-me o que fazem deles...

— O mistério da transfiguração... — respondeu timidamente o rapaz, sem saber o que dizer.



— Ora, lá vens tu com conceitos caducos... Sempre achei esse conceito parvo. Quem faz transfiguração? O artista? Ou são meia-dúzia de parasitas idiotas que afirmam a pés juntos que o artista o faz? Ah, é preferível falarmos de metamorfoses, de labirintos e de sonhos, desse vaivém que alimenta a criação humana. Transfiguração é o quê? Uma arte culinária? Pegas em meia-dúzia de elementos, mistura-los e já está! Soa-me tudo tão artificial.

Respirou fundo, interrompeu-se e retomou a palavra. A voz cavernosa e sibilante continuou:

— Olha e se mudássemos de assunto? Não tenho muita paciência para os argumentos! Fartei-me de ouvi-los durante a Escolástica... fiquei enjoado para o resto da vida...

— Fica-te mal! Devias respeitar o adversário... — respondeu rapidamente o rapaz, antecipando-se ao que ele ia dizer.

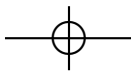
— Ora... como se eu não saísse sempre vencedor! *Ele* revela um total desconhecimento da natureza humana, uma inexistência da compreensão psicológica, biológica, social, desse animal entorpecido pelas paixões. Tretas! Já eu, pelo menos passei a divertir-me mais.

— Pois! Não nego que tu estejas mais próximo da natureza humana. Da vaidade, da ostentação, da inveja. — Respondeu o rapaz, com sarcasmo.

— Diz claramente o que pensas. Da tendência para o mal, ias acrescentar. Quer se queira ou não, é o que predomina! Basta olhar em redor. O homem é um ser tão básico! Se avaliares com atenção à tua volta, verás o que atrai o homem, os seus interesses, a sua vontade de poder. Sobretudo quando eles arvoram a bandeira da dignidade. Dá-me vontade de rir. Chegam a acreditar em si próprios. O inferno está cheio de poetas, de artistas, de homens que passaram a vida inteira a dizer que eram capazes de melhorar o mundo através da arte! Não queiras misturar arte e vida. São duas coisas que não podem misturar-se. A arte redime-lhes a existência terrena, maldosa, imperfeita...

— Pareces pesaroso em relação a isso. Deverias mostrar-te triunfante.

— Rejubilo! Irrita-me é que não reconheças a evidência do fato. Os fatos, as pequenas e ininterruptas guerras em nome de nada, por um punhado de dólares, a sustentar a indústria do armamento, as economias dos países assentes sobre a lavagem de droga, o aval dos bancos e metade do mundo a aplaudir carnificinas e atos terroristas... coitados! Só existe o Homem, esse ser que é capaz de tudo. Capaz de matar enquanto ama. Capaz de compor a mais bela sinfonia, enquanto odeia, e



criar na mais árdua adversidade... essa é até a sua grandeza! Irritam-me as boas intenções, o querer fazer com que todas as manifestações da arte se colem a objetivos respeitáveis e que se continue a acreditar nisso. É tão risível!

— O teu mundo é escuro. Denso e escuro como breu. Mas há justos no mundo, quase me atrevo a chamar-lhes anjos.

— Ah ah! — A gargalhada irrompeu sinistra, ocupando o quarto, empurrando o frio em vagas até ao pobre rapaz, que já se havia embrulhado em tudo o que havia à sua volta. — Anjos! Esqueces-te que sou um anjo...

— Caído... — atalhou Florimundo.

— Um anjo nunca deixa de o ser. Ainda que seja um ser estropiado, com as asas calcinadas. Compreende em simultâneo a dor e a impotência humana e sabe que pertence a um outro mundo. Os anjos conhecem toda a pauta do mal e já não existem asas para evitar o frio... Em boa verdade te digo, é o mesmo, o que mata, o que ama, o que trabalha, o que cria. Todos são a face do mesmo. E isso é que é infernal, todos serem o mesmo, a repetição do mesmo...

Aliás, creio que o teu pai o sabia bem... lembra-te? — Interrompeu-se, como se desejasse ouvir a confirmação.

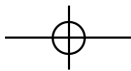
Florimundo compreendia agora uma série de paradoxos que durante todos aqueles anos lhe haviam resistido à sua compreensão.

— Um homem admirável, um mago das palavras, um tecelão de artifícios, porém tão trágico... Esse saber infernal, ele possuía-o e foi isso que o matou. Nenhum homem consegue viver com tal saber. Só poderia tornar-se um cínico, algo que ele recusou sempre e que iria inteiramente contra os seus princípios.

— Princípios? E a individualidade, o rosto? Essa concepção do mal destrói a dignidade do rosto... a crença na possibilidade do humano.

— Dignidade humana, já viste ideia mais balofa, batida e estéril? Falas de dignidade, assim, de ânimo leve, enquanto milhões de crianças morrem ao frio, de fome, prostituindo-se? Enquanto se bombardeiam civis em nome da paz? Já pensaste que a maior parte dos seres humanos nem sequer sabe o que significa essa palavra?

A ideia de que o pai também teria tido semelhantes encontros incomodou-o de forma obsessiva. Tinha do pai uma ideia que em nada combinava com esta nova imagem, a de um conhecimento infernal. Sabendo ainda que esse conhecimento e a impossibilidade de recriar um mundo o tinha destruído. Tiritava de frio, enquanto pensava nisso.



— Talvez esta alegoria te ajude a pensar o homem. O Homem. Imagina um ser perfeito, em que tudo se concentra, o espelho de Deus, à sua imagem criado.

— Sim, clichê, adiante... um Golem! Criado a partir do barro...

— Imagina que esse espelho se fragmenta e se dispersa pelo mundo, numa repetição infinita... É isso... um pedaço dessa imagem de Deus, estilhaçado até ao mais pequeno fragmento. Cada fragmento, mostrando o lado separado do todo, cada pedaço refletindo a angústia, a nostalgia dessa perda da imagem originária. Cada homem é um pedaço desse imenso caleidoscópio que é a realidade estilhaçada. Poderíamos fazer um esforço para pensar essa visão.

Florimundo tapou os ouvidos. Não queria ouvir mais nada. A alegoria era horrível. Uma analogia da própria dispersão das línguas, do tempo, do paraíso. Mas ampliada por um espelho gigantesco. Fragmentado, partido. A morte era o reconhecimento final dessa imagem. Esse era o mal, o conhecimento de que a morte se apresenta em cada pedaço ínfimo da natureza, mesmo no mais pequeno átomo, na mais bela mulher e na mais inocente criança.

Florimundo desejava agora não mais pensar nisso. Reconheceu que isso era o que o pai passara a vida a fazer. Uma vez mergulhando nas vísceras do mal, era impossível olhar de frente a claridade do mundo.

Uma sensação de desmaio e de vertigem deixou-o prostrado.

O outro continuou, apesar do silêncio do rapaz.

— O que sabes tu da vida, da natureza humana? Só pensas *em* música. Sim, disse bem, não faças esses olhos arregalados. Pensas através dessa linguagem que escorre em ti. Que achas tu que sabes da natureza e da linguagem dos homens?... Bem te esforças, pequeno, mas não adianta. Sempre foste mais que tu, um ser que continha em si essa representação de um ideal. Aliás, como Gabriel, como todos os meus filhos. Há quem lhes chame os filhos de Saturno. O seu olhar é interior e quando olham à sua volta vêm apenas...

— Filhos de Saturno? O que significa isso? Que espécie de horror é esse?

O rapaz entrara num solilóquio delirante, parecendo não se dar conta da presença do outro:

— Comecei por observar uma borboleta que morria contra a noite, esmagando-se no vidro... agora descubro que estiveste sempre a ver-me. E que sabes tudo sobre mim. Por quê, pode saber-se? Além disso, devo

confessar que tudo isto é assustador... o que sou eu, afinal? Talvez me possas responder, já que não sou igual aos outros. Um anjo, um demônio? Gostava verdadeiramente de sabê-lo.

— Essas perguntas são inúteis. Descobrirás por ti ... Ao menos tu deixar-nos-ás a tua bela música. A beleza é o outro lado do horror. — Continuou o outro — E nunca perguntes acerca de ti próprio. Há uma tremenda vanidade nesse gesto. Não sei bem o que é pior, se a vaidade ou a inutilidade!

O rapaz estremeceu. Sentiu que o estranho sabia exatamente o que lhe havia passado na cabeça, nesse momento.

— Foste tu quem produziu aquele fenômeno da borboleta, para me testares?

— Limito-me a ser um reflexo do teu pensamento. Se quiseses, uma alucinação. Aquela é a tua condição, se não fores capaz de atravessar o vidro... apenas sugeri um pequeno fenômeno ótico... olha, repara! — Enquanto isto, estalava os dedos e a borboleta desaparecia.

Ele ria. Abertamente. Um bufão que transformava tudo numa ilusão, cuja gargalhada sonora fazia estremecer os vidros, o ar, os espelhos do roupeiro.

E de repente pôs-se a citar, pensava Florimundo que seria de memória. Com uma memória antiga e perfeita, como a de um sacerdote:

— *“Todo o homem de elite aspira instintivamente à sua torre de marfim e reclusão, em que se libertou da massa, dos muitos, da maioria, em que pode esquecer a regra “homem”, sendo ele próprio a sua exceção...”*<sup>2</sup>.

— Extraordinário, não é? Só depois poderás compreender o que te está destinado...

Quando o rapaz quis responder, sentiu a sua ausência. Ele desaparecera. Imediatamente, o frio desapareceu, levado por ele. Tudo se aquietara, subitamente. O espelho não conhecia nenhuma espécie de luz. Era a noite, apenas. Lá fora, a existência da neblina e a chuva atestavam a realidade. O odor de pétalas molhadas, que tinham um cheiro menos pesado e atenuado pelo peso da água. A ternura da escuridão, com o seu halo de suavidade.

Correu a acender as luzes, procurando o mínimo vestígio do insólito visitante. Nada se ouvia, a borboleta desaparecera, a chuva continuava a cair, interminável. Tinha fome, mas uma vontade imensa de compor arrastava-o, uma doença imperiosa. Necessidade de rasgar o azul opaco da noite, de inscrever nela a incandescência dos sons. O seu pensamento

---

2. **Nietzsche**, “Para Além do Bem e do Mal”.

trabalhava a um ritmo impressionante. Não se sentia nada cansado, apesar de ter estado a trabalhar, durante todo o dia. Era como se tivesse acabado de acordar.

Ao passar pelo armário, olhou-se. Assustou-se. Viu um homem que permanecia de costas. Não conseguiu ver o seu próprio rosto.

Durante dias não saiu de casa. Compunha obsessivamente, sem horas nem regras, possuído por uma euforia estranha e inexplicável. Uma nova consciência emergira nele. Um conhecimento do obscuro, que muitas vezes o deixava aterrorizado. O seu humor tornara-se irregular.

Durante vários dias, não saiu nem sequer para ir às aulas ou ao jardim. Achava tudo o que o distraía uma pura inutilidade. Arrastado por uma clareza e uma lucidez tais, que produzia de forma compulsiva.

Saíram dessa lavra duas sonatas para piano e violino, numa homenagem aos seus compositores favoritos. Escreveu algumas canções, ainda muito influenciadas pela sua paixão pelo romantismo tardio, muito pouco consonantes com o espírito do seu tempo. Iria deitá-las fora, certamente...

Com efeito, havia estudado as correntes contemporâneas, desde o dodecafonismo de Schönberg às escolas minimalistas, revelando um conhecimento e um domínio da composição verdadeiramente precoces. Recusara sempre, no entanto, a dominância do atonalismo, pois sentia-se indiferente perante as vanguardas musicais. O autor que mais o impressionava era Webern, pela extrema condensação. Esse mesmo silêncio que o pai lhe havia ensinado, quando lia poesia no alpendre da casa da praia. Quando *Burnt Norton* ecoava pelo roseiral e despertava os seus visitantes invisíveis.

Nunca tivera uma atitude elitista perante a música, o que lhe permitia estar disponível para a aprendizagem de ritmos mais populares, mais ligados ao jazz, por exemplo, e ao soul. Havia uma componente emocional que o atraía nesses ritmos e que não sentia na música serialista e de vanguarda, o encontro com a emoção e com a melodia, livre de preconceitos. Tinha-se interessado igualmente pela música indiana, talvez a mais próxima da música pitagórica, porém, as atitudes subjacentes, o aspecto religioso que sempre se lhe encontrava associado, desmotivavam-no.

Cético, ele rejeitava as crenças religiosas, as grandes ideologias em geral, as teorias que anulavam a singularidade e a liberdade individuais. Ser-lhe-ia intolerável aceitar qualquer imposição à sua liberdade. Intimamente passou a desprezar manifestações culturais de massas,

fenômenos de popularidade e de sucesso imediato. Contra essas manifestações opunha a ideia de um esforço árduo, de uma conquista feita a pulso, selada com suor. A única verdade que existia no mundo, pensava.

Recordava-se nitidamente da sua infância, inteiramente consagrada ao estudo do piano, à aprendizagem do solfejo. A primeira professora de piano que tivera, a dona Laura Pimentel, antiga professora do Conservatório e que já se encontrava reformada, habituara-o ao trabalho regular. Começara a aprender piano com ela aos cinco anos. Ao fim de três, a ríspida senhora demitia-se das suas funções, confessando a Clara que já não tinha nada para ensinar ao filho. Aconselhou-a a pô-lo a estudar no Conservatório, pois a criança revelava dotes fora da média e uma invulgar capacidade de concentração e de aplicação ao trabalho. Clara seguiu-lhe o conselho. A passagem para o Conservatório aliviou-lhe um pouco a rigidez da educação, mas habituara-se a olhar para as outras crianças como seres estranhos. Passavam o tempo todo a brincar, não tinham qualquer interesse pela escola e a maioria andava no Conservatório apenas para agradar aos pais, não por vocação.

O único luxo que se permitia eram os passeios pelo jardim, ao final da tarde. Por vezes, a atenção do rapaz era distraída por uma colega sua, de traços reservados, silenciosa. Margarida sorria-lhe quando o encontrava, mas ficavam estúpidos a olhar um para o outro. Observava-a nas suas brincadeiras de menina, integrada num grupo de miúdas da mesma idade. Todas elas mais ousadas e capazes de o pôr rapidamente à distância, assustado pela sua desenvoltura.

À medida que os anos passavam, habituara-se à presença de Margarida, ligando-os o silêncio manso, carregado de uma pertença. Passavam um pelo outro, sorriam e continuavam o seu caminho. Ela caminhava com lentidão, consciente da sua presença. Tinha um rosto oval, pálido, olhos castanho-claros. Usava o cabelo atado num rabo-de-cavalo, como as bailarinas. O penteado fazia ressaltar a curva do seu nariz.

O sorriso da rapariga tinha um enorme poder sobre ele. Sem que o rapaz percebesse a razão. Ela estudava canto. Às vezes, passava junto à sala em que Margarida se encontrava a cantar. No meio de outras, ele conhecia-lhe a voz, inconfundível, que o mergulhava num silêncio feliz.

A memória da voz e o sorriso uniam-se, para desenhar-lhe o retrato da mulher ideal. Os seus olhos rasgados, cor-de-mel, entravam-lhe a direito no coração. Transformara-a num sonho, num talismã que transportava consigo, poderoso e erguendo-se contra a solidão e a banalidade dos dias. Sempre que revia o seu belo rosto, era como se estivesse a ver um quadro de Rossetti, onde as raparigas se assemelhavam a delicadas



flores de fogo, vestais modernas, rodeadas de lírios e rosas, olhos e silhuetas de ninfas, divinas, etéreas, fechadas no seu mistério. Intensamente pálidas e vibrantes de sensualidade. Sim, pensava o rapaz, ela tinha pequenos seios e ele evitava olhá-los para não se perder neles. O corpo estremecia-lhe.

### Margarida

Nessa manhã, Margarida levantara-se tarde. Tirou a camisa de noite leve que trazia e olhou-se ao espelho. Viu os seios, firmes, pequenos e redondos, um ventre liso e as pernas longas e magras. Preparava-se para ir para o banho. Pôs um CD do Nick Cave a tocar.

O seu corpo começou a dançar, era mais forte do que ela. O sol assim a entrar pela janela, o corpo refletindo-se no espelho, as pernas a ondular. Era bom começar o dia a dançar, enquanto o mundo lá fora continuava o seu curso. O corpo nu, apenas coberto pelo cabelo, que lhe caía pelos ombros. Era ela, a transformar-se em energia e leveza puras. Ela, sem tristeza, ela menina, como no tempo em que o pai lhe chamava “minha pequena Margot”.

A voz do pai chamou-a. Perguntou-lhe se estava acordada.

Correu a vestir o robe. Parou de dançar. O pai batia à porta.

— O que tencionas fazer? Passar o dia trancada no quarto a dançar?

— Como sabes? Agora espreitas-me pelo buraco da fechadura?

— Ora... nunca te libertaste dessa obsessão... e é bom que nunca o faças! — Respondeu-lhe o pai, pregando-lhe um beijo repenicado na face. — Anda comigo. Tens aulas?

— Bem, não. Ia ficar por aqui a ler... ou a preguiçar.

— Tenho um pintor que me quer mostrar os quadros. Sabes que não dispenso a minha menina. Dá-me sorte. Dás-me a tua opinião.

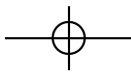
— Papi, mas eu não percebo nada de pintura....

— Não interessa. Tens essa sensibilidade. E vai lá estar o Aires, o crítico de arte.

— É novo? É bonito?

— Quem, o Aires?

— Não, claro que não, o pintor...



— Sim, deveres ter sido uma dessas raparigas do Rossetti, na outra reencarnação... — respondeu-lhe a rir. Não conseguia zangar-se com os atrevimentos da rapariga. Aliás, sabia que ela lhe dizia aquilo para lhe provocar ciúmes.

— Bem... ou uma bacante... ou a Isadora Duncan... Nunca se sabe. Sim, vou tomar um banho e pôr-me bonita para o teu pintor. Assim, ele baixa o preço e tu dás-me uma comissão.

— E depois pagas o que me deveres com a tua comissão. Pode ser?

— És um sovina. Faz-me umas torradas e um chazinho. Vá lá... não custa nada.

Ela desceu as escadas a correr. Trazia umas sapatilhas cor-de-laranja, que não combinavam com a roupa que trazia vestida. Quando reparou que a mãe, sentada numa cadeira, na mesa da cozinha, olhava fixamente para os seus pés, avançou lentamente.

— Filha...

— Não vale a pena, mamã. Já sei que não gostas. O pintor vai gostar, não vai, papi? Dá com artistas. Vais ver que ele aparece como os artistas gostam de andar. Cheio de piercings no nariz, de rabo-de-cavalo. E depois vamos ao cinema, não vamos? Tenho saudades de ir ao cinema contigo. De te ver a chorar às escondidas, nas partes gagas, românticas... E depois saís a mostrar que aguentas a vida, estóico, com ar de mecenas de fato assertado, que afinal é o que tu és.

— Estás a ficar uma cínica, querida. — Riu-se, não conseguia zangar-se com ela.

A mãe mergulhava o olhar no livro que estava a ler.

— O que é isso? Uau! Ainda impõem esse chato na faculdade? E percebes?... Eu... — ia começar a dizer, quando foi surpreendida pelo olhar reprovador da mãe, por cima dos óculos.

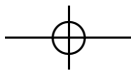
— Na tua idade, também não me dedicava a estas coisas. — Respondeu a mãe, com o seu ar sério. — É preciso uma certa maturidade. O domínio dos conceitos...

— E percebê-los... — acrescentou ela, enquanto o pai ria, pela provocação.

— E tu não devias estar a rir, pois no outro dia bem te vi a falar de Heidegger como se o tivesses bebido de berço...

— Eu esforço-me. — Acrescentou a rapariga. — E a mamã lê mesmo. Mas é tão discreta, nunca a vi...

O pai interrompeu-a, adivinhando o sentido das suas palavras:



— Um dia vais perceber, minha querida, que nada na vida é o que parece. A maior parte das pessoas faz parte desse universo de faz-de-conta. E se não alinhas, és criticada... imagina eu, a dizer num dos meus serões: “Heidegger, Levinas? Não, nunca os li... O quê? Pois, nunca li”. Vamos mas é trabalhar.

— Sim, à tarde tenho aulas de canto, quase me esquecia, e afinal não podemos ir ao cinema.

Quando o pai foi buscar o sobretudo, a rapariga estava à janela. Observava Florimundo, sentado num banco do jardim. A casa de Margarida ficava mesmo em frente. Toda a sua vida se havia organizado em torno daquele jardim, na sua existência exclusivamente urbana. Fora naquele jardim que uma brincadeira idiota a deixara lesionada e tivera de deixar o que mais amava na sua vida: dançar. Fora ali que sempre se habituara a ver a vida passar, os velhos à sombra da faia e aquele rapaz tão calado e sombrio com quem jamais falara. Para quê? Sabia que ele a olhava desde sempre, mas com toda a certeza nem sabia o que iria dizer-lhe. Sentia curiosidade, mas tinha receio. E se ele nunca a procurara era porque também não lhe interessava a sua pessoa. Andavam os dois no Conservatório, frequentavam os mesmos horários e, no entanto, ele jamais a procurara. Também raramente o via acompanhado. De resto, ela própria também gostava de andar sozinha. Irritavam-na aqueles bandos de raparigas barulhentas e ocas de cabeça. Demasiado ruidosas para o seu gosto.

Mas gostava de vê-lo, com as suas roupas puídas, o seu ar de menino mergulhado num mundo só dele, observador e atento, às vezes acompanhado da mãe, uma mulher bonita, embora apagada.

O pai apareceu por detrás dela.

— Também já reparei. Gostas dele, não gostas?

— Mas não saberia como aproximar-me. É tão calado, tão solitário. E parece uma pessoa tão bonita. E tu sabes que eu o conheço há muito.

— Sim, sei apenas que ele apareceu por aqui, um belo dia, já nós cá morávamos. Tinha para aí uns oito anos, a mãe estava meio-louca e o pai tinha acabado de morrer. Uma história triste. Trágica, mesmo. Aquele silêncio é tão fora do vulgar. Não é como o teu. É uma recusa da linguagem, da alegria... O teu é um silêncio feliz, cheio de alegria.

— Como soubeste essa história, papá? Por que nunca me contaste?

— Não sei, um certo pudor. A história soube-a um dia, no café. Quando ela entrou no café, com as empadas e um ar sonâmbulo de quem não dormia há muito tempo.

— Papá, há vidas tão pobres, tão vazias. Mas ele é um pequeno gênio. É compositor. Fala-se nisso, no Conservatório. Mostrou umas peças a um professor, que comentou com alguns alunos. Chegou-me aos ouvidos pelo Martinho, que é amigo dele. Mas também só vive para a música. Não sai, não se dá com ninguém... acreditas no amor platônico?

— Que raio de pergunta a tua!

— Não, a sério, não é nada dessas mentiras que ouvimos sobre o amor. Nem sequer tem a ver com uma atração animal, daquelas incontrolláveis... é uma sensação de pertença...

— Bolas, estás tão metafísica! O amor não existe, fixa isto que te digo. É uma projeção das nossas fraquezas... lembra-te do Narciso!

— És tão cético! Por que é que os velhos teimam sempre em tirar as ilusões aos jovens? Já reparaste como as ilusões embelezam o mundo?

O pai olhou-a muito sério. Ela tinha razão. O mundo sem ilusões era um nojo. Teve vontade de lhe dizer que ainda era pior do que ela imaginava. Mas recuou e respondeu, com o sorriso mais encantador e confiante que possuía:

— Louca, é para não te magoares. Quero poupar-te o momento em que essas ilusões caem. E é sempre tão cedo que não nos aguentamos, podes acreditar!

Por mais que quisesse não conseguia afastar a ideia que lhe ocupava o cérebro. A filha seria sempre a sua pequenina Margot.

## A voz

Finalmente chegou a Primavera. Era bom passear ao longo das avenidas, as pessoas tiravam os casacos que tinham usado durante o Inverno e que lhes davam um ar soturno, pesado.

Os dias tinham-se tornado mais longos e Florimundo aproveitava as férias da Páscoa para se dedicar à sua nova composição. Tinha desejo de se lhe dedicar por inteiro, sabendo-se agora mais preparado para escrever uma peça mais complexa, já longe das suas primeiras peças.

A saudade de Margarida doía-lhe. Habitara-se à sua presença, mas o que mais o fazia sofrer era a ausência da sua voz. Não tanto o sorriso, mas a voz, aquele narizinho a que ultimamente se habituara, fazendo diariamente um percurso necessário para a ouvir. Foi justamente a pensar na sua voz que começou a compor a sua peça.

Imaginando que ela seria cantada por ela. Uma voz feminina de soprano, como o centro.

A ideia musical impunha-se gradualmente ao espírito. Uma carícia daquela voz, tomada como o começo para o primeiro andamento, frase que se repetiria e desenvolveria, de forma mais complexa nos andamentos seguintes.

As férias da Páscoa passaram num ápice, pois o jovem despendia o tempo de que dispunha e entregava-se ao estudo e à composição do seu novo trabalho.

Lentamente abandonava-o a urgência que sentira na composição das peças musicais anteriores, impaciente por ver o modo como isso resultava. Essa impaciência, reconhecia-o agora, se bem que o exaltasse mais do que o trabalho metódico e continuado, era sua inimiga. Trabalhava de forma regular, indiferente ao desânimo, ao cansaço, às dúvidas e aos requebros de uma criatividade melancólica.

Sentia que a arquitetura era tão complexa que só avançava lentamente. Pedra a pedra, ou esculpindo toda a tensão, crescendo com o tempo. Já não o entusiasmavam tanto os arroubos da inspiração, que rapidamente apontava, mas de que desconfiava. Era importante voltar obsessivamente ao mesmo, limpar e deixar só o essencial.

Acima de tudo importava-lhe a qualidade, as características dramáticas da peça, já que elas deveriam apresentar-se na voz feminina. Sentiu que era necessário, alternadamente, a presença de dois instrumentos, o piano e o violino, para apresentar a sua ideia e dar-lhe essa subjetividade e a intimidade que era exigida. O piano seria o modo como tentaria exprimir a subjetividade, o violino introduziria a dialética musical, um diálogo com o piano e a própria voz humana, um intermédio que seria capaz de estabelecer a ligação. Expressando a tensão entre a voz e a música.

Quando retornou às aulas do Conservatório, passou a dedicar a sua atenção à capacidade expressiva da voz da rapariga. Jamais a ouvira cantar de outra forma que não fosse assim. Ouvira-lhe uma única vez a *Avé Maria* de Gounod e ficara emocionadíssimo. Mas já a tinha ouvido com repertório diferente, incluindo Messiaen e vários outros compositores contemporâneos, em particular Gorécky. Procurava aperceber-lhe e reter-lhe o timbre exato, para que pudesse introduzi-la na sua peça, numa procura de uma harmonia com os restantes instrumentos. Num controle e domínio perfeitos da sua voz, tal como tentava obtê-lo do violino e do piano.

Era capaz, ao fechar os olhos, de reproduzir mentalmente todos os traços do seu rosto, a linha fina dos lábios, a cor da pele e a suavidade dos olhos, sempre um pouco encovados, o que lhe dava um aspecto um pouco abatido e frágil.

Era demasiado magra, mas agradava-lhe a delicadeza do seu corpo, de gestos nervosos e rápidos. Gostava das suas pernas finas e altas e de a ver de saia curta. Ela vestia, muitas vezes, saias e vestidos longos e leves, que lhe acentuavam a delicadeza e a flexibilidade do tronco. Trazia sempre uma espécie de brisa nas mangas dos casacos e o frio refletido no rosto, de malares salientes. Quando fazia calor, como era de pele clara, a boca tornava-se-lhe muito vermelha e as faces coravam.

Bastava-lhe vê-la, saber que ela existia para ele e que, provavelmente, ela não lhe era indiferente. Claro que os colegas troçavam da situação e eram incapazes de perceber aquela relação platônica e um tanto obsessiva, com tantas miúdas por ali. Sobretudo, manifestavam o espanto pelo fato de ele se mostrar indiferente às outras, algumas delas bem curiosas e interessadas pelo seu talento. Em especial, Olga, essa morenita tão solícita, que só parecia esperar um gesto dele para se aproximar.

Era bem verdade que ele não saberia explicar porque ela o fazia estremecer e o coração parecia ficar apertado quando se cruzavam e se entreolhavam. Ninguém possuía sobre ele aquele poder, que considerava quase terrífico, sem tréguas. O amor, tal como o ódio, pareciam-lhe sentimentos assustadores, pois não os sabia controlar. Porém, ainda não tinha experimentado o ódio, apenas a raiva e a humilhação, em situações pontuais e que nunca se tinham prolongado.

A voz da rapariga confirmava-lhe a presença desse sentimento inalterável, que crescera ao longo desses anos. Jamais haviam conversado. Mesmo agora, ao abarcar a extensão da sua paixão por ela, não sabia se desejava falar-lhe ou procurá-la. Como qualquer apaixonado o faria, dizer-lhe o que sentia, envolver-lhe o corpo num abraço. Tudo isso lhe parecia assustador.

Sabia que a amaria enquanto ouvisse a sua magnífica voz, essa presença esmagadora de uma beleza desmedida, que lhe pousava no coração como a mais desejada carícia. Preferia olhá-la e observá-la de longe, numa aparente indiferença. Pensava, no entanto, que quando tivesse a sua composição pronta haveria de lhe pedir que a interpretasse. Esse seria o seu gesto de confissão amorosa.

Sabia que iria terminar o curso nesse mesmo ano. Era o último. Provavelmente iria fazer uma pós-graduação na área de composição,

mas fora do Conservatório. Ela também se encontrava no final de curso. Moravam perto um do outro, mas não sabia exatamente onde.

Na última semana de aulas reuniu todas as suas forças e esperou-a, à saída das aulas. Sentia-se um idiota chapado. Na verdade, era um completo nabo, do ponto de vista do relacionamento com as miúdas, tinha sempre enterrado o desejo sexual, amarfanhado essa parte da sua vida. Era já um homem e ali se encontrava, sem qualquer autoconfiança ou jeito para dizer fosse o que fosse.

Margarida saía no seu passo lento. Trazia uma saia leve e uma t-shirt azul. Vinha de rosto concentrado, mordendo o lábio inferior, de sobrolho franzido.

Florimundo viu-a avançar na sua direção e tremia. As pernas compridas, os seios pequenos a adivinhar-se por baixo da camisola. Tinha o cabelo preso num rabo-de-cavalo. A seu lado vinha um colega, muito concentrado no que lhe dizia e que ela parecia não ouvir, mergulhada no seu mundo.

Ele aproximou-se. Era agora ou nunca, pensou. Com o coração a bater desalmadamente, perguntou-lhe se poderia falar-lhe durante alguns minutos. Ela fez um sinal ao colega e ele disse que tinha de ir andando. Depois sorriu-lhe, enquanto esperava que ele tomasse uma decisão.

— Há um café aqui em frente, mas podemos ir a outro lugar. — Finalmente ganhou coragem e olhou-a diretamente nos olhos. Sentiu-a inquieta. Sabia que os seus olhos claros, entre o verde e o cinzento, faziam mocha nas raparigas, conforme a luz pousava neles.

— Bem, tenho tempo, podemos ir até ao jardim, se quiseres. — Ela tinha uma voz baixa e macia, falava quase em surdina.

Ele espantou-se como a sua voz podia atingir os agudos que ele lhe conhecia.

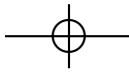
— Também não queria roubar-te tempo. — Ficou logo arrependido, mas já lhe havia saído a infeliz expressão.

Na verdade, o que ele desejaria era que o tempo acabasse para guardar aquela voz, o sorriso e a beleza de Margarida.

— Podemos começar por nos apresentarmos — propôs ela, ligeiramente divertida com a atrapalhão dele.

— Na verdade, há muito que sei o teu nome... Margarida, não é? — Apetecia-lhe perguntar qualquer coisa idiota a seguir como “nome de flor?” mas calou-se a tempo. — Ouvia as tuas amigas chamarem-te pelo nome. Cresci a ouvir o teu nome.

— É bonito o modo como o dizes... e o teu? — Ela sorria.



— Bem, no mínimo é estranho: Florimundo.

Ela riu com vontade. Os cabelos dela haviam-se soltado de lado, um cabelo liso, entre o castanho e o dourado. Tinha a boca comprida, lábios cheios, uns dentes perfeitos.

— De fato. Mas também já o conhecia. Também é nome de flor, como o meu... só que uma flor cósmica. “Flor do Mundo”. É um nome poético.

— Nunca tínhamos falado. Não achas estranho, durante todos estes anos?

— E, todavia, conhecíamos-nos bem, não é? Sei muitas coisas tuas... Mas não sou muito faladora.

— Ah sim? O quê, por exemplo? — Ele sentia-se atônito. Conhecia-a muito bem, mas não supunha que ela também o conhecesse.

— Que compões, por exemplo. Toda a gente o sabe.

— E eu sabia que tu cantavas.

— Por que é que decidiste só hoje vir falar comigo? Bem, eu também podia ter ido falar contigo, mas és tão reservado... — a pergunta dela era provocatória, ele sabia-o. Ela fora tão direta, que o deixara desarmado.

Os cabelos caíam-lhe sobre o rosto e ela passou a mão, longa e delicada, para os apanhar. O sol bateu-lhe de chofre nos olhos castanhos, que ganharam um tom acobreado, cor-de-mel. Ele arranjou um pretexto qualquer para se sentar. Apetecia-lhe dizer uma loucura qualquer, mas ficou hirto.

— Na verdade, é a música que me traz a ti. Gosto muito da tua voz e da tua expressividade. Não queria perder-te de vista. As aulas vão acabar e gostaria de ficar com o teu contato, para o futuro.

— Ah... meramente profissional? Percebo... — o tom dela era de desilusão. Uma sombra instalou-se no seu olhar.

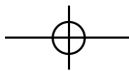
— Não, não penses isso... — pousara-lhe a mão no braço, sem querer. O contato da pele dela, pela primeira vez, deixava-o perturbado.

— É verdade que sempre te quis conhecer, mas não sabia como fazê-lo. Sempre tão recolhida no teu mundo. Eu também sou tímido. Se não se meterem comigo... — disse-o baixinho, como se este fosse o pior pecado do mundo.

Ela olhou-o de frente.

— Sempre esperei que ultrapassasses este silêncio. Sonhei muitas vezes com este encontro. Sabia que um dia haveria de acontecer.

O rapaz manteve-se calado. Estava comovido e embaraçado ao mesmo tempo.





— Mesmo agora, ao ouvir-te, sinto que trazes um mundo absolutamente desconhecido no olhar. — Retomou Margarida.

— Desconhecido?

— Novo... parece ser a expressão mais justa. Não saberia explicá-lo. O rapaz sentia-se compreendido. “Ela sabia”, apeteceu-lhe gritar.

No seu coração qualquer coisa parecia explodir, lágrimas por dentro, prestes a deflagrar, lágrimas de felicidade que o deixavam desamparado. Ela sabia-o, pensou ele.

A voz dela quebrou o encanto. Perguntou-lhe baixinho, como se tivesse medo de interromper algo:

— Vamos encontrar-nos mais vezes, agora?

— Nunca deixei de ver-te. Ou de ouvir-te. Para mim, é a mesma coisa. Todos os dias passava à porta da tua sala, para te ouvir.

— Algumas raparigas disseram-me isso. — Ela riu-se abertamente, consciente do efeito de desorientação que provocava nele.

— Meu Deus! E eu a imaginar-me discreto...

— Se ser discreto é estar todos os dias e à mesma hora no mesmo sítio!... — Ela voltou a rir e depois ficou subitamente séria.

— Não me respondeste.

— Como poderia deixar de te ver? Não me lembro de quando comecei a reparar em ti. Tu consegues lembrar-te?

Respondeu negativamente, abanando a cabeça.

— Mas agora diz-me lá o que vinhas conversar comigo. — O tom de voz dela era profundamente irônico.

— Na verdade, posso agora contar-te tudo. Estou a escrever uma peça para a tua voz. Acho-a perfeita.

— A minha voz... — repetiu a rapariga com um olhar sonâmbulo — não sabia que ela exercia este efeito.

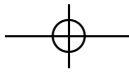
— Sim, pensada como um instrumento, um centro. Aliás, já a comecei.

— Nem acredito! Há quanto tempo andas a pensar nisso? A trabalhar nessa ideia? É tão obsessivo pensares em escrever algo para que eu cante. Para a minha voz. Já imaginaste a minha responsabilidade?

— Há quanto tempo trabalho nessa ideia? Na prática?

— De fato. — Respondeu ela, curiosa. Isso indicar-lhe-ia a medida do amor.

— Desde que a ouvi. A ideia pareceu-me irrecusável, sobretudo quando te ouvi cantar a *Avé Maria*. É uma ideia muito forte, não a musical, mas a outra. Tens o timbre que eu queria, a suavidade que eu procuro. Que é capaz de fazer romper...



Ela aguardou a resposta dele. Ele interrompera-se, procurando as palavras certas.

— A escuridão da música, compreendes? Na verdade, ela aparece-me como contraste para a música. Não consigo explicar a ideia com minúcia, preferiria mostrá-lo. Tem sobretudo a ver com as minhas ideias complicadas sobre a música e a sua essência. Ela não é clara... compreendes?

— Parece-me que cada um vê o que deseja ver. Isso é simples de entender. O que eu desejo na música é essa totalidade, a simplicidade ou a claridade. — O olhar dela perscrutou-o, para averiguar se ele tinha compreendido o que ela lhe dizia.

— Acho que não conseguirias perceber. É um abismo. Cada vez que desço, perco-me nele, como se fosse uma noite eterna. A tua voz é a luz que rompe essa escuridão...

— Estou perturbada com isso e curiosa para ouvir as tuas composições. Tu conheces a minha voz, mas eu não conheço nada teu. Estás em dívida para comigo.

— Claro. Estou desejoso que as ouças, mas, ao mesmo tempo, estou ansioso.

— Ansioso?! Toda a gente te gaba. Até os professores...

— Creio que nunca ouviram senão coisas insignificantes. Pequenos exercícios. — Depois teve receio de parecer pedante e emendou — bem... quero eu dizer que já sinto uma grande evolução, o que ando agora a compor já não tem nada a ver com aquelas brincadeiras. Sinto que começo a libertar-me das influências, a ganhar alguma autonomia, mas, na verdade, o risco parece ainda maior.

— A angústia do criador, hum... E tens a certeza de que queres fazer o que fazes? Eu não tenho a certeza de querer cantar. Também sou intérprete, o que é diferente. Por mais que varies, tens de cingir-te ao que está criado, quando interpretas. Ao compores, a coisa torna-se bem diferente. Inventas...

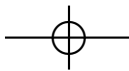
— Não sei se se inventa. É um mito, esse! Subverte-se, renova-se...

— Agora posso avaliar a qualidade, não é? — O tom dela era trocista, porém essa era a forma que encontrava para lhe aliviar a insegurança, fazendo-o rir.

— Não sei se te incomoda... — ia ele começar a dizer.

— O quê? Ver, ler as peças? Claro que não...

— Não, não era isso. Queria que compreendesses o que procuro fazer.



— Claro que não. Creio que nunca ninguém falou sobre música comigo. Verdadeiramente... O que pretendes fazer? Essa ideia de uma concepção musical *a priori*...

— Pode-se revelar algo que não desejes, — continuou ela — depois de o fazeres, mas é um caminho, não é? Encontro muita passividade nos músicos que conheço. A maioria deles quer apenas ser intérprete. No pior dos sentidos. Guardião da tradição. A criação e a originalidade são coisas terríveis, não são? É assustador, quando se pretende criar algo e afinal nos damos conta de que mais não fizemos senão perpetuar uma tradição...

— Tens razão, em certa medida. Todavia, há algo de inexplicável no criador que faz com que ele queira ir mais longe, superar-se a si próprio, em cada composição... é difícil explicar esta sensação.

— Sim, compreendo bem o que dizes. Carregar essa densidade material, o peso de tudo o que já foi feito, para trás. E deve ser terrivelmente angustiante... A composição surge numa idade mais avançada, não é?

— Não sei. Acho que a ideia da composição se vai desenvolvendo, mas há compositores muito jovens. Quem quer criar música, não devia senão preocupar-se com o que faz. Aliás, como qualquer poeta ou artista, se quiser ser levado a sério. Não interessa a idade porque isso não pode ser escolhido, na minha opinião. Responsabilizar-se por inteiro, adquirir o mais perfeito domínio e apuro, isso sim, escolhemos, mas, de certo modo, fazer tábua rasa do que se faz à sua volta ou não fazer à maneira de...

Pela primeira vez, encontrava alguém que se interessava por algo que era, para ele, de uma importância extrema. Mesmo os colegas dele como o Martinho, o mais interessado entre todos, não era capaz de levar por diante uma reflexão sobre aquilo. Interessava-lhe mais o domínio técnico e o virtuosismo, aquilo em que se sentia mais confiante. Era capaz de passar horas a falar sobre técnica pianística, mas não se interessava, como Margarida parecia interessar-se, pela questão da estética musical ou da criação, o que para ele era apaixonante.

— Na verdade, penso bastante sobre isso. A questão da ideia como origem a desenvolver, na obra, seja ela qual for, música ou outra qualquer. Não podemos encarar a criação de uma forma tão esvaziada, banal. Há mais qualquer coisa, sempre, que nos escapa...

— Acho que tens uma concepção romântica da arte. A arte como absoluto, como ideal, não?

Florimundo sorriu. Como se tivesse sido apanhado.

— Não acredito nela de outra forma. Embora ache importante o domínio técnico, o virtuosismo. Como poderia o músico evoluir e criar linguagens se não dominasse a escrita e a tradição, o que já foi feito, de todas as maneiras e feitios? Pensa em Wagner, em Schönberg. Todos eles se formaram no classicismo, nas formas tradicionais...

— E inauguraram novos gêneros...

— E destruíram-nos. Quando qualquer um deles criou a sua música, já a estava a destruí-los. É um verdadeiro mistério, irrepetível. Olha Wagner, por exemplo. Achas que seria possível formar uma escola de Wagner? Sim... epígonos há sempre. Mas escola?

— Acredito em ti, mas sou mais *moderna*. Acredito noutros fatores, na contaminação e na sujidade da criação. Essa noção de ideal dá-me arrepios. — Respondeu Margarida — Apenas te interessa a música? — O olhar dela tornou-se vagamente absorto. Ela desejava que ele fosse mais apaixonado, a beijasse. Sentia-se completamente envolvida por ele, pela sua força e pela sua paixão. Mas queria uma paixão mais física, menos etérea.

Era a primeira vez que conversavam e se encontravam e ele não parava de falar de música. Uma certa frustração tomava-a e desejava que ele a acariciasse, o seu corpo esperava-o. Florimundo era inexperiente, incapaz de tomar a iniciativa. Usava as palavras para se esconder e proteger do medo. A ideia de que ele poderia ser mais interessado na música do que nela própria assustava-a um pouco.

— Oh, claro que não. Sou voraz em relação a tudo.

— Que compuseste já? — Ela afundava o olhar nele, pondo-o à prova e seduzindo-o. Agarrou numa melena de cabelo que lhe caía pelo rosto e refez o rabo-de-cavalo. Ele pediu-lhe que deixasse o cabelo solto, gostava de olhar para ele assim.

Margarida via-o cair nas suas mãos, render-se-lhe. Ele agarrou-lhe na mão e levou-a aos lábios. O silêncio caiu sobre ambos e ele beijou-a pela primeira vez. Depois, foi como se o seu corpo, as suas mãos, a sua língua, soubessem o caminho a seguir.

Ele estava fascinado pela inteligência dela, pelo seu interesse, pela forma como se demorava nele. Desconhecia tudo sobre o seu modo de pensar, teria sido incapaz de lhe apreender a argúcia ou de adivinhá-la. Ela saltava com agilidade de um objeto a outro, brincava com os pensamentos, de uma forma leve e desprestenciosa, enquanto as suas mãos de dedos finos pareciam dançar, quando gesticulava.

Interrompeu-se, com aquela ideia estranha a impor-se-lhe no espírito. Ela sempre lhe parecera uma bailarina.

— Alguma vez tiveste aulas de dança? — Ela olhou-o. Talvez tivesse achado a pergunta despropositada.

— Engraçado... por que o perguntas? — Estava verdadeiramente surpreendida. Agradavelmente, pois ele tocara-lhe numa fibra sensível. — As tuas mãos, a tua leveza natural... A forma como te penteias, o corpo ágil e desembaraçado. A forma como colocas os pés, o teu andar. Tudo o indica.

— E não te enganas. Quando era muito pequena tive de deixar. Uma lesão grave. Não podia continuar. Foi o maior desgosto que tive em toda a minha vida. Lembro-me de ter passado dias a chorar, na cama. O meu pai não parava de me consolar. Chamava-me “Minha pequena Margot!”. Lembras-te dela, a Margot Fontaine? Era o meu ídolo. Cresci a vê-la dançar, naqueles filmes antigos. Aqueles grandes olhos negros, o rosto de pássaro... foi o meu maior desgosto.

— Ah, mas podes compensar essa perda com a tua voz.

— Não, não é a mesma coisa. Cantar só te permite voar em espírito. Dançar é o corpo inteiro, compreendes? Quando canto, sinto sempre que há algo que me prende à terra. Mas danço ainda, no meu quarto... aí liberto-me de tudo, do peso... transformo-me em matéria espiritualizada, não saberia explicar-te esta ideia... — ela sorria e o olhar sereno pousava-lhe sobre as mãos. — Estas mãos tornam-se asas, o mundo adquire contornos mágicos. Vou-te confessar algo de estranho. Quando tenho vontade de dançar e esse desejo se torna imperioso, não preciso sequer de música, parece que ela nasce em mim e me guia os passos, arrasta-me.

— Sim, o peso... na música e na composição, também podes alcançar isso como se reinventasses a linguagem. Uma linguagem imaterial, dentro das palavras que usas no dia-a-dia. Acho que te compreendo. Mas, repara, a voz, apesar de grave, instaura um mundo volátil...

Havia no olhar de Florimundo uma sombra. Sabia exatamente do que ela falava. Jamais alguém lhe havia falado desse peso ou dessa experiência íntima, vital. Conhecia esse peso desde sempre. Estar num lado e desejar estar noutro qualquer. Um sentimento vago de passar a vida inteira a por detrás de uma janela embaciada. Do outro lado da janela havia o mundo.

O sol recolhia-se. Um fulgor último, ainda. Ao longe, as muralhas do castelo davam um aspecto eterno à cidade. Tinham estado sempre juntos, sabia-o. Mesmo que o tempo os tivesse separado. Ele olhou-a, demoradamente. Para sempre, meu amor, apeteceu-lhe dizer, mas não ousou. Sabia que isso a iria assustar, a intensidade do seu amor.

Tinha os dias livres, inteiramente disponíveis para trabalhar e para desenvolver a sua criação. Margarida tinha saído de Portugal. Havia decidido ir até Paris, onde se encontrava a fazer um curso de canto, com um professor conhecido. No mínimo, seriam três meses sem a ver. Ela precisava dessa experiência, de sair do meio e conhecer novas coisas.

Em criança, tinha estado várias vezes em Paris, de passagem, em férias e com os pais. Agora, tencionava passar uma larga temporada, sem tempo medido, em crescimento e aperfeiçoamento do trabalho. Poderia conhecer pessoas que procuravam o mesmo e partilhar essas experiências. Ainda não sabia o que queria, exatamente, mas também não constituía preocupação, como filha única e um pai endinheirado.

Com alguma inveja, o rapaz deixara-a partir. Dizia-lhe que também desejava ir, mas não podia.

— Não podes por quê? — Perguntou-lhe, mas arrependeu-se imediatamente.

Não era preciso pensar muito para perceber a razão.

— Desculpa, claro que não quero intrometer-me na tua privacidade.

Ele sabia que ela não tinha dito por mal. Mas voltava-lhe aquela amargura antiga, que sentia sempre que via os outros com mais possibilidades do que ele. Não era diretamente contra ela, mas era um sentimento de revolta calada e antiga que ainda lhe fazia doer.

— Tenho de ficar, procurar um emprego... a minha mãe. — Não continuou, pois ela fez um sinal de assentimento e pousou-lhe a palma da mão sob os lábios, em jeito de desculpa.

— Prometo que escrevo todos os dias e te conto tudo... podemos falar por Skype, em princípio vou ficar alojada num quarto, sozinha, no Quartier Latin.

Ele fez uma careta.

— Hummm... todos os dias? Não fazíamos mais nada. — Sorriu-lhe, com o rosto franco e já desanuviado. A impressão repentina tinha-se desvanecido. — Promete-me só que te lembras de mim, de vez em quando.

— Fazes parte de mim. É uma certeza estranha. Sabes, como irmãos ou amigos antigos... há tantos anos que te conheço.

— Eras capaz de deixar de me amar? — Perguntou-lhe a medo. Para ele, essa certeza era inquestionável, jamais a pusera em causa.

— Ora, que raio de pergunta!... Mudemos de assunto.

Mais pragmática que ele, aqueles arroubos românticos pareciam-lhe excessivos.

Ele foi acompanhá-la ao aeroporto. Vinha vazio quando regressou.

A princípio, parecera-lhe uma infinidade de tempo, mas o certo é que a sua ausência lhe permitia dispor do tempo sem entraves. Escrevia-lhe muito, todos os dias, longos emails onde se desnudava inteiramente, como jamais o ousara. Ela permanecia mais reservada, mais silenciosa. Mesmo através dos emails sentia uma Margarida serena e um pouco distante.

Porém contava-lhe tudo o que a entusiasmava, as novas experiências, as idas ao Louvre, ao Pompidou, ao Palais de Tokyo, ao Museu de Orsay, as longas manhãs que aí passava. Devido ao pai ser negociante de arte, Margarida tinha um conhecimento de arte e de pintura que o intimidavam. Um gosto requintado que o influenciava. Dizia-lhe que desejava que ele estivesse perto dela, como o sentia. Então, mostrar-lhe-ia tudo o que ele ainda não havia visto ao perto. Mandou-lhe obras e catálogos sobre Egon Schiele. Sabia o quanto ele gostava desses desenhos e pinturas. Em Paris, dizia-lhe, e ele sonhava com isso, havia as ruas, tudo por ver. Tudo o que lhe vinha de Margarida parecia-lhe precioso, porque trazia o seu perfume, a sua aura. Cheirava os livros, na ânsia de descortinar o perfume que ela usara, no instante em que lhe enviara o livro de forma algo obsessiva.

As aulas de canto deixavam-lhe as manhãs e, mesmo, dias inteiramente livres, o que ela, na sua ânsia de estrangeira, aproveitava inteiramente. Nem que fosse o correr por Saint-Germain, errando pelas ruelas bonitas e cheias de vida, de pequenas galerias e pelas livrarias, onde estava horas e saía, depois, carregada de livros. Depois sentava-se num café a ler.

O que mais amava em Margarida e que a ausência lhe permitia descobrir em toda a sua riqueza, era, além dessa capacidade poética, a sua criatividade intensa, um fluxo que, às vezes, se tornava delirante e o deliciava. Face ao seu espírito, de um rigor quase científico, as audácias do seu temperamento e da sua imaginação surpreendiam-no. Como naquela manhã, em que, deambulando pela sala de escultura grega, sentira que as estátuas se moviam à sua passagem. Os pequenos Apolos de Praxíteles, sorriam-lhe e moviam-se imperceptivelmente. Mas o suficiente, garantia-lhe ela, para que lhes topasse o movimento.

Essa história encantara-o. Tal como aquela em que Margarida chorara diante das estátuas de Rodin. Dizia-lhe que vira a verdade nessas estátuas, como o *Segredo*, ou na série das mãos, a *Mão de Deus* e a *mão do Diabo*. Não imaginava o que fosse ver a verdade, da forma como ela o contara, mas soube que tinha sido uma experiência impressionante para ela.

Uma semana mais tarde chegara-lhe um catálogo de Rodin, com as mãos. O rapaz abriu o livro. Diante dele estavam as mãos, numa fotografia a preto e branco, que tornava ainda mais belas as esculturas. Um arrepio de horror percorreu-o ao olhar para o homem enrolado sobre si próprio, fechado na *mão do Diabo*. A figura perturbou-o de tal forma que acabou por fechar o livro e guardá-lo longe da sua vista.

Havia uma diferença enorme entre ambos. Margarida vivia uma situação confortável, que lhe permitia, não apenas estudar, como também viver despreocupada, relativamente a um futuro próximo. Negociante de arte, o pai era um mecenas conhecido no meio. E, embora o soubesse, o rapaz não queria aproximar-se da família por pudor. Temia que o interpretassem erradamente. Por isso, mantinha uma postura discreta e recusava delicadamente os convites de Margarida.

Florimundo tinha concorrido ao ensino, num colégio particular.

Preocupava-o, por outro lado, conciliar esse horário com o da universidade, onde faria uma pós-graduação em composição musical. Chegara a sonhar com essa pós-graduação em Inglaterra ou na Alemanha, na Áustria, mas depressa percebeu que isso seria insustentável. Mesmo que tivesse bolsas, o dinheiro não seria suficiente para viver. Desistira rapidamente do intento. Além disso, custava-lhe muito deixar a mãe só.

Temia, por outro lado, que os dois horários entrassem em conflito e que tivesse de deixar as aulas, para poder prosseguir com o curso. Agora, com as aulas terminadas, o Verão parecia-lhe um paraíso. Sabia o que queria fazer, mas precisava de muito tempo, para se dedicar totalmente à obra.

Avançava lentamente, menos pelo perfeccionismo do que pela inexperience. Às vezes, parecia-lhe que a ideia se dispersava e receava perdê-la de uma vez. O segredo estava na relação equilibrada entre o todo e as partes. Nada ali estava ao acaso, mas toda a linguagem devia obedecer à simplicidade e a uma unidade que lhe conferissem a arquitetura sólida. Por vezes, parecia perder-se num exercício matemático e puramente estilístico. Voltava atrás, apagava o que estava a mais e recomeçava tudo de novo.

Os dias estavam invulgarmente quentes. O rapaz deixava a janela do quarto aberta, por onde entrava o vento fraco e os ruídos do exterior, que o irritavam e lhe impediam a concentração. Juntamente com o calor e a luz excessiva. Para fugir a essa dispersão, passou a trabalhar de noite. Jantava, bebia um café forte, fechava-se no quarto e trabalhava até ao raiar do dia. Muitas vezes apenas interrompia quando o sol começava



a nascer e pequenos farrapos de luz lhe entravam pelo quarto adentro, anunciando a manhã.

Tinha uma ideia mais ou menos clara, ainda não conduzida ao pormenor, sobre a linguagem que gostaria de inscrever no panorama contemporâneo, dominado pelo minimalismo. Sentia que o animismo e a vitalidade da música estavam intimamente relacionados com o universo interior e com os obscuros desígnios da criação. Era preciso mergulhar nesse universo para alcançar não sabia bem o quê, mas que pressentia.

Sabia que era impossível criar da mesma maneira que um artesão, construindo lentamente, recortando, juntando peça a peça, somando. Havia um universo preexistente, uma intuição que se antecipava e que era simultaneamente aniquiladora e geradora.

Uma dimensão profundamente trágica escondia-se por detrás desse labor, tão aparentemente artesanal, que colocava inteiramente ao serviço dessa inspiração escura e insidiosa, a qual o assaltava como se fosse uma doença da alma. Tão depressa estava na mais desertificada zona, ouvindo música e lendo, procurando reencontrar o filão que o alimentava, como era assaltado, sobretudo durante a noite, pelo furor criador. Era nessa altura que se atirava ao trabalho por inteiro, imergindo num espaço e num tempo sem horas nem exterioridade.

Começou a compor estritamente de noite, dormindo durante o dia e impondo-se estranhos hábitos que não tivera antes. Não podia distrair-se nem estar refém de pequenas distrações. Na verdade, a obra convertia-se na referência temporal e espacial, de onde tudo partia, obedecendo apenas ao ritmo de trabalho que lhe era ditado.

Por vezes, Clara batia à porta, antes de se ir deitar, acariciava-o, como sempre o fizera, de modo terno.

Trazia-lhe bolachas e leite quente. Olhava para as partituras e lia-as durante algum tempo, procurando perceber o que se lhe tornava cada vez mais estranho e que a afastava do Florimundo que ela conhecera. Ela havia-o acompanhado ao longo da sua evolução, por vezes sugerindo mesmo pequenas alterações, mas aquela linguagem parecia-lhe incompreensível. Todavia, receava desencorajá-lo, vendo-o trabalhar tão arduamente. Começou a pensar que não seria suficientemente inteligente para compreender os novos caminhos que ele abria diante de si.

Acreditava que o filho seria um grande compositor, mesmo que não compreendesse a sua música. Tinha alguns conhecimentos de música, pelo menos os suficientes para compreender que muitos compositores jamais haviam sido entendidos, alguns nem sequer interpretados em vida. Aliás, como acontecia em geral com os grandes artistas, escritores,

poetas. Os gênios. A ideia de que tinha dificuldade em compreendê-lo, algo que a princípio a assustara, confirmou-se cada vez mais como uma certeza do seu valor.

Antes de sair do quarto, naquela noite, Clara deteve-se, à porta, a olhá-lo. Havia um pedaço dele que lhe escapava. A reserva tornara-o distante. Algo que o afastava do mundo real. Tal como havia acontecido, pouco a pouco, com o pai.

A sua intuição captava o novo traço do seu caráter, o que, de certo modo, a trazia ainda mais apreensiva. Uma melancolia indefinível, como em Gabriel, que se acentuara com os anos. Uma devoção inteira ao mundo da arte. Sabia e conhecia na pele os devastadores efeitos daquela procura insaciável.

Aliás, nada era normal, em Florimundo. Nem a maturidade nem a inteligência. Não raras vezes, um arrepio de assombro, percorria-a. Havia algo que ultrapassava a sua compreensão. Ouvira falar de certas crianças que possuem extraordinários poderes. O coração dizia-lhe que havia algo em Florimundo, um dom, mas que ela não conhecia.

Apenas isso, pensava ela, para se convencer a si própria.

Clara olhou-se ao espelho. Deu um jeito ao vestido, já bastante usado. Aquele vestido dera-lhe o marido, no tempo em que viviam folgadoamente. Desde aí, ela emagrecera um bom bocado. Nunca mais recuperara. Era uma bonita mulher. Florimundo herdara-lhe os olhos claros e tranquilos.

Gabriel mergulhara neles havia 30 anos. Ela deixara que ele se perdesse no seu olhar. Mais nenhum homem mergulhara assim no seu olhar, no seu corpo. Trazia os ombros caídos, devido à magreza. Os braços demasiado finos. Mas as pernas mantinham-se bem torneadas, a pele clara e bonita. Não se pintava, não usava jóias. Desfizera-se de tudo o que tinha, coisas de valor que Gabriel lhe havia oferecido. Sabia que jamais voltaria a usá-las. Quando teve de pagar as lições de Florimundo, foi-se finalmente o colar de pérolas, herdado da avó. Depois, além do emprego numa loja de artigos de decoração, tivera de jogar mãos a tudo, fazer bolos para fora, rissóis e tudo o que lhe era encomendado. Tinha a facilidade de cozinhar bem, pelo que nunca lhe faltava trabalho. Chegava a casa já cansada, preparava o jantar e punha-se, incansável, a fazer as coisas para o dia seguinte. Muitas vezes, ficava até de madrugada, com um olhar sonâmbulo, meio perdida no seu cansaço antigo. A vida nunca mais fora igual.

Ficara só com o filho depois da morte de Gabriel. Fizera desse filho a sua única razão de viver. Dera-lhe tudo. Só não conseguira dar-lhe a

alegria de viver, não soubera transmiti-la. Em seu lugar, oferecera-lhe a solidão. Uma capacidade de trabalho e uma dedicação exemplares. Sabia que, em parte, o isolamento do rapaz se devia à sua própria incapacidade de estabelecer relações sociais e à sua tristeza, desde a morte do pai, deixando-o desamparado. Mas também o sabia capaz de grandes tarefas.

De um dia para o outro ela perdera a sua alegria. Aprendera que ela não lhe servia para nada. Não a ensinara a sobreviver nem a superar os dramas da sua existência pessoal.

Clara lembrava-se, com alguma nostalgia, parecendo-lhe que nada daquilo parecia ter-lhe sucedido, como gostava de sair e dançar, como apreciava a companhia ruidosa e barulhenta das amigas, a conversa de Gabriel. Clara havia sido, para grande divertimento seu, uma sedutora incorrigível. Com a sua beleza pusera montes de rapazes com o coração em sobressalto, para depois lhes responder, com um sorriso irrepreensível, que não estava interessada.

Gabriel fora o único homem a vergá-la. Para começar, jamais se mostrara interessado, colecionando amigas e mulheres bonitas. Para Clara, todas essas circunstâncias mais não faziam do que espicaçar-lhe a curiosidade. Gabriel era alto, bem-feito, com um olhar melancólico. Quando se apaixonaram, foi uma história fulminante. Clara tinha 20 anos, Gabriel 28. Nada havia a fazer. Por mais que os seus pais lhe dissessem que ele era muito mais velho que ela, Clara estava-se nas tintas. Com arrogância, saiu porta fora, para casar com aquele que dizia ser o homem da sua vida.

Gabriel fizera um percurso brilhante no liceu, entrara na Faculdade, mas resolveu dar o salto e, com o primeiro ano da faculdade mal acabado, viajou até Paris. Ainda pensou em estudar na Sorbonne, mas o dinheiro mal dava para comer. Decidiu-se a levar uma vida errante que lhe permitia ir vivendo sem problemas, trabalhando em cafés, hotéis, lendo tudo o que apanhava pela frente, fazendo uma formação autodidata, que lhe abria o espírito como um vento frio.

O rosto triste, de olhos negros e barba a condizer, o corpo alto, esguio, os traços de uma beleza mediterrânica, faziam as delícias das francesas. Dois dedos de conversa, uma garrafa de vinho e alguma poesia, num francês ainda fraco, mas que foi aperfeiçoando rapidamente, eram os ingredientes necessários para que as belas caíssem nos seus braços. Uma boa vida. Que mais poderia desejar? A miséria cultural em que se vivia, os limites estreitos dentro dos quais se movia a intelectualidade portuguesa, tudo isso o afastava.

Quando a vida de Paris se tornara monótona, foi para Londres. Vivera num quarto, na casa de um amigo da família, português, e que trabalhava na embaixada de Portugal. Como ele se tratava bem, de certa forma Gabriel também gozava de um estatuto privilegiado. Trabalhou durante algum tempo, num escritório, um emprego conseguido por esse amigo, o que lhe permitiu frequentar aulas de literatura inglesa.

Aos fins-de-semana, saía cedo, atravessava a névoa de Londres e enfiava-se na National Gallery, a Tate, passeava pelos jardins de Londres, quando o tempo o permitia e aos fins-de-semana. Como qualquer autodidata, era um eclético, deixava-se fascinar pela a informalidade de Bram Van Velde, como as piscinas de David Hockney ou a ascese em Rotkho; demorava-se diante da desmedida beleza de Caravaggio, do luminoso Tiepolo, onde o infinito se lhe apresentava sob a forma de céus azuis, repletos de anjos, das penumbras de Rembrandt. Mas o que mais gostava era de arte antiga, as estátuas babilônicas, egípcias e os deuses de um mundo bárbaro e estranho, meio-animais, com cabeças bizarras.

Em Londres leu Henry James, Chesterton, Coleridge, Swedenborg. Foi sensível ao mundo tátil e cotidiano de Larkin mas isso fazia-lhe ressaltar mais a feerie em Walter de La Mare. Mais do que nunca, amou os anjos, os ícones de um mundo que esmaecia, tão brilhante e tão próximo da sua sensibilidade poética. Descobriu Conrad, Thomas de Quincey e resolveu, ingenuamente, tornar-se escritor. Descobriu o poder imenso das alegorias e obsessões de William Blake, de Rossetti, tal como já havia amado Moreau em Paris. Um estranho fascínio por mulheres de rosto frio e ausente, pálidas como figuras de cera. Dir-se-iam fantasmas, errando por jardins de irrespirável beleza. Amava tudo que tendia a desaparecer, esses seres de passagem.

Quando começou a escrever, as suas histórias eram delirantes e desconexas, onde nada parecia fazer sentido e as peças precisassem de encaixar. Uma espécie de mistura desorganizada do saber apressado e avulso que tinha. Pouco a pouco, a arquitetura frágil começou a dar lugar a uma estrutura mais minuciosa, onde as peças se ajustavam e os personagens se tornavam vivos sob a sua caneta, ameaçadores e radicalmente estranhos.

O frio londrino, as livrarias e as ruas de uma magia poderosa, a igreja de St Martin-in-the-Fields, onde ouvia belos concertos, ao final da tarde, com o seu órgão fabuloso e acústica impressionante, emocionavam-no profundamente, levando-o a uma solidão ainda mais acerada, pois não tinha com quem partilhar as suas experiência. Aqueles que trabalha-

vam consigo e com quem passava os seus dias não tinham interesse. Gostavam mais de ver o Manchester a jogar.

Por fim conheceu Michael e Paul, dois colegas de literatura. Que eram também leitores vorazes e com quem podia conversar horas a fio no pub mais perto da faculdade. Paul também queria ser escritor, pelo que a proximidade entre ambos não tardou a acontecer.

Paul ensinou-o a amar aquela Londres que se pressentia mais como um lugar da alma do que um lugar físico. Com ele, percorrera uma Londres desconhecida, de zonas industriais que ainda traziam a marca da miséria dickensiana. Já não tão pobre, mas a fazer lembrar a pobreza de Dickens, uma Londres bem distante de Charing Cross ou da fina Regent Street, de todas as zonas chiques. Conversavam durante longas horas, à beira do Tamisa.

Com Gabriel, Paul conheceu a poesia de Pessoa e de Camilo Pessanha, de Cesário Verde, a cartografia diversa da melancolia portuguesa. Liam-se mutuamente. Embora a orientação de Paul fosse inteiramente diferente.

Paul queria escrever o mundo tal como ele era, num retrato sóbrio sem qualquer maquilhagem: o lixo dos caixotes, o olhar cansado dos transeuntes, as emoções despojadas, a ausência de metafísica. Encontrava na poesia contemporânea americana a sua grande inspiração e não apreciava particularmente o que Gabriel fazia, apesar de o achar extremamente talentoso e brilhante.

Um dia, chegou um telefonema de Paul. Gabriel sentou-se e chorou. Paul ia partir para os Estados Unidos, onde tencionava continuar a estudar e escrever. Gabriel não podia acompanhá-lo e soube, então, que nunca mais o veria. Habitua-se a considerá-lo como um irmão. De certa forma, haviam crescido juntos naqueles anos. Poderiam escrever-se, mas o afastamento daquele que era como um irmão doía-lhe profundamente.

Muitos anos mais tarde, Paul tornar-se-ia um escritor bem conhecido. Algo que Gabriel sabia que aconteceria. De Michael, todavia, nunca mais ouvira falar. Paul dissera-lhe que ele casara e fora viver para África. “Por que África?”, perguntara na altura a Paul. Mas ele fora lacónico na resposta: “Talvez por aventura. It’s funny!”

Passados dois anos, a morte do pai surpreendeu-o. Recebeu um telegrama da tia. Recebeu-o, com as mãos trémulas. Sentou-se na cama e abriu-o. Ficou meio aparvalhado. Era assim que o destino se cumpria e lhe dizia que estava na hora do regresso. Meteu-se no avião para Portugal.

Após meia-dúzia de anos, vividos em grande turbulência e riqueza intelectuais, ébrio de pintura e de literatura, de cultura inglesa e francesa, eis Gabriel regressado à pacatez do seu país, mais atônito do que nunca.

A família de Gabriel, endinheirada, vinha da burguesia industrial do Norte. Viviam no Porto, onde tinham uma casa numa das artérias mais movimentadas. Desde pequeno, fora habituado à convivência social. Dado aos prazeres da vida, o seu pai tinha estourado o dinheiro à família, com o jogo e as mulheres.

Com a sua morte, Gabriel descobrira que a situação econômica não era favorável, agora. Havia muitos anos que a mãe vivia uma situação de comodismo. Não mantinha praticamente relações com o marido, fazendo a sua vida independente. Continuava a cultivar as suas relações sociais, indiferente ao incômodo que a sua situação lhe podia provocar. Pelos filhos, submetera-se à situação, virando-se para a sua educação, já que do lado paterno eles não podiam contar com auxílio ou orientação.

Por fim, aquela dissipação tivera o esperado desfecho: A ruína da família e o desamparo da mãe. Gabriel sabia vagamente da situação, mas o fato de se ter afastado da família fazia com que desconhecesse os pormenores de que a mesma se revestia. Ele era o mais jovem dos filhos. Via-se a braços com uma situação ingrata. Enquanto os outros já se tinham formado e tinham a sua vida independente, já casados e com filhos, com bons empregos, Gabriel não tinha profissão a que se agarrasse, nem sequer tinha acabado o curso e era obrigado a desvenenhar-se. Pela primeira vez, o jovem sentia-se responsável pela sua vida.

Enterrado o pai, pelo qual sentia apenas uma espécie de piedade que nada tinha a ver com amor, passaram à resolução de problemas práticos. A casa do Porto tivera de ser vendida, bem como as propriedades, para pagar as dívidas contraídas. A mãe, agora só, mas talvez mais feliz, iria viver para casa da irmã mais velha.

Gabriel tinha de procurar rapidamente um meio de subsistência. Pensou em voltar a Paris, onde tinha uma vida leve e era mais fácil voltar, mas isso parecia-lhe já um sonho distante. Chegou a Lisboa, onde já vivera, no tempo em que andara a estudar. Um tio tinha aí uma empresa ligada a exportações, onde poderia trabalhar.

Começara por viver na casa do tio, mas o pudor levava-o a procurar casa, já que o emprego era muito bem pago. Encontrara uma casa fantástica na Rua da Misericórdia, junto ao Bairro Alto, por um preço módico e compatível com o ordenado. Não era propriamente o melhor dos sítios para viver, de acordo com o gosto burguês vigente, mas o rapaz habituara-se à vida boêmia de Paris. O lugar parecia-lhe ótimo. Em

combinação com a senhoria, ficou estabelecido que ela faria a limpeza, umas duas vezes por semana. Como almoçava sempre fora, perto do emprego, só lhe era necessário cozinhar à noite.

À noite, juntava-se à fauna estranha, que errava por ali, uma mistura boêmia de prostitutas, alcoólicos, artistas, escritores e drogados. Mas o sabor da vida parisiense e londrina parecia-lhe muito superior. Conhecera boêmios interessantes e cultos, poetas malditos, talentosos artistas portugueses, pintores e escritores, que se encontravam exilados, ao passo que os boêmios que conhecia agora lhe pareciam menos interessantes e mais provincianos. Liam pouco, interessavam-se pouco ou quase nada por cultura. Era quase e apenas uma irmandade alcoólica. Não encontrava quem lhe substituísse a intensidade da companhia de Paul e de Michael e acabou por desiludir-se rapidamente, por tanta sensaboria, fechando-se em casa aos fins-de-semana, onde passava os dias a ler e a ouvir música.

O cinema que havia era absolutamente desinteressante, o teatro, à comparação com o teatro de Paris e de Londres, não o satisfazia. Na verdade, notava ele, apesar do seu provincianismo, a vida no estrangeiro, durante aqueles anos, moldara-o e obrigara-o a crescer.

Numa manhã de sábado, ele estava sentado diante do seu café, a escrever. Um bando de raparigas, bonitas e bem-vestidas, invadiu o café. Clara estava entre elas. Uma beleza. Habitado à beleza feminina e sabendo que não deve olhar-se com insistência, pois elas se convencem imediatamente do seu poder irredutível sobre os homens, observou-a de soslaio. Ela pousou imediatamente o seu olhar irresistível e doce sobre ele. Achou-o bonito. Fora do vulgar, com um ar de poeta romântico. Apesar da atração, ele desviou o olhar e mergulhou-o no jornal, numa indiferença estudada. Sempre que ela não estava a olhar ou estava de lado, ele aproveitava para lhe estudar a pose, a curva delicada do pescoço, os seios e as pernas elegantes. Tinha uma boca maravilhosa, rosada e sinuosa, nem grande nem pequena, insinuante, entreaberta e que deixava ver os dentes.

Gabriel não fez qualquer esforço para se aproximar. O tempo resolveria essa aproximação. Havia no grupo raparigas que pareciam interessadas nele. E mais atrevidas que Clara. Esta era mais do gênero de fazer vergar um homem à sua vontade. Se mostrasse o seu interesse por ela, sabia que rapidamente seria rejeitado. Ela estudava-o com interesse. Sabia-o. Ele trazia propositadamente livros que sabia que ela observava com o seu ar displicente. Esperava o dia em que ela se aproximasse

dele, mostrando-se, pelo menos, interessada nos livros. Ora, isso não acontecia.

Pelo contrário, foi a atrevida Lina quem se aproximou. Clara bem via que Lina não tirava os olhos de cima de Gabriel. Ficava toda excitada, quando ele estava por perto. Punha-se a falar alto, procurando chamar-lhe a atenção, ria-se de tal maneira que se tornava irritante. Claro que Gabriel notara essa alteração, embora se mantivesse impassível. Não lhe apetecia nada conhecer aquela rapariga, demasiado infantil, faladora e risonha para o seu gosto. Gostava de mulheres discretas e silenciosas. Mas percebeu que Lina seria o caminho até Clara.

Alguns dias após o primeiro encontro, estava Lina a espiá-lo pelo canto do olho, descrevendo as peripécias da soirée anterior, quando ele lhe devolveu o olhar, de modo firme e afável. A partir desse momento, Lina não mais o largou. Ao passar por ele, a caminho da casa-de-banho, arranjou forma de o tocar. Ele sorriu, enquanto ela lhe pedia desculpa, demasiado solícita. Gabriel não achava Lina bonita nem feia. Olhos negros e grandes, baixa, bem-feita, de corpo roliço e firme. Um cabelo bonito, longo e encaracolado, escuro.

Ao passar por ele, deixara um odor sensual. Perturbador, mesmo. Sentiu-se inquieto. Havia bastante tempo que não tocava numa mulher. Lina excitara-o. E a outra não lhe ligava nenhuma. Resolveu tirar o melhor partido, mas manter uma distância que não deitasse tudo a perder.

Quando ela voltou, ele tocou-lhe e agarrou-a pela mão, perguntando-lhe se não queriam juntar-se a ele. Ou vice-versa. Meio envergonhada, Lina olhou, com um ar suplicante, para o resto das raparigas. Elas fizeram-lhe sinal para que ele se lhes juntasse. Nesse instante, Clara sentiu-se desiludida com ele. Primeiro, porque ostentara a sua fragilidade perante as mulheres, segundo, porque se sentira traída pela sua atenção para com Lina.

Clara achava-a vulgar e pouco inteligente, embora ela fosse a sua melhor amiga. Confiava inteiramente na rapariga e sabia-a generosa. Mas desagradava-lhe a forma como se atirava aos rapazes, a estratégia de sedução que usava, demasiado óbvia. Mas sempre com resultados visíveis. Lina era daquelas mulheres que sabia que, para agradar aos homens, não era preciso muito. A inteligência assustava-os. Eles gostavam de dominar as raparigas, de ser adulados por elas, o que ela cumpria na perfeição. Gabriel também caía nas armadilhas de Lina. Isso irritava Clara. Embora Lina lhe dissesse amiúde que, se ela não tinha namorado, era justamente por se fazer difícil e cara.



A partir desse dia, Gabriel passou a estar presente na mesa das raparigas. Contou a sua história, em poucas palavras, exibia o seu charme, a sua inteligência com um despudor que irritava Clara. Mas não podia deixar de admitir que ele a atraía de uma forma animal. Sobretudo quando fixava nela aqueles olhos melancólicos e escuros e lhe sorria. Falava-lhe numa voz terna.

Das raparigas, a mais interessada no que ele escrevia era Clara. Olhava-o com aquela admiração genuína, perguntando-lhe sempre o que ele andava a ler, interessando-se vivamente pelas histórias dele, que lhe abriam um horizonte inteiramente desconhecido. Jamais ouvira falar dos autores de que ele lhe falava. Levada pelo timbre sensual da sua voz, pelo entusiasmo e dedicação que ele dedicava à literatura, pela seriedade com que se entregava à tarefa diária e disciplinada, pela facilidade e colorido da sua escrita, Clara podia ficar horas a ouvi-lo, sem, no entanto, deixar transparecer os seus sentimentos. Temia que ele se cansasse dela, por isso fazia o possível por não se deixar arrastar para situações da qual sairia magoada.

A ele, essa indiferença estudada parecia-lhe estranha, começando a pensar que, de fato, ela não o desejava, o que o deixava angustiado. Procurava impressioná-la de todas as formas possíveis e ela devolvia-lhe a sua frieza mansa, com a qual se tornava difícil de conviver, à medida que o tempo passava.

Um dia, ele levou-a casa. Sentiu que ela se retraía, diante dele, o que indiciava medo de si própria. Percebeu finalmente que a sua frieza não passava de uma defesa perante os seus próprios sentimentos. Ela tinha terror de dizer algo que a denunciasse, de olhá-lo de forma que se revelasse suspeita. Ele achava que estava na hora de acabar com o jogo das escondidas.

Passaram pelo jardim e as mãos tocaram-se. Ela sacudiu a mão, como se tivesse sido picada por um inseto. Ele agarrou-lhe subitamente os dedos, puxando-a para si, mas sem a forçar. Sentiu que ela desejava a aproximação.

— Gostava de fazer amor contigo. — Disse-lhe sem rodeios. — Tinha a certeza de que ela gostava dele. E sabia que aquela abordagem haveria de a surpreender, elogiando-a ao mesmo tempo. Sentia que a clássica fórmula, de começar por qualquer coisa como “amo-te” não seria bem acolhida.

Ela sorriu, tímida. Nunca tinha sido abordada daquela forma. Mas na boca de Gabriel, aquelas palavras tinham uma beleza especial. Era a pura expressão do seu desejo, sem qualquer subterfúgio ou segundas

intenções. E não o comprometia, deixava-o livre, revelava-o como um animal inquieto, que não queria qualquer espécie de compromisso. Pensou que se as mesmas palavras tivessem sido ditas por qualquer outro homem, lhe teriam parecido ofensivas. Na boca de Gabriel, elas desenhavam a mais plena liberdade do amor. Beijou-o apaixonadamente, em resposta, sem esperar que fosse ele a tomar a iniciativa.

Horas mais tarde, as costas macias de Clara permaneciam entre a luz da madrugada e o branco dos lençóis. Gabriel olhava-a, adormecida. Tinha a pele muito clara, os olhos fechados e o rosto quase infantil, mergulhado num sonho que lhe fugia. Queria continuar a acariciar-lhe a pele, onde se viam alguns pelos louros e finos, mas receava acordá-la, retirando-a do seu encantamento. O cabelo castanho claro, cintilante nas suas madeixas loiras naturais, caía-lhe pelo rosto, deixando à vista os rosados lábios, que pareciam sorrir.

Lembrava-se do ar tímido com que ela entrara debaixo dos lençóis. Em que ele a tateara com suavidade, na escuridão, pois ela pedira-lhe para apagar a luz. Depois envolvera-o com os cabelos e as pernas firmes e elegantes, apertando-o contra si. Murmuraram coisas irrepetíveis e admiraram-se sob o luar, a única luz consentida e que entrava por uma fresta da janela.

Era bom tê-la deitada a seu lado. Havia tanto tempo que esperara que aquilo acontecesse. Durante muitos meses, o desejo deixava-o aturdido, quase sem forças, um desejo feroz acompanhado de ternura. Não queria reconhecer ainda, receava dizê-lo, mas amava-a que nem um perdido. Gostava de tudo. Do seu rosto de ninfeta, da sua elegância, das suas curvas que o deixavam excitado, dos seus lábios que lhe desciam pelo peito abaixo e procuravam o seu sexo. Deitou-se sobre o seu corpo e beijou-lhe as costas. Cheirou-lhe o cabelo, a pele, para poder reter o seu cheiro, enquanto ela não estivesse ali, presente. O odor do seu corpo na cama dele seria a sua presença. A sua salvação. Agora que o amor o atingira como um petardo já não podia deixá-la. Nem sabia como poderia viver longe dela. Um único gesto, um pedido, tinham bastado para o perder.

Levantou-se, pegou num bloco de folhas de desenho e pôs-se a desenhar o corpo nu de Clara. Destapou-a um pouco, para lhe ver a púbis, esse jardim de delícias onde se perdia desesperadamente. E novamente o corpo estremecia, o desejo retornava, insaciável.

O telefone tocou. Clara deslizou, no seu passo lento. Atendeu. Era uma chamada para Florimundo. Este atendeu, com o coração sobressaltado.

Margarida não voltaria senão daqui a alguns meses. Era o final de agosto.

Clara ficou a observá-lo. Não sabia o que pensar. Percebeu que ele falava com um professor. Mas não sabia do que se tratava. O rapaz acenava-lhe afirmativamente. Depois desligou. Disse que precisava de falar-lhe.

— É o lugar de professor? — Perguntou-lhe com ansiedade.

— Bem, ainda não me disseram nada do colégio. Mas fui aprovado para o curso de pós-graduação. Resta-me agora pedir uma bolsa. Se não me derem o lugar, não posso arriscar. Foi justamente o meu melhor professor a ligar-me para me incentivar a largar o lugar da mão e a pedir uma bolsa. Ele dar-me-á o parecer e será mais fácil. Creio eu... Tenho de arranjar um projeto...

— Tens andado a trabalhar dia e noite e não tens um projeto? Por que não concorres com a peça que tens trabalhado? Podes fazer dela algo de mais complexo.

A inteligência da mãe surpreendeu-o. Nunca pensara converter o trabalho que estava a criar num projeto para concorrer. De fato, a peça estava bastante desenvolvida e precisava apenas de justificar os pressupostos, não apenas técnicos, como teóricos. A razão pela qual não o havia pensado antes devia-se ao fato de ter sido escrita a pensar em alguém, inteiramente dedicada à *sua* voz. Ainda não se confrontara com o simples pensamento de a tornar pública nem se lembrara que podia usar o seu trabalho de forma mais pragmática. Mas a mãe tinha absoluta razão.

A justificação teórica da sonata foi das coisas mais difíceis que fizera na sua vida. Jamais fora obrigado a teorizar sobre música, verdadeiramente, a apresentar uma argumentação que fundamentasse o trabalho, nessa angústia de definir os pressupostos teóricos.

Esperavam-no duas noites de intenso trabalho, pois o projeto devia ser apresentado daí a dois dias apenas. Essa tinha sido também a razão do telefonema.

Estava tão embrenhado na escrita que não se apercebeu da rajada de frio que atravessara o quarto.

— Ocupado, hein?!

A voz assustou violentamente Florimundo, que colocou a mão sobre o coração e suspirou de alívio ao perceber-lhe a presença.

Ele estava pendurado no armário do quarto. Depois sentou-se no cadeirão. Parecia divertido, embora não conseguisse ver-lhe o rosto.

— Apareces-me assim, de imprevisto... — Reclamou o rapaz. — E na pior altura, estou doido para acabar isto!

— Posso ajudar-te. — Respondeu prontamente o cômico sujeito. — Aliás, tem sido sempre essa a minha preocupação, caso não o compreendas.

Saiu da sua garganta um riso casquinado.

— Onde pensas que vais buscar essa tua tremenda energia para o trabalho?

— Devo-te...

— Sim, mais ao tempo...

— Ah, pois! Não sabia.

— E a tua Margaridinha? Tem-te escrito, o anjinho? — O tom insinuante irritou Florimundo, que achava que ele não tinha nada a ver com a sua vida privada. Além disso, irritava-o o modo como se referia ao seu amor.

— Bem, vejo um olhar fulminante. Bom, para aí não te vejo tão decidido, és um mole, rapaz... ai os ensinamentos que eu dava à miúda, aquelas nádegas a precisar de cavalgar, aquele ventrezinho tão...

— Não, só entendo que são aspetos da minha vida privada. Não vejo que tenhas de falar sobre isso. Não gosto que te refiras assim à miúda — Os olhos chispavam, de tão furioso que ficou.

— Ah! Então nunca reparaste nos seios dela por baixo da camisola... usa-as tão justinhas!

— Respeita os sentimentos dos outros. Só te fica bem. — Tinha dificuldade em manter o tom baixo da voz, com medo de acordar a mãe.

— Não fui feito para respeitar absolutamente nada. Mas apenas para pôr em ebulição, espicaçar-te... A vida é sexo, carne, falta-te corpo e prazer, precisas disso para te libertares. E se não te pões a pau, a tua querida diz-te um adeus, um dia destes! — Continuou ele — Há por aí uma série de homens saudáveis, apreciadores de umas boas curvas. Desses cheios de músculos e que as agarram e as põem de gatas e...

Florimundo mordeu os lábios. De raiva. Interrompeu-o, pois sabia onde ia dar a conversa.

— Podes calar-te?? Penso noutras coisas mais importantes.

— Ora, mais importante que uma boa foda? Na tua idade? Ohhh... — pôs-se muito divertido com a situação, a suspirar.

Depois respirou fundo e retomou, enquanto um odor acre invadia o quarto:

— Uma boa altura para te questionares. O que queres, na verdade, fazer da tua música? Vislumbro o novo Bach do novo século... do novo milênio?!

— Estou um bocadinho mais pessimista. Bolas, que cheiro é este?

— Matéria, matéria...

— Algo irá aparecer no próximo milênio, o que está feito, feito está...

— Retomou a conversa — Isto obriga-me a refletir sobre o que tenho feito até aqui, o significado do que gostaria de fazer. Já não digo do que tenciono fazer. Pareceria um pretensioso. Morro de medo, só de imaginar.

— Creio que não és um teórico... — Acrescentou o mafarrico.

— Não, não sou. Sinto que avanço à medida que vou fazendo. Prática e teoria entrelaçam-se. Tudo isto me parece bastante enigmático...

— Claro! Como para qualquer criador. Acreditas que eles sabem exatamente o que pretendem criar?

— Não sei, nunca fui criador.

— Sê-lo-ás... ainda que não saibas o que criarás. Acima do bem e do mal, da vida e da morte, asseguro-te. Bom, fartam-me estas conversas balofas... Não te estafes, dá apenas o que possas... A mim esperam-me outras obrigações, umas gajas a quem prometi umas voltas... não me largam, as cabras!

Riu-se e desapareceu, deixando no ar um cheiro acre. O frio também sumiu com ele. A luz voltou.

Durante toda a noite, as frases correram-lhe a um ritmo selvagem. Nesse projeto explicava exatamente todas as suas ideias, de forma minuciosa. Florimundo soubera utilizar as ideias que aprendera ao longo da sua vida, extraíndo delas o absolutamente essencial, subvertendo-as e aplicando-as, em concreto. Poder-se-ia dizer que a bibliografia utilizada havia sido escassa, mas o admirável ensaio de Pierre Jean-Jouve sobre o *D. Giovanni* de Mozart, revelara-se como a peça fundamental e que desencadeara toda a produção escrita.

No dia a seguir, ao fim da tarde, o rapaz tinha passado a limpo tudo o que havia produzido. Telefonou ao professor, saiu a correr e passou pela casa dele para lhe levar o projeto, pedindo-lhe a sua opinião.

O professor ficou boquiaberto. Com a maturidade inegável do projeto, a sua qualidade. No dia a seguir, telefonara-lhe a dizer que o entre-

gasse, tal e qual como o havia escrito. Juntamente com o parecer que fora elaborado. Agora restava esperar alguns meses a resposta do Ministério.

### Férias de Natal

Afinal, Margarida viria a casa durante as férias de Natal. Estava indecisa e dividida se deveria ou não ficar em Paris. As coisas corriam-lhe bem. Tinha sido convidada para um recital, integrando o coro do Conservatório. A oportunidade era esta. A de começar. Claro que aceitara o convite, mas o que duvidava era se continuaria em Paris. Ela sentia falta da família e dos amigos, em especial doía-lhe a ausência do terno Florimundo.

Escrevera-lhe a dizer-lhe em que avião chegaria. Desejava que ele fosse buscá-la. Excitado, o rapaz nem pregou olho nessa noite. Doía-lhe a saudade do cheiro dela, o contato das suas mãos. Amava tudo nela, incluindo o seu feitio caprichoso e mimado, uma certa arrogância esnobe que demonstrava, involuntariamente, em certas ocasiões.

Ela chegou, finalmente. Vinha mais magra, trazia uma saia de tweed preta, uma camisola justa de lã vermelha, um casaco cinza e curto, uns tênis vermelhos. O cabelo atado no eterno rabo-de-cavalo. Mais pálida, seria do cansaço, perguntava-se. Abraçaram-se e ele afastou-lhe os cabelos que teimavam em cair-lhe para o rosto. Beijou-a demoradamente. Os pais esperavam-na, atrás deles, sem que ele se tivesse apercebido. Tinham acabado de chegar. Ela mostrou-se tímida e reservada, como era o seu hábito. Tinha tanta coisa para contar que não sabia por onde começar.

Saíram todos no carro do pai. Ele sem saber o que havia de dizer. A mãe era uma senhora faladora e exuberante, em tudo diferente da filha. Tinha o cabelo de um louro falso, os lábios pintados. Era uma mulher bonita, mas nela tudo era artificial, mesmo a forma como falava. Margarida parecia-se mais com o pai. Homem de inteligência visível, discreto e muito afetuoso. Abraçava a sua menina, brincava com ela, dizendo-lhe: *Temí que ficasses por lá!*

Florimundo passou todo o dia com ela. Ela convidou-o a jantar lá em casa. A mãe preparara uma festa em honra dela, convidara os seus amigos mais chegados. Florimundo jamais se confrontara com tal situação. Sempre que estivera com ela, tinha sido a sós. Constatava,

agora, que não sabia nada sobre esse lado de Margarida. A sua roda de amigos, as ligações que ela possuía. Às vezes, via-a com colegas, mas nem sequer sabia se alguns desses colegas, que conhecia vagamente, seriam seus amigos. Ela também falava pouco sobre isso, tinha receio de o deixar intimidado. Havia uma rapariga com quem se dava bastante e que ele conhecia, a Mariana, muito simpática. Num ano, haviam frequentado cadeiras em comum. Ela aprendia violino, além do canto.

Quanto aos restantes, seria uma surpresa. Era bem verdade, agora tornava-se quase doloroso, constatar que havia uma parte dele que não existia. Ele não tinha contatos sociais. Mesmo os colegas mais próximos jamais se lembrariam de o convidar para alguma coisa. Tinham-no na conta de pouco divertido, pois passava o tempo todo com o nariz enfiado nos livros. Embora fosse um rapaz bonito, não acompanhava modas. O sobretudo coçado herdara-o do pai, assim como a sua magra compleição. O dinheiro não dava para tudo. Como gastava bastante em material de trabalho, a mãe via-se bastante aflita para lhe comprar fosse o que fosse.

Margarida vivia num bairro chique da cidade, ainda que perto da sua casa. Um condomínio num apartamento restaurado. Nessa noite fazia bastante frio. A casa possuía aquecimento central. Quando ele entrou, estranhou o calor que se espalhava por toda a casa. A sua casa era fria no Inverno. Ficou por momentos num canto, à entrada, sem saber o que havia de fazer. Não conhecia ninguém. E havia imensas pessoas que pareciam estar muito à vontade. Passado algum tempo, Margarida veio buscá-lo. Queria apresentá-lo aos amigos.

— Alguns conheces. — disse-lhe ela — nem que seja de vista! — Portanto, porta-te normalmente, fala normalmente... — sorriu-lhe para o animar e trouxe-o pela mão.

Aquilo parecia-lhe um suplício. Tinha vontade de sair a correr. Só o amor o impedia de o fazer.

— Sim, tentarei não fugir..

Um grupo de rapazes e raparigas estava sentado à volta do piano. Florimundo aproximou-se, empurrado por Margarida.

— Este é que é o tal, Guida? — Perguntou um rapaz simpático que estava sentado no banco.

— Trata-o com cuidado. Sabes como são frágeis os gênios... — respondeu-lhe ela, a brincar.

Nessa altura, Florimundo deu-se conta do abismo que os separava. Todos aqueles rapazes pertenciam a um ambiente de que ele desconhecia as regras. Tinham roupas de marca, gestos que demonstravam um

perfeito à vontade, habituados a uma certa sociedade, que lhe era completamente desconhecida. E, no entanto, apesar dessa diferença, menos social do que econômica, mostravam-se simpáticos e, até, deferentes para consigo.

— Quem são, Margarida? — Perguntou-lhe ele, aflito.

— Ora, são alguns do Conservatório, outros filhos de amigos dos meus pais. Com o tempo verás, não te preocupes. Só precisas de seres tu próprio, a autenticidade cai sempre em graça...

A rapariga procurava acalmá-lo, levando-o a ter mais confiança em si próprio. Florimundo olhou para o piano, avaliando-lhe a qualidade. Um piano de cauda, da melhor qualidade, incrível e que praticamente não devia servir para nada. Estava verdadeiramente aparvalhado a olhar para o piano.

— Senta-te e toca-nos qualquer coisa que te apeteça. Melhor, toca-nos uma peça tua... — Pediu uma rapariga bonita e loira, que estava em pé, ao lado dele.

O pai de Margarida aproximou-se e falou-lhe com simpatia.

— Hoje teremos espetáculo, espero. — O olhar dele era cúmplice, afável. — Espero que nos dês uma pequena demonstração desse talento de que a minha Guidinha anda sempre a falar. Hoje é a tua prova de fogo.

Florimundo sorriu timidamente. Aquela cumplicidade era a prova de confiança de que ele precisava.

— Rapaz, — continuou ele, sussurrando-lhe — não te preocupes com o aparato. A maior parte destes miúdos não vale um dedinho mindinho dos teus... — e passou-lhe o braço por trás, e deu-lhe uma palmada afetuosa no ombro. Estava a aprová-lo ou seria a testá-lo, pensou.

— E Mariana? — Perguntou Florimundo a Margarida. Ele esperara encontrar a rapariga simpática e a única conhecida, para além da família.

— Ah, Mariana! Bem, ela não anda bem, não sabias? Tenho estado até preocupada. Telefonei-lhe hoje e foi um choque. Não sabem bem o que tem.

— Tem um aspecto tão saudável! — Tinha uma expressão desolada.

— Vamos tentar não pensar nisso, sim? Se quiseres, amanhã podemos ir vê-la ou assim. Olha, os tipos querem-te ali... repara!

A rapariga loura, soube que ela se chamava Flora, queria-o ao pé de si. Insistia para que ele tocasse algo. A sala estava cheia de gente desconhecida, mas não o suficiente que enchesse uma sala de espetáculos, deixando-o a braços com um público intimista. Já tinha tocado em recitais, mas nunca em bares ou ambientes parecidos. Todavia, fez a vontade à rapariga. Tocou uma sonata de Mozart. Quando acabou, com



um ar triunfante, reparou que muitas cabeças se tinham voltado na sua direção. Agradeceu delicadamente as palmas. A rapariga deu-lhe um beijo sonoro. Sentiu-se apatetado.

— Tocas maravilhosamente! — Disse-lhe ela, com um ar de admiração fascinada.

— Pede-lhe que toque uma das suas composições... — disse-lhe um dos rapazes.

Por sorte, Florimundo trouxera na sua pasta algumas das suas peças. Tinha pensado deixá-las a Margarida, para que ela as visse.

— Fantástico! — Disse um dos rapazes. — Faze-las à mão ou num programa específico?

— Primeiro, escrevo à mão, mas depois passo-as. Às vezes é diretamente.

O mesmo rapaz, que já tinha acabado o curso de piano, olhava com atenção para a partitura. Trauteava interiormente a sonata para piano e violino.

Bateu as palmas, com um ar pretensioso. Acrescentou:

— Não há por aqui um violino?

— Como? Tocas violino?

— Claro que não, mas aqui a Carolina sabe tocá-lo e nada mal. Já ganhou umas medalhas. Não a conheces?

Não gostou nada do tom que ele usara. Um tanto trocista e provocatório, quase arrogante. Resolveu devolver-lhe a estocada noutra altura.

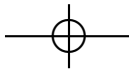
Margarida lembrou-se:

— Sim, há um violino... papá, o teu violino? Está tudo a olhar. Não sabiam que ele tinha tocado violino? De vez em quando ele ainda o toca. Um bocadinho enferrujado da idade. Queres acompanhar-nos?

— Filha, não achas que a Carolina desempenha melhor essa função?

Florimundo esperou que Carolina se familiarizasse um pouco com a peça. Leu-a duas vezes, rapidamente. Fez um sinal de assentimento.

Começaram ambos. A Florimundo preocupava-o que Carolina não conseguisse acompanhá-lo. Mas ela tocava bem e tinha boa memória. Percebeu rapidamente o desenvolvimento da peça. Acentuava de forma expressiva a frase fundamental. Jamais lhe acontecera tocar assim em público uma das suas composições. E num ambiente intimista. Ele estava de tal modo concentrado na interpretação que não viu o que Margarida pôde observar, encostada a um móvel, no canto da sala.



O silêncio impusera-se em toda a sala. Todos os olhares estavam concentrados no jovem músico. Um encantamento atravessava o olhar dos ouvintes. Durante o primeiro andamento, que começava com um som forte, algo estridente, as cabeças voltaram-se subitamente.

A violência do som marcava uma ruptura brusca com o espaço e o tempo cotidiano. Um som tempestuoso, onde podia divisar-se um grito sacrificial. E, tal como irrompera, brutal, rapidamente desaparecera. Marcando, agora, uma atmosfera de suspensão noturna, silenciosa.

Subia, então, numa carícia lenta e profunda. As notas dissolviam-se, antes de chegarem sequer a formar um sentimento ou uma paisagem durável. Fluíam numa onda, líquidas, fundindo-se umas nas outras, entrelaçando-se e tecendo arabescos, entre si. E dessa transitoriedade nascia toda a sua força expressiva, mergulhando-os no êxtase. Por baixo dessa onda, a pequena frase repetia-se, de forma múltipla, mas aguentando o timbre melódico que lhe dava a força.

O rapaz de ar trocista tinha o rosto tomado pela admiração. Ficara muito sério. Por fim cerrou os olhos. Margarida observava-o. Conhecia-o bem e sabia-o sensível e arrebatado.

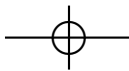
O violino irrompia em toda a sua força num momento em que o som do piano se apagava, para lhe dar a entrada. Depois do violino se destacar por um brevíssimo solo, o piano introduzia-se lentamente e entrelaçava-se com o som do violino, de forma melódica. E toda ela subia e descia, percorria o coração, as mãos, a noite. A sonata terminava com um tom pungente, como se anunciasse uma despedida e o violino calava-se bruscamente, deixando o piano sobressair em todo o seu virtuosismo.

Quando acabou, Florimundo ficou espantadíssimo pela salva de palmas. Toda a gente quis ouvir mais. Estavam encantados com a sua música. Bem tentou explicar que aquilo tinha bebido demasiado no romantismo, que estava um tanto ultrapassado, que não era bem o que ele pretendia fazer.

— Pode dizer o que quiser — dizia-lhe uma senhora vestida de verde e com um rosto afilado e magro — mas esta peça tem alma! Música com uma expressividade tão intensa que faz comover as pedras. Depois do que tenho ouvido nestes últimos tempos, credo!

Pedro era um pianista que estava em franca ascensão. Comovido, disse-lhe que desejava tocar as suas peças.

— Mas ainda não ouviram mais nada... — ripostava Florimundo.



— Ah, mas isto, isto... este poder que exerces sobre nós! Sei de antemão que tudo o que escreves é bom. A força, o arrebatamento que me provocou... não é assim tão fácil senti-lo frequentemente — Os olhos brilhavam-lhe intensamente, num rosto belo.

Pedro estava visivelmente transtornado. Florimundo nunca tinha tido a percepção do impacto que a sua música podia causar nos ouvintes. Aliás, as suas composições só tinham sido ouvidas de forma incompleta, seguidas de perto com o ar excessivamente formal dos seus professores de composição, que lhe apontavam defeitos técnicos.

A mesma composição tinha sido censurada pelo professor de bigode farfalhudo e ar doce, afável, o professor que ele mais admirava.

— Hum... — pigarreava, enquanto cofiava o bigode que lhe escondia a boca e acrescentava na sua voz maviosa que contrastava com a corpulência — demasiado emocional, demasiado expressiva, demasiado subjetiva. Não pode confiar na inspiração, na, eis o pior erro que alguém pode cometer, ficar para aí a olhar a beleza dos seus sentimentos. O artista não é nenhum Narciso, não pode perder tempo a contemplar-se, tem de votar-se inteiramente ao mundo, submergir, arrancar, ouvir, extrair o ouro das buzinas do trânsito... nada de concessões aos sentimentos... Por amor de Deus, liberte-se dessa sinceridade, “as boas intenções” têm de ficar sempre à entrada, nada de deixar interferir vivências e sentimentos pessoais na música, transforme-as, faça com que elas possam ser a vivência de qualquer um, percebe? De qualquer um.

Florimundo compreendera inteiramente o que o que ele pretendia dizer. Ficara-lhe essa impotência no corpo. Como? Como libertar-me dos sentimentos?

O professor notou-lhe a interrogação. Sorriu-lhe com simpatia.

— Não se preocupe, isso vem com o tempo. Pouco a pouco, se tiver sempre bem interiorizado esse princípio, verá... não se preocupe, para um miúdo da sua idade é admirável, mas conseguirá fazê-lo melhor, ainda. Acredite que chegará lá. E pôs um ar germânico, aliás aquele bigode só lhe lembrava o do Nietzsche, de dedo em riste: *É preciso disciplina! Não só a disciplina do trabalho, do método, mas a do espírito.*

Ficou a vê-lo afastar-se, com um sorriso estampado no rosto. Murmurava para si “Claro que ele tem razão”. Um dia todos veriam. Como ele saberia incorporar a mais intensa emoção com a criatividade, com o apuramento técnico. A crítica do professor dera-lhe uma vontade tremenda de trabalhar o concerto até a minúcia, eliminando qualquer traço que lhe parecia conceder demasiado à emoção. Cortar, cortar, acrescentar virtuosismo técnico, cortar arrebatamentos, paixão...

A voz entusiástica de Pedro despertou-o do devaneio. Estava corado, sentia-se confuso. Uma sensação insólita.

— Indubitavelmente bom. — Repetia o rapaz — Amanhã terás de ir à minha casa. Tenho um piano e começaremos imediatamente a trabalhar.

Claro que Pedro não lhe dava tempo para respirar nem admitia qualquer tipo de réplica. Apertava-lhe a mão entusiasticamente e sorria-lhe. Tinha um ar efeminado. Pelo seu rosto passava uma admiração caracteristicamente grácil, um atributo que só as mulheres possuem e sabem ostentar com naturalidade.

Meio atordoado com a recepção, Florimundo foi instado pelos presentes a tocar outra peça. Receou que aquilo se prolongasse, já que apenas tinha trazido mais uma partitura. Então, fazendo exercício aos dedos, um pouco entorpecidos do cansaço, sentou-se e tocou a sua sonata nº 2 para piano. Se a primeira tinha tido um tal impacto sobre a assistência, a segunda deixou um silêncio tal na atmosfera, que perdeu muito para além da música.

— É incrível! — Dizia Flora — Não quero saber se é ou não original. É maravilhoso. Onde tens andado metido?

Florimundo sorria timidamente. Sentia-se feliz, rebentava de alegria, até estava corado de excitação. Olhou para Margarida que o amava, através do seu olhar escuro. Duas asas de corvo misteriosas, que o deixavam petrificado.

Chovia muito. Tinha-se constipado. Levava agarrada a si uma pasta de cabedal, onde estavam as peças para tocar em casa de Pedro. Era assim que o rapaz que conhecera havia dois dias, em casa de Margarida, se chamava. Depois dessa noite fabulosa, ele levava-o a casa num Porsche cinza, um modelo acabado de sair. Falaram ainda durante bastante tempo, em que o rapaz lhe expôs tudo o que andava a fazer e os projetos que tinha em vista. Pedro era falador, mas de uma inteligência brilhante, de uma eloquência que não se tornava cansativa.

— E tu, o que pensas fazer, com todo esse talento? — Perguntou-lhe Pedro, quando se calou acerca dos seus projetos. O modo como o fez não era apenas formal, mas traduzia um interesse autêntico na vida de Florimundo.

O rapaz sentiu-se verdadeiramente surpreendido pelo interesse de Pedro. Não estava habituado. Toda a sua vida fora feita de uma espécie de ausência, em que as coisas que fazia apenas lhe interessavam a ele e à mãe. A alguns professores e, recentemente, a Margarida.

— Creio que tenho uma bolsa para continuar a estudar música. Composição... a única coisa que verdadeiramente me interessa. Estou à espera. E, bem... há uma peça em que ando a trabalhar. Tenho estado concentradíssimo nessa sonata.

Pedro olhou-o com admiração.

— És tão jovem e já tens tanta coisa! Quando poderei vê-la? Ouvi-la... tocá-la? — O olhar de Pedro mergulhou no seu.

— Ainda não quero mostrá-la... não é por razão nenhuma em especial, mas estou tão envolvido nessa obra que me é difícil, ainda, mostrá-la. Preciso de criar uma certa distância. Nem sequer sei se é boa. Será um risco.

— Boa... temos criação! — Respondeu animadamente o jovem.

Subitamente o silêncio cresceu entre ambos. A noite estava fria, mas o carro estava confortável. Pedro acrescentou:

— Não leves a mal o que te vou dizer... mas há algo que me escapa em ti. Não sei o que é, mas vou descobri-lo, tens um poder incrível sobre os outros... Quando tocas, na verdade, o mundo transfigura-se. Posso confessar-te uma coisa? Estive sempre sob um encantamento qualquer, ao ouvir-te. Não se trata de técnica... não sei explicá-lo... bem, logo falamos nisso, quando nos conhecermos melhor. Não quero que penses que estou a engatar-te.

Florimundo encolheu-se, rindo. Pedro apreendera algo que ele não queria que os outros entendessem. O fato de ser músico e de a linguagem musical lhe ser tão familiar possibilitava-lhe as ínfimas distinções. Compreendera aquele animismo que havia na sua música.

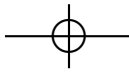
Pedro vivia com um amigo. A sua casa era algo de assinalável. A mais desarrumada que Florimundo já tinha visto em toda a sua vida. Por todo o lado, empilhavam-se livros e CDs. Comprava tudo o que saía. O quarto desarrumado, a cama cheia de roupas por cima. Ele lançou um olhar de relance a toda a volta. A música, os pequenos ruídos, o pó que se acumulava, tudo isso lhe trazia ressonâncias que rapidamente se transformavam em sons.

Reconheceu *Lohengrin*, que tocava baixinho, inundando a sala.

— Hum... o mago! — Disse Florimundo. Não sabia exatamente por quê, mas não esperava encontrar ali aquela música.

— Adoro algum Wagner. Aquele que me devassa e me deixa com o coração na boca...

— Sim, o *Tristão*, o *Lohengrin*. — Aquiesceu o rapaz. — Porém, muita coisa de Wagner deixa-me perfeitamente indiferente.



— Creio que é preciso conhecê-lo profundamente para gostar dele. Percebê-lo como vida pura, dionisiaca. — Respondeu Pedro.

— Ah, mas tanto dionisiaco incomoda-me, põe-me maldisposto. Dionísios para aqui, Dionísios para ali, por que não arranjam uma paleta mais larga? E por que é sempre o velho de Sils Maria?

— É fácil perceber por quê, quando se lê o *Zaratustra*. — Retorquiu Pedro. — Fácil perceber toda a violência da vida e da natureza, essa paixão que atravessa a sua música.

— A paixão em excesso perturba-me. Incomoda-me, mesmo. — Respondeu Florimundo. Um excesso de imaginação que pode tornar-se intolerável. Todavia, não resisto ao Tchaikóvski nem ao Rachmaninoff. Vá-se lá compreender esta contradição.

— Nossa Senhora, eu adoro o Rach. Aquela frasezinha do concerto número 2 para piano. As variações do Paganini...

— Sim e um tal Mahler da sinfonia nona...

— Isto só prova uma coisa. — Disse Pedro, num tom peremptório.

— Ah, o quê?

— Que a música é a mais subjetiva das artes. E que, por mais que construamos juízos de gosto, andamos sempre de fora da essência da música. Desse caráter objetivo da música.

— Uf! Deixa a metafísica para outro dia.

— Ah! Pois é uma vergonha, não é? Mas não me preocupo com isso. — Referia-se à desarrumação — Deve estar a chegar a mulher da limpeza, que tem faltado todos estes dias. Está tudo assim, não encontro nada, em lado nenhum. Um horror!

— A minha mãe matava-me se deixasse o quarto assim...

— Pois, é imperdoável! Mas a minha nunca entrou no meu quarto. Deixou de entrar quando era criança...

Florimundo sentiu um tom profundamente triste na sua voz. Pedro ainda não tinha feito a barba. Acabara de se levantar. E não estava bem.

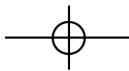
— Sentes-te bem?

— Nunca estou bem! — Respondeu-lhe num tom evasivo. — Toda a gente sabe isso. Mas é outro assunto. Mudemos de conversa.

— Queres almoçar comigo? Estou esfomeado, ainda não comi nada. Ela deve estar a chegar e voltamos quando a casa estiver mais arrumada.

Florimundo hesitou. Tinha pouco dinheiro e não podia desperdiçá-lo.

— Sou eu que convido. Anda daí. Mas espera um pouco. Vou acabar de me vestir.



Deitou a roupa para o meio do chão, ficou em cuecas e pegou num dos fatos que estavam em cima da cama.

— Ora, este... fica bem, para ir almoçar com o meu gênio. — Riu-se. Largou o fato, lembrou-se que ainda lhe faltava fazer a barba.

— Ai, mas não me apetece. É uma chatice. Não te importas, pois não? — Florimundo apercebeu-se de que estava a ser seduzido. Pedro comportava-se exatamente como faria uma mulher, para lhe agradar. Ficou aflito. Sobretudo por apenas agora se ter apercebido da situação. Incomodava-o menos toda a estratégia do amigo, do que mostrar-se indelicado ou, mesmo, feri-lo. Na primeira oportunidade, teria de deixar clara a sua posição. Mas não deixou de se sentir pouco à vontade. A melhor forma talvez fosse mudar o assunto e falar-lhe da namorada.

— Ia para te perguntar uma coisa. Há quanto tempo conheces a Margarida? Não me lembro de te ver com ela no Conservatório.

Pedro olhou para ele e sorriu. Respondeu-lhe imediatamente:

— Margarida? — Pedro não acusou o toque — Ah, sim, o pai dela é o melhor amigo do meu querido pai. Mas é preciso confessar que se revelou melhor pai que o meu... — interrompeu-se e, com a sua perspicácia habitual, continuou — E... não te preocupes, só seduzo quem quer ser seduzido.

Florimundo desviou rapidamente o assunto. Não lhe apetecia avançar.

— Margarida é minha amiga desde infância. Digamos que somos quase irmãos.

— É estranho ela não me falar de ti, sendo assim tão chegados.

— Tenho desiludido muita gente, na verdade. Afastei-me da Guida durante algum tempo, aliás como me afastei de muitas pessoas. Dos meus pais, inclusive... no fundo, isso foi apenas a concretização de um desejo.

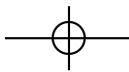
— Bom, não quero meter-me na tua vida privada. Só nos conhecemos há dois dias!

— No entanto, além da Guidinha e do pai dela, que são as pessoas em que mais confio neste momento, sinto que tu és incapaz de fazer mal a alguém, basta olhar-te, ouvir-te... Gostava de ser digno da tua amizade.

— E esse rapaz que vive aqui?

— Ah! Outro engano meu. É horrível, mas acredito no amor verdadeiro. E tragicamente ele não existe. Está de saída... Não faz mais do que alimentar-se e vestir-se à minha custa.

— És... — ia perguntar-lhe timidamente, mas foi interrompido.



— Sou bissexual, não te iludas! Eu próprio não sei bem o que sou... O amor transcende o corpo, o sexo. Apaixono-me pelas pessoas, não me interessa minimamente a que gênero elas pertençam. Essas distinções parecem-me infantis. Mas as pessoas gostam de dividir o mundo. Maus para um lado, bons para o outro, mulheres para um lado, mulheres para outro, normais para um lado, anormais e loucos para outro... isso cansa-me, na verdade, cansa-me tanto!

— Se queres que te diga, não tenho muito tempo para pensar nisso. Passo o tempo todo a trabalhar...

Pedro estava vestido. Gritou:

— Vamos comer... anda daí.

Desceram. Pedro tinha uma bela figura. Mais alto que ele, vestido de preto, de sobretudo comprido e sapatos italianos, obrigava as pessoas a olhar para ele. Deixava um rasto de charme onde passava. Sobretudo entre as mulheres. Olhavam-no descaradamente. Ele sorria-lhes vagamente, sem parecer interessado.

Entraram no restaurante e sentaram-se ao pé da janela. Pedro gostava daquele lugar. Podia observar quem passava na rua. Entreteinha-se com os movimentos dos outros, lia no olhar das pessoas, estudava-as num relance. Florimundo estava verdadeiramente magnetizado pela personalidade do amigo. Se ouvira falar de decadentes, de dândis, ali tinha um. Mandou vir uma garrafa de vinho tinto, caríssimo.

— Brindemos. Eu bebo sempre — disse-lhe ele — Sempre que posso, quando me permitem.

— Bem, eu não estou habituado. Esperemos que...

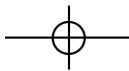
— Que engraçado. Somos os opostos um do outro. Tu, um espartano rigoroso, um asceta...

— Sim. E tu um decadente. Achas que é possível entendermo-nos?

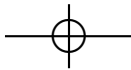
— Claro que sim. Da mesma forma que eu te fascino, também me admiro com a tua personalidade. É inimitável. Não bebes, não sais, não conheces ninguém, aposto que não tens sexo... não vives, em suma... ah eu preciso de sexo, desesperadamente, gosto do corpo, procuro o prazer, acho que hedonista é um termo fraquinho para mim.

— Ora aí é que te enganas! Vivo num mundo que tu provavelmente não conheces. Fora e dentro, ao mesmo tempo. Salvo-me pela música. Pela disciplina, pelo trabalho. E tu?

— A música não me salva, com efeito. Mas isso parece-me chatérrimo. E queres salvar-te por quê? Eu adoro perder-me. Ah... perdia-me







agora contigo, mas tu és da Margaridinha e eu sou um devasso, esquece... claro que brinco, não olhes assim para mim. — Riu graciosamente — Eu pertencço a uma espécie de seres em extinção. Não tarda muito...

— É estranha essa conversa. És tão promissor. Não parece a mesma pessoa que falava comigo há dois dias, apenas!

— Sim, esse era o meu lado noturno, iluminado...

— E este?

— Bem, este é o de sempre. Quando os dias vêm, a noite acaba com o seu aconchego terno, a luz do sol, terrível, desoculta tudo... torna-se tudo mais difícil, às vezes insuportável.

Pedro que já tinha bebido praticamente sozinho duas garrafas de vinho pediu uma terceira. Florimundo achou estranho.

— Bebes sempre assim?

— Ah, isso não é nada. São os tais paraísos!

Estava tocado. Florimundo preocupou-se.

— Diz-me. É sempre assim?

— Ora, é isto que te preocupa? A mim, o que me preocupa, agora, és tu. Não me venhas dar sermões de moral. Pareces a minha mãezinha...

O olhar dele tornou-se denso, opaco. As comissuras da boca traíam-lhe a revolta. Teve um gesto brusco.

— Nunca conheceste nenhum filho de Saturno? Olha-o... — Falava de si próprio como de outra pessoa. — Olha-o bem. Tem-lo aqui, diante de ti. Doente da alma, intoxicado de acídia, sempre à beira do abismo... Tema antigo e fascinante, estudado pelos medievais, objeto de um tratado de Burton... É a vida sem rodeios, assumida.

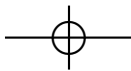
— E se fôssemos trabalhar, saturnino? — O tom leve de Florimundo acordou-o subitamente.

— E a ti, hem?! — Respondeu-lhe o outro. — Não há mistérios nessa música estranha, vinda de não se sabe de onde, poderosa, misteriosa como só os deuses a produzem? Vou arrancar-te o demoníaco segredo...

Ao ouvi-lo, Florimundo perdeu o sorriso, a leveza. Apertou os maxilares e respondeu-lhe, num tom decidido:

— Não achas que estamos a perder tempo com metafísica? Não fales de coisas que não sabes. Queres falar de filosofia ou ir ao trabalho?

— Ah, mas pela tua expressão, parece que sabes qualquer coisa sobre demônios! Isso, antes que me embebede, vamos lá trabalhar... — Pediu a conta e Florimundo até teve medo de olhar.



Foi num ambiente de silêncio pesado que ambos começaram a tocar. A duas mãos. Uma série de peças musicais em que Pedro estava a trabalhar. Com o vício do compositor, Florimundo pôs-se a apontar os pequenos defeitos das músicas que ouvia. Lirismo a mais, aqui, técnica pura e sem equilíbrio, notas excessivamente dominantes...

— O mais importante, na música, mais importante ainda que as teorias que estas novas escolas criam, é o equilíbrio melódico, a proporção... há um segredo. A música conserva esse mistério, devido à regulação interna a que ela obedece, as suas leis matemáticas...

— E o que é curioso é como a melodia nasce dessa abstração matemática, fico sempre aparvalhado com esse segredo de que falas... — Pedro sentia-se cansado. O raciocínio saía-lhe visivelmente arrastado.

— Como dominas isto... — esfregou os olhos — Bolas, não aguento mais e tu pareces estar a começar. És sempre assim?

A noite tinha descido. Um manto opaco.

— Que horas são? — Perguntou Florimundo, como se tivesse acabado de acordar. — Esqueci-me da minha mãe, de Margarida. — Ah, na verdade, o que te faz muita falta é a disciplina. Disciplina mental, física, dos sentimentos, tudo...

— Seria uma máquina, rapaz... — Respondeu-lhe o outro, com um ar de profundo desalento. — É isso que propões?

— Bem, acho que tenho de ir andando... O teu amigo não veio, ainda?

— Como vês, para não pensares que exagero... pensei que tinha encontrado a pessoa ideal. Por ele, pus a minha vida toda ao contrário. Houve momentos em que pensei que seria impossível continuar a viver. Foi quando ele achou que eu já não lhe era útil.

— Vive do quê?

— Ah, és tão maravilhosamente ingênuo! Como é bom acreditar que existem pessoas assim. — Tinha um ar precocemente envelhecido. Viu-lhe as rugas ao canto dos olhos, uma certa flacidez, aos cantos da boca.

Margarida partia novamente. Regressava a Paris. Aparecera-lhe uma oportunidade única que não podia desperdiçar. Um contrato por um ano numa companhia de ópera. Em Portugal, não lhe apareciam propostas tão tentadoras. Tinha estado no S. Carlos por algum tempo, mas sem segurança alguma. Ao fim de alguns meses saíra. O pai mexera as suas influências, mas nada feito. Em Paris, ela poderia continuar a estudar. Falou a Florimundo em ir viver para Paris. Seria fácil para

ambos, pois ela arranjaría forma de lhe conseguir um lugar. Ele recusou, com pena. Não conseguia abandonar Clara. Beneficiava ainda da bolsa e não terminara a pós-graduação. Faltava-lhe um ano.

A ausência de Margarida doía-lhe fundo. Porém, sentia-se menos só, desde que conhecia Pedro. Sentia que podia confiar nele e um laço muito forte unia-os. O amor pela música. Pouco a pouco fora percebendo que a vida de Pedro era um vazio tremendo, que só a música e o álcool atenuavam. Pedro bebia muito, embora nunca o tivesse visto realmente embriagado. Era também nessa altura que melhor tocava, curiosamente. Quando estava a seco, como ele costumava dizer, a emoção e a capacidade de entrega diminuía-lhe. Não sentia o que fazia, não o emocionava. A Florimundo assustava-o esta tendência autodestrutiva.

O rapaz que vivia lá em casa, quando se haviam conhecido, tinha desaparecido. Provavelmente a reação depressiva de Pedro devia-se ao seu desaparecimento. Passaram a sair juntos, se bem que a vida noturna aborrecesse mortalmente Florimundo. Todas aquelas pessoas que viviam as suas máscaras desagradavam sobremaneira ao rapaz que, nada habituado, achava tudo aquilo uma perda de tempo.

Por outro lado, essas saídas permitiram-lhe encontrar novos pólos de interesse. A literatura, por exemplo. Pedro lia que nem um desalmado. Lia tudo, de tudo. Como não se encontrava obcecado com a produção de uma obra, o muito tempo que lhe sobrava ao trabalho passava-o a ler, a conversar; dado que tinha insónias, quando não vadiava pelas ruas, lia até de manhã. Normalmente, só começava a trabalhar à tarde, quando não tinha espetáculos. Trabalhava pela tarde fora até à noite, depois saía para jantar, encontrava pessoas e voltava tarde. Normalmente embriagado. Invariavelmente, fazia-se acompanhar de belas mulheres, acordando com criaturas diferentes, quase todos os dias. Muitas vezes, quando Florimundo chegava, elas saíam a correr. Elas não faziam parte da sua vida.

— Vais-te destruir. — Disse-lhe um dia Florimundo. — O que te falta, céus? Tens mulheres incríveis, dinheiro a rodos, bons amigos... não compreendo. Diz-me como posso ajudar-te. Não posso proibir-te de beber, tens de ser tu a deixá-lo. Pela tua própria iniciativa. Os teus pais, a tua família, não têm nada a dizer?

— Oh... fico sempre tão impressionado pela tua candura! Alguma vez viste os meus pais dizerem fosse o que fosse? Telefonarem-me?

— Não percebo. — Retorquiu Florimundo.

— Ora, é óbvio. Sou totalmente indesejado. Maricas, um estupor na vida dos meus célebres pais... sabes quem é a minha mãe? Se o soubesses caías para o lado.

Disse-lhe o nome da mãe. Florimundo ficou boquiaberto. Primeira figura, no mundo do espetáculo.

— Seu palerma. Percebes agora? Para não os incomodar, na sua vida social, esplendorosa, dão-me o dinheiro de que preciso. Só me pedem que não apareça.

— Eu cresci sem pai. — Confessou Florimundo.

— Mas que imagem tens do teu pai? Um herói, não é?... Pobre Florimundo. No meu mundo não há heróis, apenas personagens de fantasia.

— Nós somos o que queremos ser, também. Podemos construir-nos. Seguir os nossos sonhos ou as nossas miragens.

Despediram-se. Pedro levou-o à porta. Disse-lhe:

— Até já. Encontramo-nos no sítio do costume.

Florimundo saiu, com um peso no coração. O amigo deixava-o preocupado. Não sabia mais o que havia de fazer-lhe para mudar a sua maneira de viver.

Todavia, a música e Margarida apareceram-lhe, de novo, no espírito. Flutuantes, ambas. Margarida de cabelo preso, a olhá-lo. Em pé, junto à janela, o corpo delicado e nu, em contraluz. Ele esperava-a. Ela deitava-se, cobrindo-o. Toda a ternura para ele. A maciez da pele, o odor dos cabelos, a púbis desenhada num triângulo perfeito. A boca dela percorrendo-lhe o corpo. Ele fechava os olhos e ela descia os seus lábios rosados sobre as suas pálpebras. Tudo era canto, a tarde, o silêncio, os gestos suaves, demorados. O rosto dela, quando a beijava. Ela sabia a mar. Dentro dela naufragava.

Os trabalhos corriam-lhe bem. Tinha conseguido uma encomenda da Gulbenkian, para integrar as novas obras. O tempo escasseava-lhe. Apareciam-lhe convites para tocar aqui ou acolá, amiúde, ainda que insistisse em dizer que não era um intérprete. De fato, não podia dar-se ao luxo de desprezar tais convites. O convívio com Pedro, introduzindo-o na alta sociedade, apresentando-lhe todas as pessoas ligadas ao meio, facilitava-lhe bastante a vida.

Apesar de um certo mal-estar, que ele pressentia, quando se apresentava em certos ambientes mais conservadores, talvez de pessoas mais ligadas à sua família, as pessoas revelavam-se sempre solícitas. Florimundo cedo percebeu a enorme influência que ele tinha no meio. O

próprio Pedro era convidado para tocar, mesmo onde a simpatia não lhe era favorável. Por vezes exigia tocar peças do amigo. Sabia bem o que valia. E isso ninguém poderia retirar-lhe, mesmo que não gostassem dele.

Uma noite, estava Florimundo a admirar o virtuosismo de Pedro. Este tocava o concerto nº 1 para piano, de Chopin. A forma como Pedro se envolvia apaixonadamente no segundo andamento, deixava o amigo profundamente comovido. Na verdade, ninguém o emocionava até aquele ponto. Pedro transformava-se num ser etéreo, possuidor de umas longas mãos, que operavam um milagre sobre as teclas do piano. Sim, era um magnífico intérprete, dissessem o que quisessem ou pensassem dele o que lhes apetecesse. Louco, sim, sem dúvida, mas de uma superioridade e de um talento inegáveis. Tocar com ele, a duas mãos, acompanhar-lhe a paixão, a suavidade melancólica, era uma experiência que ele não trocava por mais nada. Num tempo e espaço sublime. Depois, tudo se calava. E Pedro entregava-se de novo ao seu silêncio, mergulhando num copo de vinho, de álcool, fosse o que fosse, onde se refletiam os seus fantasmas.

De repente, aproximou-se dele um homem, com a barba aparada, vestido com um fato irrepreensível. Tudo nele era demasiado estudado, artificial. Havia um toque de insinuante feminilidade, que desagradou profundamente a Florimundo. Aparecera de uma forma súbita, sem aviso.

— Magnífico, não é? — Sorria-lhe, de forma insistente. — O primeiro a ouvi-lo fui eu. Era um miúdo, com 7 ou 8 anos. Foi em casa dos pais dele. Há quanto tempo se conhecem?

Florimundo pressentiu que havia algo de repulsivo naquele homem. Quis marcar imediatamente uma posição, não de hostilidade, mas de firmeza. O fato de ser tão próximo de Pedro e devido, ainda, à sua bissexualidade assumida, dava azo a que se estabelecessem confusões.

— Há pouco tempo. Descobrimo-nos na casa da minha namorada. — Acentuou bem a palavra “namorada” — Como sou compositor e ele um intérprete fabuloso, aproximamo-nos naturalmente.

— Ah, é pena... — respondeu o outro — sabe que, além de magnífico intérprete, é um amante incrível?

— Pois, nunca me dei ao trabalho de o sondar. Não me interessa por homens... Pedro é o melhor amigo que se pode ter. Já se deu ao trabalho de o verificar? — Devolvia-lhe assim toda a repugnância que o outro acabara de lhe infligir.

— Claro que é um ótimo amigo. Não tenho a menor dúvida... — O homem afastou-se com a estocada. Recebera-a com graciosidade. Como se soubesse algo que o rapaz desconhecia. Ainda. Não o viu mais. Desaparecera tão misteriosamente como tinha aparecido.

A sua imaginação fazia-o imaginar fatos terríveis, talvez mais graves do que o que realmente acontecera. Mas aquele episódio esclarecera em muito a natureza do amigo. Uma raiva surda ascendera no seu corpo, numa onda de sangue. Contemplou Pedro em silêncio.

Pedro observara a cena. Vira o homem aproximar-se do amigo. Quando ele se afastara, finalmente, terminara a atuação com brusquidão. Tocou uma nota estridente, várias vezes. Era como se gritasse, mas incapaz de o fazer. Encontrara no piano o instrumento da sua vingança. O grito que lhe saía da alma, sem procurar a voz.

Florimundo correu até junto dele. As pessoas afastaram-se, sem perceberem o que se estava a passar. Foi um Pedro destroçado que ele levantou do banco. Murmurou-lhe ao ouvido:

— Céus, não sou capaz de tocar mais. Olha como me tremem as mãos. Está tudo acabado... — Disse, com um olhar ausente, profundamente alucinado.

— Não digas disparates. Estás esgotado. Vem, levo-te a casa. Fico contigo esta noite. Há quanto tempo não bebes? Vamos ao hospital. Não podes continuar assim.

Florimundo chamou um táxi. Pedro tremia e o olhar dele estava fora dali. Provavelmente estaria em delírio.

Ele não parava de repetir:

— Tudo acabado, tudo acabado...

Esperaram várias horas na urgência. O rapaz tremia e balbuciava frases que ele não entendia. Pela primeira vez, entravam ambos num local onde se confrontavam com o sofrimento e a que nenhum deles estava habituado.

A sala estava cheia de pessoas que esperavam a sua vez, exibindo o seu sofrimento. Havia no ar o cheiro do medo, uma decadência física que se podia ver nos corpos das pessoas que os rodeavam. Face a eles, a figura de Pedro, bem vestido, era quase insultuosa.

— Devíamos ter ido a um hospital privado. — Dizia-lhe ele. Florimundo nem pensara nisso, a pressa levava-o ao primeiro hospital e agora era esperar. Pôs a mão no ombro do outro e perguntou-lhe:

— Não achas que devíamos telefonar a alguém da tua família? Passa-me aí o telemóvel...

— Nem penses! — respondeu-lhe o outro, orgulhoso. — Isto não é nada de grave, amanhã já estou bom.

Um rapaz magríssimo, coberto de pústulas por todo o corpo, mantinha-se ao fundo da sala, longe de todos os outros pacientes que aguardavam a sua vez. Eles não sabiam se o tinham mandado para lá ou se o próprio tinha ido só. À mente de Florimundo acorreu a imagem que vira em filmes, de doentes leprosos, com peste, dos sífilíticos.

Mais perto de si, uma velha mostrava-se indiferente a tudo o que a rodeava. Consciente, sem dúvida, mas mergulhada num silêncio sepulcral. Pedro mantinha, a seu lado, o olhar alheio e vazio. Tremia menos agora, sem que ele soubesse o que havia de fazer-lhe. O frio varreu a sala, subitamente. Pedro voltou-se para ele, agarrou-lhe as mãos com força e perguntou-lhe, em surdina:

— Viste-o?

— Quem? Estás a alucinar...

— O anjo negro? Viste-o passar? Sorriu-me...

— Qual, o de Rilke? — Respondeu-lhe, meio a brincar, procurando desanuviar o ambiente.

— Falo a sério. Muito a sério...

— Olha lá, deves estar em privação, é só uma alucinação. Deves estar em delírio e isso já passa. Tens é que te tratar... — Olhou-o preocupado e viu-o pálido — Tens frio? Estás gelado... — tomou-lhe as mãos, pois o rapaz estava arrepiado de horror. Não sabia o que fazer, o que dizer. — Nunca mais nos atendem, que desespero. Estes devem estar aqui há horas...

Tirou o sobretudo. Tapou-o com ternura e acariciou-lhe a testa.

Pedro começou a chorar baixinho. Como as crianças, quando têm medo. Abanava-se com gestos obsessivos. Parecia ter enlouquecido.

Florimundo saiu a correr pelo corredor, onde os olhares acusadores dos outros pousavam sobre si.

— Não há médicos? — Gritou o rapaz.

A enfermeira, habituada a estes casos de desespero, saiu rapidamente do gabinete do médico. Tinha os olhos mortícios, uma expressão impassível.

— Por favor, o senhor acalme-se. O senhor doutor está quase a atendê-lo. Chega aqui e quer ser imediatamente atendido?! — Disse-lhe com rispidez — Já reparou que o seu amigo é o que parece estar em melhor estado? Olhe à sua volta...

O rapaz serenou, reconhecendo que a conversa do amigo o assustara. Olhou para Pedro, que parecia ter abandonado novamente o mundo, retomando a expressão alheia, afundando-se no seu devaneio.

Retomou o lugar e sentou-se pacientemente. Aquele coro de rostos marcados pela doença e pelo sofrimento emergia da penumbra, em vagas, clamando, ou regressando ao seu silêncio. Na sua mente destacou-se então uma voz, cristal finíssimo, crescendo, acompanhada pelo som do violino. Uma voz que trazia a alegria e fazia desabar a escuridão à sua volta. Toda a encenação operática lhe aparecia agora muito clara. Só tinha de escrever. Desejou voltar para casa, rapidamente, sentindo-se culpado de estar para ali a pensar em coisas tão inúteis diante do sofrimento. Mas o que era a arte senão essa procura de redenção?

Finalmente, o médico, um rapaz novo e com um ar cansado, fez-lhes sinal para entrarem. Pedro agarrou-lhe no braço e disse-lhe que entraria sozinho. Estava bem, dizia, embora visse bem o esforço que ele fazia para se aguentar de pé. Mantinha o seu porte altivo.

Esteve dentro do gabinete durante algum tempo, provavelmente uma meia-hora. Depois saiu. Já se aguentava de pé, o médico tinha-lhe dado um medicamento para o acalmar, talvez um sedativo. Entretanto, também havia passado o pior da crise.

— Por amor de Deus, muda-me essa cara de enterro! — Pediu-lhe Pedro, meio a rir, ao sair.

O médico apareceu por detrás dele. Vinha chamar o próximo doente. De olhos encovados. Vinha tentar adiar o que não pode ser adiado. Ou as águas do tempo, que reclamavam o seu território. Por momentos, Florimundo deteve-se no seu rosto. Como vivia alguém, com a presença constante do sofrimento e da morte? Habituar-se-ia? Regozijar-se-ia pelos vivos? Fez-lhe um aceno discreto.

— Estou para ficar, rijo que nem um pêro. Só preciso de descanso, umas noites bem dormidas, nada de orgias ou bebedeiras. A partir de agora é só saúde e trabalho. — O tom malicioso inundou-lhe o olhar. — Bem... não te preocupes, vamos falar a sério. É exaustão, foi o que ele me disse. E a merda da bebida não melhora as coisas. Preciso de dormir mais, comer a horas, fazer desporto, as balelas do costume. Amanhã... — Suspirou — amanhã terei de procurar essa maldita associação. Acho que tenho um problema para resolver. Mas garanto-te que vou ficar tão bem que vou virar asceta, como tu...

Florimundo sorriu. Parecia-lhe que o susto lhe tinha feito bem. Muito bem mesmo. Finalmente ele percebia que tinha de assentar.

— Anda, vou levar-te a casa. Vou chamar um táxi.



— O meu carro? Bolas, deixei-o lá? O meu belo carro?  
— Agora não. — Opôs-se Florimundo. — Precisas de descansar. Não vais pegar no carro a esta hora. Vamos! — Agarrou-o pelo braço. O outro sacudiu-o docemente.

— Não, *florzinha*, vai dormir, sossega a tua mãe. Telefonaste-lhe? Ela deve estar preocupadíssima.

— Pois foi. Saí e esqueci-me completamente.

— A culpa foi minha. Vai para casa, abraça-a e diz-lhe que a culpa não foi tua, mas do anormal do teu amigo. Fica com ela. Preocupa-te contigo, agora. Eu vou apanhar ar fresco, vou a pé. Amanhã, irei buscar o carro. Vou arejar as ideias. Está uma noite tão bonita, não é?

Florimundo olhou-o demoradamente. Um brilho estranho lamina-lhe a íris. A sua expressão era confiante. E uma ternura que ele não conhecia tomava-o, afastando o habitual sarcasmo.

— Eu sei o que te pôs naquele estado, estafermo. Podias ter-me dito há mais tempo. Não quero interferir na tua vida, mas sabes que... podes contar comigo, dizer-me o que se passa. Para a próxima, não te perdoo... quem era?

— Oh! Não sabes? Não o percebeste? O filho da puta... Ele conhece-te bem... a ti também! Melhor do que tu te conheces a ti próprio. Claro, tu não conheces os teus limites. Vives a adiá-los, a prolongar o teu sofrimento, empurras a tua finitude... até onde? Ele também te irá reclamar a alma...

Florimundo gelou por dentro. O frio cristalizara, à sua volta. Sentiu-se fulminado pela observação de Pedro. Calou-se, profundamente horrorizado.

— Só que, meu amigo, tudo tem um preço. Julguei que o sabias! Ele possui-me de todas as formas possíveis, acreditas? Não há lugar que me acolha, agora. Soube-o mais cedo que tu. Creio que isso nasce conosco. O tal dom, essa maldição.

— Apenas procurei a perfeição, sempre. Nunca o mal... — Respondeu-lhe desoladamente.

— Ah, a perfeição, a perfeição? — Os gestos de Pedro tornaram-se irônicos — Num mundo de catástrofe, de imperfeição? A perfeição, Florimundo? O que é isso? Acorda, vives num mundo de ilusões. — A voz de Pedro tornou-se irada — Que espécie de seres somos nós, homens, sim, não me olhes com essa cara... que procuramos a perfeição quando milhões de crianças morrem diariamente na guerra, quando terroristas matam em nome de um deus em que só eles acreditam? Que lugar existe para a perfeição? Fala antes da *tua* perfeição...

Uma irritação profunda transparecia-lhe no olhar. Riu-se, de forma estranha, como um bufão.

— Porra, mais ideais e perfeição, amor, beleza. Puta que pariu todos esses criadores de reflexos. Platão devia ter sido condenado e a seguir todos os que ousaram erguer-se contra o culto do supérfluo, do hedonismo... Amor, nos dias de hoje? Fodes duas ou três vezes e o amor esgota-se, essa é que é a verdade. Confunde-se tudo. Oh, se eu te contasse o que em nome do amor se pode fazer a alguém, como se pode destruir uma pessoa — o rosto dele alterou-se inteiramente — o amor mata. É terrível dizê-lo, mas mata. Mata quando nos entregamos absolutamente a alguém que nos olha como se fôssemos um instrumento, um simples meio. Como quando esperas poder dar a vida por essa pessoa e ela se ri na tua cara. O que sabes tu disso?

— Existe, Pedro, tiveste azar. Eu amo Margarida. — A palavra *amo* soou-lhe artificial — E existe muito mais, como essa cumplicidade única, como quando tocamos juntos. Não é beleza, isso?

— Um breve êxtase, é tudo... recuso-me a acreditar no duradouro. O que temos é efêmero, passagem... deixa-te dessas mentiras platônicas e bonitinhas.

— Esse teu niilismo dá cabo de ti.

— Deus, niilismo, muito gostas tu de categorias, devias era largar tudo, dormir e comer que nem um abade e casar com a Guida. Tocar umas sonatas delicodoces em saraus musicais, pagos a peso de ouro por essas cinquentonas ricas e caprichosas. E ter miúdos e tratar bem a Guidinha, comprar-lhe uma casa com piscina e... — hesitou — Ok, sei que parece uma telenovela, mas é o mais próximo da felicidade que encontro.

Florimundo sorriu, reconheceu nele o sarcasmo que o mantinha vivo. E deixou-o falar, divertido.

— Quero ver até onde vai o teu mau-gosto, Pedro!

— Pois, mas era o que devias fazer. De contrário, entregarás a tua vida a algo que não existe... ah, a perfeição! O que eu soube hoje — apontou para os olhos com os dedos — é que tudo consiste nesta coisa de lutar contra a morte, viver o mais possível, para que possas partir sem lamentar absolutamente nada... pois, vi-o passar à minha frente. Sorriu-me, fez-me sinal de que a areia escasseava.

— Porra, és patético, melodramático! — Florimundo falou em voz baixa, pronunciando arrastadamente as sílabas — estás doido! Precisas de descansar. Acho que te prefiro bêbado, apesar de tudo. Pareces-me mais razoável... Não quero discutir contigo, não quero zangar-me con-

tigo. Sei que és um tipo suportável, quando queres. Vamos dormir, assentar as ideias, apanhar ar na tola... se quiseres, ainda, acompanho-te, mas peço-te que pares com essa conversa lúgubre.

— Tudo bem, meu querido. Não é preciso ires comigo. Hoje vou mesmo é dormir! — O tom de falsete veio à tona. Depois acrescentou: — Schiu... O silêncio... para as grandes dores. O silêncio, a música... a poesia.

Ainda hesitante, sem saber se devia ou não acompanhá-lo, Florimundo ficou a vê-lo afastar-se.

A sua raiva desvanecera-se. Amava-o como se amava um irmão ou alguém que faz parte de nós, que pertence à mesma massa e sabia que lhe perdoaria sempre o que ele lhe dissesse. Lembrou-se das suas mãos a tocar o concerto para piano, aquelas mãos que eram capazes de serenar os outros, mas que se revelavam totalmente impotentes para se aquietar a si próprio.

Não podia pensar a sua música sem ele, o seu olhar escuro, o outro, o seu duplo, como o elo que o ligava à criação musical. Sempre que revia o que mais amava neste mundo, isso reduzia-se a três elementos: o olhar de Clara, a voz de Margarida, as mãos de Pedro.

Ainda, uma sombra negra e esguia, avançando. Caminhava com a elegância que lhe conhecia, mergulhando na noite. Virou-se, ainda, uma vez e fez um passo de dança, meio-brincalhão. Sorriu e acenou-lhe. Depois, a luz da madrugada engoliu-o.

### Porque o tempo

Florimundo chegou, atingido pelo desespero, pelo sentimento de culpa. O pai de Margarida telefonara-lhe, a dar-lhe a notícia. A empregada entrara em casa e voltara a sair, em estado de choque. Não sem antes avisar a família. Florimundo voara até a casa de Pedro. Ele estava sentado no sofá, junto à janela, como se não quisesse perder pitada do mundo. Morrera de olhos bem abertos. Talvez uma última recusa tivesse persistido nesse gesto.

O rapaz odiou as pessoas que se encontravam ali, que não lhe pertenciam sob nenhuma forma. A teatralidade da morte, revestida das

suas fórmulas e códigos sociais, a presença obrigatória dos pais e dos amigos que o tinham abandonado, tudo isso lhe causava uma profunda repugnância.

Pedro afrontava-os. Pálido, de rosto perfeito, tinha um sorriso enigmático ou talvez fosse um esgar involuntário provocado pela morte. O mesmo sorriso que Florimundo lhe tinha visto na noite anterior. Malicioso, brincalhão. Talvez a morte lhe tivesse trazido essa leveza por que sempre ansiara.

Pela primeira vez, via os seus pais. A mãe chorava, abraçada ao pai. Tinha o rosto inchado de chorar, manchado pela pintura. Dizia, baixinho:

— Eu sabia que isto acabaria assim. Por que não o evitamos? Ele era tão infeliz. Tinha tudo.

O pai mantinha-se calado. Não chorava, mas tinha o olhar vazio, destroçado. Junto deles, estava o pai da Margarida. Florimundo, aproximou-se. Tartamudeou algumas palavras sem jeito, deu-lhes os sentimentos.

— Toma, esta carta é para ti. Foi a única que ele deixou. Margarida chega amanhã. Acabei de lhe telefonar. Morrer desta forma... tinha tudo o que um rapaz pode desejar... o que pode ter falhado? Fui como um pai para ele.

— Eu sei, ele gostava muito de si. Disse-me várias vezes. Mas não era feliz...

— Sinto não ter feito o suficiente por ele. Não ter percebido o que se passava com ele. Não lhe ter procurado um psiquiatra, qualquer coisa. Estas depressões curam-se, não é assim, o suicídio é uma psicose, trata-se.

Mariana também se encontrava presente, apoiada nas suas canadianas. Andava com dificuldade. Tinha um problema grave no fêmur e já tinha sofrido várias cirurgias. Com o seu ar de paciente de sempre, sorriu-lhe.

— É bom ver-te, mas não nestas circunstâncias. — Disse-lhe.

— Conhecia-lo também?

— Claro. Todos o conhecíamos, mas ele afastou-se de todos. Só se dava com gente que não prestava. — A boca adquiriu um tom desdenhoso que ele lhe desconhecia.

O tom de Mariana irritou Florimundo. *Gente que não prestava*, era exatamente a expressão que todos usavam quando falavam de Pedro. Fora esse desprezo que o matara. Todos tão perfeitos, na sua falta de empatia. Dava-lhe vontade de rir. Olhava para os pais, com uma repulsa

inevitável. O que matara Pedro havia sido a incompreensão, a hipocrisia, a intolerância. Por fora, parecia que nada lhe faltava, mas interiormente era um deserto. Acompanhara-o nessa viagem, até ao fundo de si, com a música como um aparente antídoto da tristeza. Porém, ele sabia que, frequentemente, ela o deixava ainda mais exaurido, mais entregue à solidão.

Viu-lhe os pulsos, a carne aberta numa chaga fina, traçada com uma lâmina, que desaparecera. Provavelmente deitara-a fora, antes de se sentar. Nada indiciava a violência do gesto. A sua própria morte tinha sido cuidadosamente encenada. Um dia, ele dissera-lhe algo que lhe parecera de uma beleza extraordinária: *“Devemo-nos despedir da vida como Ulisses se despediu de Nausica, — mais abençoando-a do que apaixonado por ela.”*<sup>3</sup>. Florimundo compreendia agora o que Pedro lhe dissera nesse dia.

A superioridade de Pedro, via-o agora mais do que nunca, brilhava acima de todas aquelas pessoas que Florimundo via. Paradoxalmente, o seu suicídio era também uma celebração da própria vida, de uma coerência absoluta, a contradição levada ao extremo.

O rapaz estava de tal forma perturbado que só lhe apetecia rir. Na verdade, Pedro encontrara na sua morte a arte da suprema ironia. Vestia-se com um fato negro e tinha uma camisa vermelha, cuja cor se confundia com o sangue, que lhe escorria dos pulsos, já seco e coagulado.

A seu lado, estava um CD de Mahler, *A Canção da Terra*, que ele tanto amava, e da mão direita tinha-lhe caído um copo, que se partira. No chão via-se a mancha, provavelmente vinho, que se confundia com o sangue. Na verdade, tudo aquilo era patético. Macabro, também, mas essencialmente cômico. Uma arte de compor a vida, de tornar a morte estética, alegórica. Como uma pintura barroca. Estudada ao pormenor, até ao modo como a luz entrava na sala e iluminava o corpo.

Havia um gosto pela máscara, sabendo que a morte é ainda a última encenação que nos resta. Depois da morte, as máscaras tombam, mas era preciso levá-la até ao fim. Toda a vida tinha sido uma mentira, uma ilusão, uma arte de habitar corpos e máscaras, de sobreviver entre os seus simulacros. A única coisa que lhe dava uma consistência material, a única verdade daquele rosto, era a música.

Florimundo percebia, agora, quão complexa tinha sido a sua personalidade, enquanto se sentia acometido de uma profunda náusea. Perdera o único amigo que possuía. Ele ensinara-lhe tudo sobre a subli-

---

3. Nietzsche, Para Além do Bem e do Mal.

midade da amizade e, agora, deixava-o só. Mesmo pensando em Margarida, ele sabia que ela não poderia devolver-lhe aquela intimidade, a perfeita compreensão mútua, o amor que os unia. O amor pela música, secreto, para lá das pequenas contingências da vida, das tristezas, do desencanto. Sim, percebia agora, Pedro amara-o. E o seu suicídio era uma encenação grotesca, que apenas o tinha a ele como visado. Como o impossível objeto do seu desejo.

A cabeça de Florimundo estava num caos. Parecia que ia rebentar. Saiu de passo apressado, com a maldita carta na mão. Lá fora, desatou a correr, as lágrimas a teimarem em correr.

Quando voltou à consciência, Florimundo percebeu que estivera sempre ali. À sombra da sua faia. Fechado na sua dor. Imune ao mundo, à alegria, indiferente ao riso das crianças.

Margarida sabia que iria encontrá-lo ali. Tinha a carta na mão. Não conseguira lê-la. Aterrorizava-o o que iria encontrar. Margarida segurou na carta. Guardou-a. Sentou-se ao seu lado. Abraçou-o. Não tinham palavras, não precisavam. Entre eles havia um país onde só a ternura podia penetrar, vencendo a dor, a escuridão, o medo.

Margarida assumiu por ele o gesto interdito. Aquele que ele jamais seria capaz de realizar. Abriu a carta. Florimundo tremera, ao ouvir o som do papel a rasgar-se. Doravante, não seria possível recuar. Tinha medo do que Pedro sabia acerca dele. Com a sua sensibilidade, Margarida percebeu-lhe o receio. Estendeu-lhe a folha de papel, na qual ele reconheceu a caligrafia solta do amigo, descuidada e corrida, onde as letras se enlaçavam umas nas outras, tornando, por vezes, as palavras ininteligíveis.

Florimundo esfregou o nariz. Passou as costas das mãos nos olhos, marejados de lágrimas. Começou a ler, surgindo-lhe a escrita envolta de névoa. Não conseguia ver bem.

“Meu amado Florimundo,

Sim. Agora entrarei nessa ilha, onde tudo se purifica, a carne, a pele. A alma (e tu sabes que não gosto desta palavra, mas não encontro outra melhor). Levarei, não o ceticismo habitual, mas uma esperança da libertação. Talvez agora encontre a tranquilidade, esse estar rente ao silêncio, de que tantas vezes falamos. Talvez aqui, desculpa falar-te assim, mas há muito que me sinto de volta a esta ilha...

Escrevo-te muito cansado, mas feliz. Feliz, sim, porque amava a vida, mas ela não me amou do mesmo modo. Fui antes amado pela arte, pela

música, talvez pela beleza, mas não mais do que isso. Precisava de mais, esperava mais dela, a que me entreguei sofregamente, como sabes.

Sei com tristeza que não te verei mais e, pior do que isso, que te deixarei só e desejo-te a única coisa que quis para mim: ser feliz. Talvez fosse amor ou uma das suas múltiplas formas... isso que houve entre nós (rio-me, enquanto te escrevo isto, imaginando o teu olhar aflito). Sê feliz com a *nossa* Margarida. Escrevo-te, sentindo uma leveza que nunca senti, finalmente liberto de todo este fardo que carrego e tu conheces. O tempo não é nosso. Levo-te assim, dentro de mim, como uma luz íntima, sei que alguém como tu me terá amado, um homem bom, inteiro. Guarda-me dessa forma, aquele que não conhecia a paz e que agora está a um passo dela. Quanto a ti, meu amigo, meu amado, minha *flor do mundo*, não deixes que ele te leve.

Não deixes que esse olhar de anjo...

Adeus,

Pedro”

Não se percebe por que não acabara a frase. Fechara a carta, onde não havia qualquer traço de sangue, o que indiciava ter sido escrita antes de ter tirado a vida a si próprio.

Ele sempre o soubera. Tudo se tornou claro na sua cabeça. Se sempre evitara abordar o assunto com o amigo, no entanto, ele conhecia-o como um irmão. Ambos eram filhos de Saturno, irmãos de uma outra linhagem, que só a arte e a melancolia dão a ver. Os filhos de Saturno reconhecem-se nos sinais que apresentam entre si. Talvez, aqui Florimundo hesitou, um não seja sem o outro, uma espécie de avesso.

A diferença entre ambos estava no tempo. Em redor de Pedro, a mão do diabo apertara-o, demasiado cedo. Nenhum antídoto teria sabido romper o cerco da mão.

Estranhara a última frase, que quase poderia tomar-se por uma alusão a um verso de Rilke, enigmática.

Abraçou Margarida, pedindo-lhe, no seu olhar desolado:

— Canta, meu amor.

Ela observou-o com atenção. Nunca o sentira tão sombrio. Atribuiu o fato ao desgosto.

Na cabeça de ambos estalava um vazio. A voz de Margarida subia, suave. Não lhe apetecia cantar, mas obedecia-lhe, sabendo que pouco mais podia fazer.

Alguns corvos esvoaçavam, nas ramadas nuas das árvores. Não sabia se tudo aquilo era verdadeiro. A única coisa verdadeira era a voz de Margarida, lutando contra tanta escuridão.

Nessa manhã, enquanto bebia o café matinal, Margarida surpreendera-o, mais pálida do que nunca, com os olhos maiores e mais encovados. Atribuiu o seu estado à dor e ao desgosto por que haviam passado. No entanto, os seus olhos estavam ainda mais belos do que habitualmente. Havia neles um fogo desconhecido, uma fímbria de ternura, que iluminava o rosto. Cada vez mais dançante, mais etérea.

A voz tornara-se-lhe mais límpida e queixou-se de um cansaço extremo. Ele também se sentia exausto.

— Estarás anêmica? Estás tão pálida... tens de ir ao médico.

— Sim, estou um pouco mais anêmica do que o costume... — respondeu, evasiva.

— Mas estás medicada, ou dizes por dizer?

— Pareces o meu pai, sempre preocupado comigo... sempre fui frágil. Tenho uma anemia congênita. De vez em quando piora. Só isso. Tomo ferro e passa, ao fim de algum tempo.

— Mas tens de averiguar a razão. — Respondeu-lhe o rapaz, obstinadamente.

— Bolas, não me estragues o dia, tu também... vamos preparar as coisas. Como muito e recupero. Quanto tempo ficamos fora? — Florimundo percebeu que aquela pergunta se destinava a desanuviar a tensão e a desviar o assunto.

— Uma semana? Na próxima, sabes que tenho o concerto. Tenho de voltar, assistir aos ensaios...

— Esse *requiem* vai dar cabo de ti, meu amor! Escrito tão em cima... — evitou as palavras, para não magoar o rapaz.

Depois da morte de Pedro pouco tinham falado sobre o assunto.

Ele entregava-se ao trabalho para esquecer a dor. Porém, ela aviava-se ao compor o *Requiem*, evitando pegar na composição em que se encontrava a trabalhar anteriormente.

Depois do desaparecimento do amigo, Florimundo receava voltar a pegar tão cedo na sua sinfonia, onde tinha desejado concentrar todas as suas energias, subordinando-a a uma ideia, uma ideia que dava unidade orgânica à composição. Pensou em esperar até que a força regressasse, essa pujança que havia constituído e suportado o núcleo melódico da peça.



A morte de Pedro feria-o. Tal como na morte do pai, ele acreditava que a música lhe traria o alívio, e evitava sobrecarregar Margarida, que sofria igualmente pela morte do melhor amigo da infância.

Até que a rapariga se aproximou dele, perguntando-lhe:

— Por que não falas dele? Não queres saber como era em miúdo? Lembro-me tão bem dele, tão suave. Sabes, tinha uns caracóis negros, era lindo... era muito diferente. Inocente...

— Margarida, para com isso, faz-me sofrer ainda mais...

Ela afastou-se. Perante o mutismo dele, a onda de cansaço que dele emanava, ela resolveu sair:

— Vou dar uma volta. Preciso de apanhar ar. Não queres vir?

Recebeu-a o silêncio.

— Sabes por que dizem ser a morte uma passagem? — A voz entrara na casa da montanha, vinda não se sabe de onde, pouco depois de Margarida ter saído.

Ele olhou em volta. O dia estava claro. A presença dele fazia sentir-se como uma nebulosa, que não deixava distinguir nada.

— Até agora? Nem um minuto de paz? Levaste-o... vens cobrar-me algo?

— Tssstt, que exagerado. Ainda tens muito para usar e gastar. O teu tempo é mais lento. Tu poupas-te. Ele não tinha nada a perder, vivia no fogo da paixão... era um rapaz encantador.

Florimundo sentiu que ele não brincava e que o gesto de piedade era autêntico.

— Por que falas assim? Encantador? Foste tu que o mataste?

— Que ideia idiota! Matar um ser tão encantador... Um animal perfeito, de uma intuição soberba... Perfeito em todos os aspetos. Meu filho dileto. A intuição dele, a vivacidade, a inteligência, a malícia e a capacidade de se exceder, não tinha medo de nada, nunca viste isso?

— Custa-me tanto entender! Também não tinha nada a perder, vivia como se cada dia fosse o último.

— Seres onde se combina a perfeição da intuição e a inteligência pura? A essas criaturas não lhes é concedido muito tempo num mundo odioso, mesquinho... lembras-te do que ele te disse? Enquanto milhões de crianças morriam de fome, tu aspiravas à perfeição musical?!

— Achava que os seres perfeitos deviam flutuar... — respondeu ironicamente — ele vivia Tateando à medida que caminhava...

— Não existem seres perfeitos, meu caro... — Respondeu o outro. — Posso fazer-te uma crítica? Na tua música existe uma falta de energia que não tem a ver contigo. Dir-se-ia que necessitas de fazer a última ultrapassagem. Falta ainda superares-te a ti próprio. Abdicar dos sentimentos, despojares-te da tua subjetividade.

— Ainda antes falavas nele como perfeito. Que contradição... e abdicar dos sentimentos? O que fica do homem depois disso? Mas creio que comecei a fazê-lo, desde a sua morte.

— Tretas! A tua Guidinha, sempre tão preocupada, tão solícita? Olha, bem a vejo, tem qualquer coisa de Eurídice, na sua palidez. Já reparaste?

Florimundo sentiu-se assaltado por uma cólera violenta. Sabia o que ele queria dizer-lhe. Arrepiado, pediu-lhe:

— Não, não ma roubes... já me roubaste o meu pai, o melhor amigo. Estiveste sempre lá.

— Precisas de aprender bastante sobre a relação entre vida e morte. Claro que isso não depende de mim. O próprio tempo trata disso...

— Não... — pediu-lhe, novamente, com um lamento oculto na voz. — Sabes, ela é a “minha voz”...

— E ele tinha *as tuas mãos*... Tudo a seu tempo, ao tempo é devido. Que frase lapidar, não é?

— Como posso desfazer o acordo? Já não quero nada. Desisto de tudo.

— Não, não se pode negar o que nos chama, o que nos guia e sabes isso tão bem quanto eu. Que espécie de vida seria a tua sem música?

— Estou esgotado. Sabes disso. Também Pedro... — Não chegou a concluir a frase.

— Não contei com a sua fragilidade. Uma característica humana, claro. Tu não me desiludirás. Sabes que a única possibilidade de celebrares a alegria está em ti...

— A alegria? — Perguntou Florimundo, atônito.

Não obteve resposta. A nebulosa tinha-se evaporado. Ficara o cheiro a enxofre, pairando no sítio. Inabalável.

Florimundo pegou no casaco e saiu a correr. Estava um frio de rachar. Não havia rasto de Margarida. Ela só devia ter seguido a vereda que faziam habitualmente. Conhecia mal o caminho. A erva estava molhada, a chuva deixara sinais na terra. De um lado e de outro da estrada de terra, viam-se os prados de um verde vivo.

As nuvens negras aproximavam-se, ao longe, e um vento frio anunciava chuva. Não lhe agradava nada saber que Margarida iria demorar-se, sem saber onde ela poderia ter ido. Arrependeu-se de não ter saído com ela.

Homens mantinham-se sossegadamente, à porta das casas. Alguns passavam pelas brasas, num sono ligeiro, eram homens cuja única preocupação consistia em ser nos dias e no tempo.

Florimundo invejou-lhes a placidez, a animalidade serena, mesmo quando estavam de olhos abertos. A vida era simples. Sem música, sem arte. Pernas fortes, os ventres proeminentes, o rosto rude e marcado pelos frios Invernos, em que saíam de madrugada, enfrentando o vento agreste e subindo as inóspitas escarpas, levando os rebanhos a pastar. Às vezes voltavam-se para o observar, mas depois recaíam no seu inabalável sossego.

Uma águia sobrevoava o rochedo mais proeminente. Ao longe, o rapaz observava-lhe o voo, em círculos, provavelmente esperando um coelho que se abrigara. De Margarida não havia sinal. Por fim, chegou ao lugar, onde ambos gostavam de ficar sentados a ver a luz tombar sobre a pequena aldeia. Ao final da tarde. Florimundo contornou a grande rocha que encimava o monte. A rapariga chorava desesperadamente.

Teve medo de aproximar-se e assustá-la. Tossiu ligeiramente, para avisar da sua presença. Ela levantou o rosto. Tinha os olhos vermelhos, o nariz inchado, estava irreconhecível de inchada. Nunca a havia visto tão desesperada. Pensara-a sempre de uma força inabalável, à semelhança da sua mãe. Clara jamais se lastimava ou chorava. Embora tivesse um ar permanentemente triste, de onde a alegria se exilara para sempre, desde a morte de Gabriel, jamais mostrava a sua fragilidade, aparentando uma indiferença por tudo o que fosse sentimental. Percebia, agora, a natureza dessa força que as mulheres possuem. Não passava de um disfarce que elas usavam. Guardavam a dor para os momentos de solidão, escondiam-na como uma maldição.

— Por que saíste sem mim? Deixaste-me preocupado...

— Só pensas em ti, na tua criação.

O olhar dela era acusador. As palavras atingiam-no inesperadamente. Baixou o rosto, reconhecendo o egoísmo, a indiferença com que a tratava. Não era bem uma indiferença, mas uma incapacidade de lhe dar o que ela queria.

— Não posso viver mais contigo, sabias? Não consigo lutar contra essa escuridão...

A economia das palavras atordoou-o mais que o seu significado. Recebeu o golpe, sem ser capaz de responder-lhe. Sabia que ela tinha razão. Não tinha nada com que defender-se.

— Não sentes nada por mim? — Limitou-se a responder.

Ela demorou a responder. Esperava que ele gritasse, barafustasse, mostrasse que a amava, em vão. As palavras dela queriam atingi-lo, provocá-lo, obter uma reação, mas ele não conseguia mostrar-lhe qualquer raiva, ódio ou amor. Ele estava vazio, exausto, triste de morte. Ficou apático, a olhar para ela, sem saber o que dizer-lhe, a não ser jurar-lhe que a amava.

Por fim, ela levantou-se. Disse, com um ar sério, de quem havia tomado a resolução havia bastante tempo:

— Mas não sentes paixão, eu preciso de paixão, de sentir-me desejada.

Florimundo soçobrou, as lágrimas teimavam em sair, contra a sua vontade. Percebia que ela precisava do que ele não conseguia dar-lhe.

— Volto para Paris. Não me sigas. — Disse-lhe ela, enfrentando-o com um ar distante, mas não zangado.

— Casa comigo. — Pediu ele.

— Seria sempre assim. Não posso... Preciso de vida, não é isto.

### **Tempus fugit**

Muito bem acolhido pela crítica, o *Requiem* era tocado frequentemente, agora que Florimundo dava concertos em Paris, Londres, Berlim. O reconhecimento chegara e a crítica não poupava elogios à grande revelação do ano.

Pedro, o acossado, o bêbado, o devasso, foi reabilitado e a peça de Florimundo contribuíra para essa aura. Já não era o homossexual excêntrico e devasso que haviam conhecido, mas o gênio tocado pela melancolia, devorado pela incompreensão e pela indiferença social. Os pais apareciam por tudo o que era sítio, em homenagens póstumas, reconhecendo no filho as qualidades extremas: um filho dedicado, amável e que, infelizmente, a desgraça tinha levado. Que isso podia servir de exemplo aos pais, quando vissem comportamentos estranhos. A depressão transformou numa vasta e enigmática explicação para tudo o que acontecera.

Chegavam mesmo ao cúmulo de reclamar uma pequeníssima parte da culpa, mentindo sobre as atitudes que tinham tomado para evitar a catástrofe. Mariana esteve presente em quase todos os concertos, mas já não conseguiu participar na última homenagem. Tinha-lhe sido detectado um cancro nos ossos. As metástases espalhavam-se por todo o corpo. Foi-se num dia de Primavera, quando não era suposto, de tão jovem que era.

Margarida veio a Portugal, passados alguns meses. Anunciou-lhe a nova. Estava grávida e ia casar. Não lhe perguntou, sequer, se ela era feliz. Abraçou-a e deu-lhe os parabéns. Ela retomara uma luminosidade e uma alegria que, com ele, haviam desaparecido. Não a fazia feliz. A tristeza dele contaminava-a, arrastando-a cada vez mais ao fundo. Embora a amasse, preferindo tê-la a seu lado, gostava de a ver assim, tão viva. Retomara o seu aspecto dançante. Engordara. Tinha o corpo roliço, a pele rosada. Estava linda.

Continuava a escrever-lhe. Ela também, após um breve interregno chegara à conclusão de que nada adiantava evitá-lo. Ele seria sempre o seu melhor amigo.

— Como é ele? — Perguntou-lhe com curiosidade autêntica.

Ela sabia que nenhuma espécie de malícia se escondia naquela pergunta.

— É fogo. Faz pensar na maneira de ser de Pedro...

— Curioso! Parece que ambos o amamos, não é? Cada um à sua maneira...

— Sim, nunca cheguei a aperceber-me disso. É como se ele sempre tivesse vivido entranhado em mim. Desde miúda. Puxava-me as tranças, batia-me, chamava-me nomes...

Florimundo riu-se. Desconhecia esse lado alegre de Pedro. O traquinas, o sacana.

— Um dia quis contar-te isso. Não me deixaste. Pedro foi sempre uma fonte de alegria para mim. Em ti há um peso com o qual se torna difícil viver...

— Talvez por isso o tente na música, arrancar este peso. Será rebuscado encontrar aí uma explicação?

— Não sei. Sei que és um magnífico compositor, um amigo incrível. Adoro-te.

— O que significa isso? Ser o melhor amigo? Que não há desejo? Atração? É isso que queres dizer-me?

— Nunca resultaria, sabes? Preciso de alguém que alimente a minha natureza etérea... com paixão.

- Sei-o. Não te exigirei nada. Nunca. Só a tua voz...
- Irás a Paris ter comigo... conosco?
- Claro. Arranjo uma semana algures entre o meu trabalho.
- Tens um emprego fixo?
- É difícil a permanência, ainda. Acho que o devo sobretudo ao Mohammed, que tem um bom emprego e eu vou-me safando.
- É giro, teres acabado por casar com um árabe. Não imaginaria.
- Não é árabe, ora bolas, é francês. Nem o Ramadão pratica, come e bebe fartamente. Viver em Paris é bom. Bem diferente de Lisboa. Tem uma vida cultural impressionante. Como músico irias adorar. E lá dar-te-iam mais valor...
- Sem dúvida, mas sabes que não posso deixar Clara só. Faz-me imensa confusão.
- Ela iria habituar-se. Mais tarde ou mais cedo, lindo, aparece-te a mulher dos teus sonhos e ela acabará inevitavelmente por ficar só.
- Ele olhou-a, sorridente. Havia uma esperança, uma escada lançada. No entanto, ele não podia confirmar-lhe a ideia de que apenas a amava a ela. Seria penoso imaginar-se com uma mulher que não fosse Margarida.
- Não. A mulher dos meus sonhos foi-se embora!
- Parvo, é o que tu és. Parvo, és lindo. Aparece certamente essa sujeita e mais depressa do que imaginas. Não podes é passar o tempo obcecado pelo passado. Os desígnios do amor são estranhos, Florimundo. Ele nasce, conhece períodos de acalmia, retorna, com a ausência, renova-se noutros seres...
- Hum! Conversa estranha a tua...
- Vives demasiado embrenhado na música, no teu trabalho. Para e olha um pouco à tua volta. Sai, conversa, repara no mundo.
- Sabes que reparo nele sempre do mesmo modo! Convertendo-o...
- Gostava de ser capaz de te amar inalteravelmente, sem oscilações, sem qualquer necessidade de outro tipo... a paixão, já ouviste falar?
- Um dia perceberás que tudo isso existe em mim.
- Meu querido, tu deslocas toda essa paixão para o que crias, não a transmites a ninguém. Não queria dizê-lo e comparar-te. Mas é um pouco como o que se passava com Pedro. Essa paixão escoava-se na música, era incapaz de se dar inteiramente a alguém, de se entregar.
- Eu entreguei-me.
- Acredito. À tua maneira. Equilibrada, com harmonia, proporção. Como se o amor fosse matemático, regular... frio.
- Magoas-me, ao dizer-me isso.

— Desculpa-me. Tinha de dizer-te. Quando saí não fui capaz. Sentia que havia algo que me fazia falta. Uma certa leveza. Não estou preparada para a tua forma de amar.

— E, no entanto, crês que o meu amor é inalterável.

— Sim, como o amor que sentes pela tua mãe. Absoluto, reconfortante, caloroso. Acho que o problema está mesmo em nós, na nossa natureza. A terra e o ar...

— Fala-me dele.

— Quem? Mohammed? Meu Deus, isso magoa-te.

— Não, não magoa. Gosto de saber que és feliz com ele. Espero que não te convertas... ou ao teu filho.

— E se isso acontecesse? Seria grave? Seriam duas tradições a que ele teria acesso. Provavelmente aprenderá árabe, espero que aprenda, é uma língua maravilhosa.

— Sim, mas ouve-se tanto disparate. Agora, sobretudo, com os atentados, este horror do terrorismo. Tenho curiosidade em conhecer Mohammed. Saber tudo... como é que ele te conquistou, por exemplo. Quanto a nós, sinto que sempre nos pertencemos, um ao outro. Talvez o erro tenha estado aí, tenhamos confundido algo que devia ter permanecido imaterial...

Ela tinha lágrimas nos olhos. Profundamente comovida, agarrou-lhe nas mãos:

— Eu também sinto que nos pertencemos um ao outro. Que fizeste sempre parte de mim. Quando penso em ti, evoco-te sempre dessa forma, sabes? A infância... tu ficavas ali a olhar-me. Eu brincava à macaca, ria com as minhas amigas.

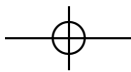
Ele interrompeu-a, espetando-lhe o indicador na ponta do nariz:

— Mohammed... conta-me. Bem, pormenores dispenso!

— Como o conheci? Ias espantar-te. Estava vestido de palhaço da primeira vez. Não era bem de palhaço, mas de Pierrot. Dançava naquela peça de Schönberg, o Pierrot Lunaire. Ele foi fantástico. Lembras-te da cena em que Pierrot vê os morcegos a tapar o sol, a mergulhar o mundo na escuridão? Creio que foi nesse momento. Um leve movimento de piedade, o olhar dele, atormentado, pousando sobre mim, foi o suficiente para que desencadeasse o imperceptível movimento da alma...

— Que romântica estás, nossa Senhora! E depois?

— E depois ele viu que eu fiquei para ali embasbacada a olhá-lo. À saída, chovia desalmadamente e eu tive de esperar, à porta do teatro, não levava guarda-chuva. Ele apareceu. Estava sozinha, ligeiramente comprometida, até parecia que tinha preparado o encontro.



— Deduzo que não tenhas partido imediatamente com ele. Que resististe! Quero acreditar que resististe...

— Sim, tentei. Ele falou-me, tem uma voz maravilhosa, é alto, magro, lembra imenso o Pedro... não é tão moreno, mas tem os mesmos olhos, largos, lembrás-te?

Florimundo arrepiou-se. As coincidências eram notáveis.

— Estou atônito...

— Eu também fiquei perturbada. Algumas vezes, sentia que era como se ele tivesse voltado para me ir buscar. Lunar, afastando a melancolia, os morcegos... mudemos de assunto, que estou a atrofiar!

— Não, continua. Um certo ceticismo, uma disciplina saudável não devem fazer-nos mal, acredita!

— Ele insistiu que eu viesse com ele. Tinha o carro a alguns metros dali. A zona não era segura, àquela hora, chovia imenso. Ia pôr-me a casa.

— E tu...

— Claro. Tinha decidido não voltar a amar.

— Mentirosa!

— O amor aparece do lado que menos espera. Como a morte. Nunca estás preparado...

— Acredito. E, todavia, essa imprevisibilidade é de uma beleza avassaladora, não é? Ser arrastado por algo que não se sabe o que é...

— De caminho, ele disse-me que tinha fome. Era cedo, ainda. Disse-lhe que havia uma brasserie ao pé da minha casa. Ele respondeu-me, muito naturalmente, que detestava comer sozinho.

— E tu, muito naturalmente, acedeste a fazer-lhe companhia. Vejo... noites frias, solidão e Paris...

— Vá lá, não me gozes.

— A sério, estou a gostar. É tão bonita, a vossa história!

— Não houve nada de forçado. Apaixonamo-nos e foi tudo... ele perguntou-me o que fazia.

— E tu disseste que cantavas.

— E ele pediu-me para ouvir.

— E tu respondeste-lhe que isso teria de ser em privado... porra, estou a ficar cheio de ciúmes. O que cantaste?

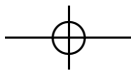
— Ah! — Ela sorriu-lhe, com o seu ar cúmplice.

— A *Avé Maria*, claro! E que mais?

— Algumas peças de Schönberg.

— Corajosa, hem?!

— Achei que, se ele era o Pierrot, eu poderia ser uma parente...





— E depois?

— E depois passei um mau bocado. Sem saber se era só amizade da parte dele, sem me atrever a nada. À espera de que ele me dissesse algo...

— E suponho que ele também esperava.

— Exatamente. Fazíamos-nos doer um ao outro, para termos a certeza. O desejo físico era imperioso. Um dia beijei-o e parecia que tinha ido à lua.

— Ele disse-te que tinhas afastado os morcegos todos, claro! E depois?

— Hum! Mudemos de assunto. Vens jantar à minha casa, amanhã? Tenho saudades tuas. Poderíamos conversar e vejo em ti uma tristeza que não me agrada.

— Por favor, não me arrastes a esses jantares onde todos esperam, em vão, que o gênio faça salamaleques. Dói-me muito tudo... agora. Gosto de estar só. Ouço música, leio, sabes como é.

— Mas tens de dar-te com pessoas, fora do ambiente de trabalho. Repara como estás cada vez mais fechado sobre a música. Tudo o que te rodeia vive dela. Creio mesmo que o suporte da tua vida...

Não continuou a frase. Percebeu, pelo olhar dele, que se encontrava bastante longe, embora a fixasse. Não era preciso muito para compreender que ele ainda a amava. Agarrou-lhe a mão e insistiu:

— Amanhã à noite apareces, não apareces?

— E tu cantarás? — Perguntou ele, esperançado. — Tenho saudades de ouvir-te cantar.

— Sim, será como antes. Tu tocas e eu canto.

— Não fales dos tempos antigos. Tudo ruiu, desde a morte de Pedro.

— Bolas, liberta-te disso. Já passou tanto tempo, desde aí!

— Não conseguiria explicar-te isto. Não sobrevivi ao olhar dele. Esse condão estranho que ele possuía sobre mim. Depois da morte dele, uma enorme tempestade varreu tudo em que acreditava, percebes?

— Meu querido, não podes passar a vida inteira apegado à memória de Pedro. Escreve, liberta-te dessa dor, transforma-a. Terás de viver com ela toda a tua vida. Como eu. Como todos os que lhe eram próximos.

Os olhos de Florimundo encheram-se de lágrimas.

— Dói-me sempre tanto, tudo. De cada vez que toco aquele *requiem*, é como se revivesse tudo.

— É isso que faz de ti o que és. A tua capacidade de sentir, de te ligares às coisas, de estares simultaneamente na profundidade e subires à superfície... — a voz dela teve um sobressalto inesperado, devido à emoção, que transparecia claramente.

A aragem marítima chegava até eles. O mar era todo deles, ali à sua frente. O vento veio despentear o cabelo de Margarida. O sol baixava, no horizonte. Fulva, uma mancha, anunciava um outro dia quente, no horizonte. Ele olhou-a, emocionado. Uma sucessão de recordações assaltou-lhe o cérebro. O corpo dela, macio, a penugem loira a desfazer-se sob os seus dedos. Os lábios vermelhos. E o sol vinha poisar agora, sobre os mesmos lábios que ele beijara com amor. Teve vontade de acariciá-la, como fazia quando viviam juntos. Ele passava-lhe as mãos pelo cabelo macio, ela aconchegava-se e aninhava-se no seu colo. O silêncio vinha e a ternura arrastava-os. A música, tão suave, como havia muito tempo que não lhe acontecia, explodiu-lhe por dentro. Apertou os maxilares, opondo uma barreira diante dos seus sentimentos.

Por mais que se esforçasse, vinha-lhe à memória o corpo de Margarida, como naquele dia em que tinham vindo jantar no mesmo sítio. Passearam pela praia e ela dançara diante ele. O corpo dela obcecava-o, na noite mansa. Tinha um vestido claro que caprichava contra o vento e a escuridão. Dançava mentalmente, sem precisar de música, tal como ele podia ouvir a peça que ela ouvia. Ela dançava Rachmaninoff, mas a liberdade dos seus gestos pela praia fora, o vestido oscilando na noite luminosa e as suas pernas altas a lembrarem os movimentos de uma garça... ele e ela a ouvirem interiormente essa música sem precisarem do som, tudo isso lhe parecera tão deslumbrante nessa noite que ainda vivia em si como a mais bela das suas memórias, agora dilacerando-o, rasgando-o como uma ferida em carne viva. Quando não se precisa de mais nada, nem do som, mas havia o mar, esse marulhar eterno e as pernas dela dançavam ao som do mar, sem precisarem de nada mais. Era isso a liberdade, o canto sem voz nem música, rente ao silêncio. Em nós o mundo e a linguagem.

Doeu-lhe novamente o passado, o azul do mar, que brilhava ao longe, o rosto de Margarida, tão ausente e simultaneamente tão próximo. Percebia a impossibilidade à flor dos dedos, essa impotência de tocar-lhe, apesar de o desejar intensamente. Quase compreendia que Margarida não o evitaria, se ele o tentasse. Mas qualquer resposta da parte dela seria apenas compaixão. Talvez de ternura, pelo passado que os tinha unido estreitamente. Era amor, ela não o sabia ainda ou talvez suspeitasse, mas era isso o amor. Uma das suas formas, irreparável.

Sentiu-se miserável. Julgara poder alcançar um ideal, um domínio mágico do mundo através da música e percebia agora que era essa mesma compreensão que o afastara dele. Em tudo. Que toda a vida perseguira um sonho e se encontrava agora diante dele, a coisa mais im-

portante da sua vida. Aquela mulher que se afastava dele, mergulhando para sempre na sua memória.

Começava a fazer frio. Preocupou-se com ela. Com a criança que trazia no ventre. Quase que a sentia como dele, a mesma ânsia de proteção. Pouco lhe importava que a criança não fosse dele. Sentia uma emoção muito forte, uma ternura relativamente a esse pequeno ser que ainda não possuía um rosto. Ela continuaria a ser dele. De uma outra maneira. Sempre dele, através dessa criança que também seria um pouco dele. A sensação consolou-o.

— Estou desejoso de ver a criança. Como vai chamar-se?

Ela acordou do seu devaneio. O sol brilhou nos seus dentes perfeitos.

— Nome? Hum... Mohammed quer um nome francês, eu um nome português.

— Podes sempre pôr-lhe o nome de Pedro. Seria justo e certamente que lhe agradaria. De certo modo uma homenagem...

— Sim, num sentido dúplice. Pierrot e Pedro... Já tinha pensado nisso. Mas, se for rapariga? É mais complicado.

— Não sei. Adoro o teu nome. Tem tantos ecos! Mohammed não gostaria?

— Há sempre uma mãe, uma tia, uma ave agourenta por perto.

— ... Mélisande.

— Hum, acho que ele detesta!

Anoitecia. Ela precisava de voltar. Ele tirou o casaco e obrigou-a a vesti-lo. As mangas desciam-lhe pelos braços abaixo, demasiado compridas.

À despedida, olhou-a demoradamente.

— ... Acho que é a tua voz que me falta. Era ela que me arrancava à tristeza. A tua voz pairava sobre a minha tristeza e desfazia-a.

— Não se pode fazer nada contra a solidão, Florimundo. Creio que é esse o teu destino, esse que há de levar-te mais longe... — ela queria animá-lo, deixá-lo cheio de confiança. Percebera que a esperança, tão habitual nele, já não existia.

— Fazes a mínima ideia do que estás a dizer? Destino? Que espécie de clichê é esse? Desde quando acreditas nessas coisas?

— Já não acreditas em ti, na tua música?

— Já não sei em que acreditar. Essa é a verdade.



— Toda a gente corria esse risco, ao deixar-se apanhar por Pedro.  
— Ela baixou o rosto. Parecia olhar para dentro. Talvez recordasse a pior parte de Pedro e não quisesse transparecer diante dele. — Ele encarregava-se de destruir ilusões. Vejo que foste contaminado pela doença dele. — Agarrou-lhe na mão e beijou-a.

Como uma irmã, com a neutralidade de uma amiga. E continuou:

— Por amor de Deus, afasta-te disso. A vida é renascimento... Por que complicas tudo? Antigamente rodeavas-te de uma solidão cheia. Bastava-te a música, o ar que respiravas. Lembras-te? Eras de tal maneira feliz na tua solidão que eu não sabia em que porta haveria de bater...

Ele respondeu-lhe com um silêncio pesado. Sim, recordava-se de tudo. Daquele dia em que fora encontrá-la por detrás do penhasco, lavada em lágrimas. E ele compunha o tempo todo, enquanto ela chorava.

— É bem verdade que só nos apercebemos das coisas depois de as perdermos.

— Assustas-me.

— Não te preocupes. Isto já passa, é tudo junto. Ainda não encontrei ninguém que vos substituísse, a ti e ao Pedro.

Ela abriu a porta do carro, ergueu-se com alguma dificuldade, que ele não estava habituado a ver-lhe.

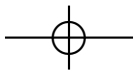
— Por este caminho, para o mês que vem, nem me atrevo a entrar em carro nenhum. É uma vergonha. Sinto-me gorda e feia. E Mohamed não ajuda nada. Passa o tempo todo a dizer-me que devia comer menos...

— Eu acho-te ótima. Recuperas o peso depois.

Ele ficou a vê-la afastar-se. Ela andava de uma maneira estranha e pesada. Como uma pata pesada. Um andar de grávida que lhe dava imensa graça. Amou-a, tão diferente do que havia conhecido.

E, involuntariamente, aquela casa onde ela se encontrava agora, ao pé da praia, recordou-lhe a sua infância.

Regressou, não a casa, onde o esperava a desolação do olhar materno e a solidão do quarto, mas à praia, onde a tarde mergulhava na escuridão. Deixou-se estar dentro do carro, perto da casa arruinada da falésia. O seu espírito recusava-se a ouvir música, sobreveio-lhe um cansaço inesperado. O sol refulgiu, por instantes, incidindo nas ruínas. Essa imagem fê-lo voltar atrás no tempo. O tempo da casa envolta no crepúsculo, em que as aves a rodeavam. Apetecia-lhe demorar-se naquele horizonte, desfazer-se na luz, dissolver-se no silêncio, em adágio lento, lentíssimo.



Pela primeira vez, percebeu que pensava em si como uma parte da sua própria música, não se distanciava dela. Ela vinha e integrava-o nesse universo feito de ruínas e de memória, que o envolvia por inteiro. A sua existência material fragmentava-se na leveza da música. Ela abraçava-o. A vida por dentro dela. Tudo o que fazia parecia-lhe estranho, excessivo. Sentia que já não podia fugir-lhe. O mais insignificante gesto, uma simples deslocação de ar esgotavam-no.

Como Ahab, o capitão amaldiçoado, indo ao fundo do mar, preso para sempre à baleia branca. Ou um Jonas perdido, que era engolido pela baleia-música. Escura, cheia de escolhos, de objetos que não se deixavam vislumbrar, num útero que o subtraía ao mundo. Das paredes da barriga ressumava uma sonoridade que se entranhava no corpo todo. Um rumor ampliado pelo imenso ouvido que era aquele gigantesco ventre. As vozes múltiplas que lhe chegavam, vindas de todos os lados e de nenhures.

Lá fora o mundo talvez fosse transparente, mas ele nada sabia dessa claridade brutal, insuportável aos seus olhos. As leis da vida, que eram os algozes dos homens, apertavam-se à sua volta. E, todavia, procurava ainda lutar contra a escuridão. Soube-se totalmente encarcerado. Entre a luz e o enigma escuro, a fonte. O paradoxo da criação, em toda a violência dialética.

Reconheceu, então, que o último obstáculo havia sido ultrapassado. Já não precisava de procurar a dionisíaca força da criação. Estava dentro dela e ele próprio era um instrumento desse ventre medonho, sem voz nem qualquer limite. Informe.

Assaltaram-no os versos de Eliot, em “Burnt Norton”, ecoando poderosamente na sua memória, como passos numa casa silenciosa: *“Desce mais, desce apenas/Ao mundo da solidão perpétua,/ Mundo não mundo, mas aquilo que não é mundo.”* Depois o vazio, paralisando-o. Conhecia aquela sensação que ultimamente o acometia tantas vezes, projetando a sombra da morte sobre tudo, mastigando-o e desfazendo-o.

Fechou os olhos. Sonhou que a morte deixara de existir. Era como se um outro se tivesse insinuado em si. *Não há um centro*, pareciam gritar todos os lugares dispersos que havia em si.

Devia haver um lugar onde pudesse rezar, pensou. Onde houvesse música e luz, e não a selvática profusão de sons que o arrastava ao fundo de si próprio, em cântico infernal.

Desta vez, o negrume teimava em persistir. As palavras tinham desaparecido, tinham-no abandonado. Sentia-se um bárbaro, incapaz de pensar, de traduzir os seus pensamentos em linguagem que fosse audí-



vel. Sabia que ninguém o entenderia, revertera ao puro estado animal. Apenas escorria aquele cântico por si, uma cacofonia que teimava em permanecer, ampliando-se. Uma sinfonia incessante, martelando-lhe os ouvidos, cada vez mais alto, mais insuportável. Teria de a escrever, para se libertar dela.

Soube então que tinha pouco tempo para terminar o que tinha entre mãos. Mesmo que os outros não se apercebessem disso, sentiu-se enlouquecer, naquela algarviada infame. De repente desatou a rir, ruidosamente.

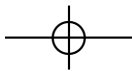
Saiu do carro com a cabeça a latejar, procurando o frio, a aragem que lhe devolvesse um fio de repouso. Não conseguia pensar, apenas ouvia a música, sempre aquela música, que o conduzia à maior desolação, às profundezas de um território interdito. Desatou a correr e desceu até a praia. Já era noite e via a brancura das ondas, que se desfaziam na areia. A calma desse som acalmou-o um pouco, atenuando-lhe o negrume interior. Algumas gaivotas voavam por ali, mesmo na rebentação das ondas.

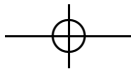
Avançou pelo mar adentro e lavou o rosto. As lágrimas confundiam-se com o gosto do sal, que se entranhava nos lábios. Lambeu o sal, tinha saudades de quando era miúdo e era uma das coisas que mais adorava. O gesto acalmava-o, levava-o à infância. E percebeu, então, o modo como a mais sublime beleza pode, de repente, revelar o lado mais insustentável do horror. Como desejar tanto algo, isso pode destruir-nos, fazer-nos sofrer ao ponto de já não podermos olhar o que antes havíamos desejado.

Deixou-se estar, deitado na areia, o frio a roer-lhe o rosto, quieto, inane. Estava morto, morto. O som continuava a martelar-lhe os ouvidos. Daqui a pouco tudo estaria bem, poderia voltar e ser, como sempre. Só precisava que a violência da criação o abandonasse, esse tormento que era movido pela melancolia. Saíra desse ventre onde as coisas escuras não são nomeáveis e lâminas de fogo lutam contra as palavras e os sons e onde tudo é incandescente.

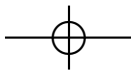
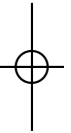
Quando chegou a casa, a madrugada ia alta. Entrou em silêncio, para não incomodar a mãe. Tinha-se transformado num farrapo, um louco. Um outro lutava em si para se libertar. Um outro irreconhecível, sem leis de espécie alguma, capaz de tudo para saciar o seu prazer. Sabia-o e reconheceu-o, ao olhar-se ao espelho.

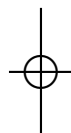
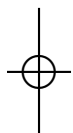
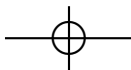
Envelhecera. Por detrás do seu olhar claro, o outro, o louco espreitava. Teve medo de si próprio, encolheu-se na cama, tapou-se e chorou como uma criança. Adormeceu e sonhou com o pai. Num tempo de gai-





votas e de luz. O pai chegava e abria a porta. O sol entrava a rodos pelo quarto, incendiando tudo. Ele enchia-se daquele amor, onde a alegria era uma flor delicada. Guardada no silêncio do olhar de Gabriel.





Adverte-se aos curiosos que se imprimiu este livro em nossas oficinas, em 27 de novembro de 2020, em tipografia Libertine, com diversos softwares livres, entre eles, Lua<sup>®</sup>, ~~TeX~~TeX, git & ruby.  
(v. 70c96eb)

